

Título: TABUAÇO – Um Passado Presente

Coordenação: ARQUEOHOJE, Lda

Autores: João Miguel A. Perpétuo, Filipe João C. Santos, Pedro Sobral de Carvalho,
Luís Filipe C. Gomes, Artur Alpande Serra

Entidade Responsável: ARQUEOHOJE, Lda

Design Gráfico: ARQUEOHOJE, Lda. Comunicação e Imagem, Lda

Fotografia: ARQUEOHOJE, Lda

1999: ARQUEOHOJE, Lda

Edição: Câmara Municipal de Tabuaço

Co-Financiamento: PRONORTE, Programa Operacional do Norte

Tiragem: 750 exemplares

Execução Gráfica: Tipografia Guerra, Lda

Depósito Legal: 144436/99

ISBN: 972-96162-3-X

1. INTRODUÇÃO

Pese embora a inexistência de uma exaustiva carta arqueológica concelhia, bem como o aparente “vazio” no panorama científico/patrimonial – aqui e ali pautado por informações dispersas e algo imprecisas, por vezes já bastante antigas –, desde há muito que se adivinhava a importância do Património Arqueológico desta região, nomeadamente da Pré-História até finais da Época Medieval (séc. XV).

Na verdade, alguns autores referiam-se já à existência de povoados e manifestações de arte rupestre pré ou proto-histórica [III^o/I^o milénio antes de Cristo], fragmentos cerâmicos [...] dispersos à superfície dos terrenos indiciando a presença de vestígios romanos [sécs. I/V d.C], lagares ou sepulturas antropomórficas escavadas na rocha inseríveis no período medieval.

Sem dúvida informações dignas de toda a atenção, esperando ao longo dos anos pela sua subsequente aferição, descrição, identificação cartográfica, recolha de materiais, salvaguarda e promoção turístico/cultural.

Especial destaque para a riqueza do património edificado religioso, mormente o medieval. Neste âmbito, cabe destacar, pela sua beleza e monumentalidade, as igrejas de fundação românica de S. Pedro das Águias e respectivo mosteiro, Santa Maria do Sabroso e Barcos.

Importância acrescida pela diversidade e originalidade do abundante património da fidalguia senhorial ou rural, pontilhado aqui e ali por um dos mais singulares símbolos do poder local – os pelourinhos –, lembrando a instituição de antigos concelhos medievais através da concessão de cartas de foral onde se regulamentava a administração, as relações sociais, direitos e encargos dos moradores de um determinado território. Testemunho de poder local conservam-se ainda nas povoações de Arcos, Chavães, G ranja do Tedo, Sendim e Valença, tendo-se perdido o de Paradela, Pinheiros e Távora.

Para uma melhor compreensão do público em geral, e ao longo de todo o texto, optou-se pela utilização de datas convencionais.

De Tabuaço, cuja documentação é escassa ou mesmo inexistente, foi-nos recentemente comunicado pelo Senhor Augusto Guimarães a descoberta de restos dele, devendo urgentemente ser recolhido pela Autarquia por forma a garantir a sua preservação e talvez mesmo um subsequente restauro. O mesmo é extensivo ao de Longa, cujos restos servem de suporte a um piso superior de uma habitação sito no Largo da Praça desta aldeia.

As antigas vias de comunicação – quiçá com substrato de origem romana –, as velhas pontes, a beleza ímpar da paisagem. o rio Douro e seus afluentes, a gastronomia, o inconfundível vinho generoso. o artesanato. os contos populares acrescentando um ponto à abundância das lendas de mouras encantadas, as quintas rurais, as casas dos camponeses, as vinhas.... enfim, tanta coisa que vale a pena admirar e contemplar neste concelho da Região de Turismo do Douro Sul.

Atenta a esta realidade, a Câmara Municipal de Tabuaço, pensando numa futura colaboração com o Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional, solicitou à empresa ARQUEOHOJE – Conservação e Restauro do Património Monumental, Lda, a elaboração de um projecto que contemplasse todo um conjunto de acções visando a inventariação, salvaguarda, valorização e divulgação do rico património arqueológico ainda existente nesta agradável região do Alto Douro.

Sem dúvida aspirações legítimas quando se pretende “ofertar” o património arqueológico numa perspectiva global e integrada do território municipal, assim como a sua importância no desenvolvimento comunitário

Pesquisa, elaboração, concepção e edição de um roteiro turístico/cultural, recolha/estudo de materiais, beneficiação, recuperação e dinamização da Citânia de Longa, valorização, sinalização e divulgação das gravuras rupestres do Cabeço das Pombas/igrejas românicas de S. Pedro das Águias e de Santa Maria do Sabroso, concepção/execução do núcleo arqueológico no posto de turismo, produção de vídeo/duplicação de videocassetes, eis alguns dos objectivos propostos.

No fundo, os primeiros passos para uma digna e verdadeira preservação, valorização e musealização dos elementos patrimoniais mais significativos da arqueologia local, divulgação e promoção turística de percursos arqueológicos auxiliados pela respectiva sinalética, painéis explicativos, desdobráveis e roteiros turísticos, pretensões essas articulando-se com outros elementos de dinamização local – estalagens, pousadas e unidades de turismo local.

Na verdade, e num todo, a Região do Douro Sul assume-se cada vez mais, pelas suas reservas naturais e patrimoniais, como um espaço onde é possível conciliar o desenvolvimento económico com a conservação/reabilitação da natureza e do passado histórico.

Perante estas e outras questões similares, é preciso estimular a consciência das populações e o seu interesse pelo património herdado, realçando a rentabilidade social e cultural que proporcionam os trabalhos arqueológicos realizados com garantia científica e difusão pública.

O turismo cultural! é hoje um fenómeno em voga, fazendo parte da cultura do ócio, do aumento do tempo livre e de pessoas que desejam viajar calmamente, cultivando-se e obtendo documentos escritos que complementem com a visita aos museus e às estações arqueológicas musealizadas.

É este o desafio que o Presidente da edilidade local, Dr. Pinto dos Santos, pretende incutir no seu território de administração, desafio esse tendo como ponto de partida para outras acções futuras o projecto que agora se dá à estampa. Acima de tudo o enérgico impedimento de qualquer acção que possa colocar em causa a preservação de tão importantes testemunhos do passado. No fundo, o dar a conhecer para preservar.

Após devidamente submetido à apreciação da Comissão de Coordenação da Região Norte, e posteriormente aprovado no âmbito do Sub-Programa C do PRONORTE, a edilidade local adjudicou à empresa ARQUEOHOJE a execução do projecto “Arqueologia, Património e Desenvolvimento Local – Vestígios Arqueológicos no Concelho de Tabuaço – Promoção e Uso para Dinamização Turística”.

Pese embora inicialmente apenas se prevesse uma simples pesquisa das informações arqueológicas escritas ou orais mais relevantes visando um mero roteiro turístico/cultural, entendeu-se por bem e independentemente do tempo/esforços acrescidos, pela prospecção exaustiva de campo por forma a permitir a identificação do maior número possível de vestígios atestando a presença humana desde a sua fase mais remota até ao período medieval – IV^o milénio antes de Cristo até ao século XV.

Sem dúvida uma base de dados de capital importância permitindo um melhor conhecimento da ocupação humana por terras de Tabuaço e, ao mesmo tempo, um suporte patrimonial que permita às entidades competentes uma eficaz política de preservação desses tão importantes testemunhos do passado.

Permite-se desde já alertar para tão árdua tarefa, não sendo de admirar que novos testemunhos sejam dados ao conhecimento após a elaboração deste primeiro inventário cujos resultados agora se divulgam. Resultados genericamente abordados visando o público em geral, pese embora o rigor científico que lhes é devido.

Não queremos deixar de alertar para as interpretações cronológico/funcionais que se dão à estampa para determinados locais com vestígios arqueológicos, interpretações essas que deverão ser sempre entendidas com as devidas reservas face à relativa escassez de testemunhos/informações disponíveis sobre o tema e inexistência de qualquer tipo de intervenção arqueológica inviabilizando, para já, uma sólida e segura aferição das aparências não raras vezes transmitidas por recolhas pontuais de superfície. A título de exemplo, cite-se a Citânia de Longa cujos artefactos compulsados indiciam uma fase cronológica aparentemente inserida no Bronze Final, não significando isto que tal povoado tenha sido só ocupado nesta fase ou que as muralhas lhe sejam contemporâneas.

Acresce referir o aparente vazio de alguns locais cuja toponímia. Tradição popular ou bibliográfica indiciavam a presença de testemunhos do passado. A este propósito, e a título de exemplo, cite-se o abrigo sob rocha da "Fraga do Lobisomem" e do -Castro de Fradinho" (Tabuaço), as hipotéticas gravuras rupestres da "Ponte do Fumo" (Pereiro), o "Castro de Valença do Douro" (Valença do Douro), o "Cabeça da Moira (Arcos), a "Mesinha do Redoiro" (Longa), a "Casa dos Mouros" e o "Monte Rei" (Granja do Tedo), a -Pedra das Ferraduras" (Paradela) e a "Lapa da Pena" (Carrazedo).

Indispensável para a prossecução das actividades foi, sem dúvida, a colaboração prestada por todo um conjunto de individualidades, amigos ou investigadores a quem expressamos os nossos sinceros agradecimentos.

Assim, e desde já, as nossas palavras de apreço ao Presidente da Câmara Municipal de Tabuaço, Dr. Pinto dos Santos, pela simpatia, empenho e disponibilidade de meios técnicos sempre que necessários, à Doutora Maria de Jesus Sanches, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pela consultadoria científica a propósito do restauro da muralha da "Citânia de Longa", ao Dr. João Pedro Bernardes, da Universidade do Algarve, pela leitura crítica e sugestões a propósito da dominação romana. Ao Senhor Augusto Guimarães, pelo muito querer, companhia e informações, ao Senhor António Tojal, ao padre Luís Ribeiro da Silva, pároco de Barcos/Tabuaço, aos elementos integrantes das diversas Juntas de Freguesia e ainda à comunidade em geral de Tabuaço pela simpatia com que sempre nos acolheu.

2. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO DO CONCELHO DE TABUAÇO

O concelho de Tabuaço, integrando a Região de Turismo do Douro Sul, pertence administrativamente ao distrito de Viseu. A sua população conta com quase oito mil habitantes repartidos pelas dezassete freguesias que o constituem. A economia deste concelho, e à semelhança da região onde se encontra, assenta sobretudo na agricultura, destacando-se o vinho generoso como produto principal por excelência. Também o azeite e a batata, assim como os cereais, a baga de sabugueiro ou as cerejas de Távora, constituem parte desta riqueza agrícola. O comércio, hoje em dia mais diversificado, bem como a indústria ainda que incipiente, aportam alguma riqueza a esta região.

Os graves problemas com que se debatem os nossos concelhos, principalmente os do interior, são os da acessibilidade, em grande parte resultante da fragilidade e precariedade das suas vias de comunicação. Problemas que também este concelho conhece. O desenvolvimento de Tabuaço, ainda que usufruindo de fundos comunitários, torna-se por vezes lento e moroso. Integrado numa região que tão bem se conhece, talvez sem nunca se ter visitado, tem grandes possibilidades de incrementar um desenvolvimento próprio

tirando proveito do que tem para oferecer. O Douro não se esgota com a vinha, ainda que seja esta a realidade mais visível e abrangente, a grande impulsionadora das gentes desta região.

A grandeza artificial, com todo o esforço a ela inerente, que o Homem desde há muito tem vindo a criar nestas regiões produtoras de vinho fino – geralmente conhecido por Vinho do Porto –, ofuscam por vezes outras particularidades que nem sempre se tornam perceptíveis a quem visita esta surpreendente parcela do nosso país.

Foto - O império da vinha

O concelho de Tabuaço integra-se na Região Natural de Trás-os-Montes e Alto Douro, distribuindo-se esta área concelhia (Beira-Douro) pelas Sub-Regiões Naturais do Douro Vinhateiro (junto ao Rio Douro e curso superior do Távora, dominando a monocultura da vinha), do Tedo (a oeste, junto ao Rio Tedo) e Távora (junto ao Rio Távora para sul), ambas com significativas culturas de regadio, bem como a Sub-Região de Chavães (a meio entre os Rios Tedo e Távora) com relevo montanhoso propício à pastorícia.

Neste concelho podemos observar, sob o ponto de vista geológico, duas formações distintas que ocorrem à superfície. A norte, a formação mais antiga, de origem metamórfica xisto-gravítica, e a sul a eruptiva gravitóide que rompeu posteriormente à primeira. As diferenças que se operam a norte e a sul do concelho são compreensíveis, uma vez que tais formações têm características diferentes entre si, notando-se na própria natureza dos solos que são provenientes das respectivas rochas mãe.

Os xistos e os grauvaques estão inseridos numa grande mancha que se estende desde Vila Nova de Foz Côa e de Freixo de Espada à Cinta, seguindo até à serra do Marão. Os granitos inserem-se na outra grande mancha que, vinda da Guarda, segue até ao Minho. Estas duas formações geológicas cortam o concelho de Tabuaço por uma linha de intersecção quase horizontal. Esta linha passa um pouco a sul da própria área da sede concelhia.

No que diz respeito aos xistos, o importante será dizer que se tratam de xistos argilosos duros e muito friáveis, dando origem a solos cascalhentos que retêm e reflectem as irradiações solares, tornando-se escaldantes no Verão.

A particularidade destes solos, que facilitam o amadurecimento das uvas dando mostos muito ricos em açúcar, fazem desta uma região vinhateira por excelência e vocacionada para a produção do “vinho do Porto”. Nas zonas mais baixas da várzea, para onde as partículas finais são arrastadas, aparecem os solos de xistos muito argilosos que, para se tornarem bons terrenos agrícolas, têm que ser bem revolvidos e trabalhados. Estes solos por si só não são solos quimicamente bem equilibrados, pois apesar de serem ricos em potássio são pobres em cálcio e fósforo. A cartografia geológica regista que para sul dos xistos se estende a mancha dos granitos ocupando quase dois terços do concelho.

Comparativamente aos xistos, os granitos apresentam à superfície formas mais arredondadas devidos aos efeitos dos fenómenos erosivos. Os solos graníticos são, na sua generalidade, grosseiros, fracos e delgados nas encostas, tornando-se até esqueléticos. Podem, no entanto, apresentar-se mais fundos e de boa textura nas zonas mais baixas.

Os melhores solos do concelho de Tabuaço serão porventura os deste tipo, em terras baixas, desde que tenham uma boa drenagem. Ótimos solos para a cultura de pomares e produtos hortícolas.

A hidrografia deste concelho é dominada pelo rio Douro e respectivos afluentes – Torto, Tedo e Távora –, constituindo esse conjunto e respectivas linhas de água subsidiárias a bacia hidrográfica de todo a área ocupada pelo concelho de Tabuaço.

3. AS PRIMEIRAS COMUNIDADES HUMANAS

O Homem, com escassos milhões de anos de vida, constitui uma personagem ainda recente num cenário de muitos milhões de anos do nosso planeta. A espécie humana conseguiu evoluir de tal maneira que lhe permitiu, inclusive, a conquista de novos mundos, atingindo aquilo a que há cerca de 100 anos atrás seria impensável – o próprio Espaço. Até essa conquista, o ser humano utilizou, inventou e aperfeiçoou diversos utensílios, tornando-os mais práticos e duráveis com o recurso ou fusão de novas e diferentes matérias-primas. Como alguém um dia disse, “a necessidade aguça o engenho”. Foram estes utensílios – primeiro em pedra, osso ou madeira e depois em cobre, bronze ou ferro, bem como os recipientes cerâmicas – por vezes fragmentados e muito incompletos, que ajudaram os investigadores, a par dos restos das suas construções, a traçar a evolução numa continuidade e lançar o olhar sobre uma paisagem que desde o início se mantém em constante mutação. É dentro deste cenário que o Homem nasce, vive e morre, deixando esses testemunhos na sua passagem. Podemos desta maneira quase adivinhar os gestos e as palavras que ainda são “visíveis” desde a sua origem.

Também aqui em Tabuaço desconhecemos ao certo qual o momento em que pela primeira vez o Homem calcorreou os vales e serranias. Sabemos, no entanto, que ele viveu nesta região pelo menos desde o Neolítico. Comprovando-o estão uma série de sítios datáveis deste período, nomeadamente a ocupação de um abrigo sob rocha com pinturas sobranceiro ao rio Távora, na freguesia de Paredes da Beira, concelho vizinho de S. João da Pesqueira – a *Fraga d’Aia*. A escavação deste local, na década de oitenta, revelou-se de extrema importância para a compreensão do processo de Neolitização ocorrida neste espaço geográfico.

O local, segundo as informações arqueológicas recolhidas, terá tido uma ocupação cuja fase mais antiga remontará a finais do Vº milénio a. C., e estendendo-se pelo milénio seguinte. Terá sido nesta época que se elaboraram os primeiros motivos pintados a vermelho – provável cena de caça a um cervídeo. Numa fase mais tardia, talvez em época proto-histórica, foram pintadas mais figuras, com especial destaque para um friso de esguias figuras humanas excepcionalmente bem conservado.

Foto - Abrigo pré-histórico da Porqueira (Granjinha)

As informações obtidas através da escavação, análise e interpretação dos resultados e motivos pintados deste abrigo permitiram chegar a algumas conclusões sobre a ocupação humana tida nesta região ainda no Neolítico antigo. A economia destas comunidades baseava-se certamente na caça (atestada através da caça a um cervídeo registado num dos painéis pintados), tirando ainda proveito do que os rios e a própria natureza lhes teria para oferecer, bem como numa agricultura ainda muito incipiente sem que haja contudo provas directas do modo de vida produtor [JORGE, S.,1999: 27]. A pastorícia ter-se-ia por esta altura desenvolvido e incrementado, permitindo que o Homem tirasse proveito de recursos que até aí não tinha utilizado.

Os vestígios habitacionais do Neolítico não são fáceis de identificar, uma vez que estas populações possuíam um modo de vida semi-sedentário, calcorreando vastos territórios marcados aqui e além por sítios monumentalizados (como talvez o abrigo da Fraga d’Aia).

Com efeito, durante o IVº milénio e na transição deste para o IIIº milénio antes de Cristo, período designado por Neolítico Médio/Final, o Homem começa a desenvolver as primeiras práticas agrícolas (economia produtiva). Assiste-se ao desenvolvimento de comunidades de pastores e de agricultores cuja dieta alimentar era complementada com a caça, a pesca e recolha de bens alimentares proporcionados pela natureza.

No abate das árvores e no arroteamento/cultivo das terras utilizavam-se instrumentos de pedra polida – machados, enxós –, colhendo-se os cereais e leguminosas com pequenas peças, em sílex ou quartzo, encabadas em madeira e funcionando como autênticas foices. Cereais e leguminosas trituradas em moinhos manuais.

Os locais de habitat destas pequenas comunidades seriam constituídos, na sua maior parte, por simples abrigos naturais sob rocha ou por estruturas feitas à base de materiais vegetais facilmente perecíveis.

É durante este período que ocorre a primeira territorialização da paisagem, encontrando-se este fenómeno bem documentado pela construção, em pontos visuais bem destacáveis, de montículos artificiais de terra e pedras que encerram dentro de si uma estrutura funerária mais ou menos complexa – Dólmenes ou Antas. Visíveis também outras estruturas com características arquitectónicas diferentes e que terão sido edificadas com outros propósitos, quiçá marcas territoriais e/ou locais de reunião, culto e adoração – Menires, Cromeleques.

O Homem do Neolítico é também e sobretudo um Homem “religioso”. Procurou certamente responder às suas dúvidas e aspirações de diversas maneiras, construindo para tal sepulcros bem visíveis, erigiu grandes monólitos e edificou outros recintos sagrados. A preocupação com a vida para além da morte levou-o a “enterrar” com os seus entes queridos os mais variados objectos que, utilizados no dia a dia, lhe poderiam também ser úteis para além da morte – objectos de adorno, machados, enxós, goivas, pontas de seta, facas em sílex, etc.

As manifestações artísticas (pinturas e gravuras em abrigos ou no interior das sepulturas) traduzem também elas a profunda simbologia e religiosidade com que estas comunidades se confrontavam, num mundo em que a História do próprio mundo era conhecida, entendida e transmitida pelos anciãos numa imaginada noite em redor da fogueira.

Foto - Dólmen 1 de S. Domingos (Desejosa)

Existe de certo, uma contemporaneidade entre aqueles que ocuparam uma das fases do abrigo da *Fraga da Aia* e as populações que construíram este tipo de sepulturas. Talvez alguns destes indivíduos tenham mesmo participado na construção e/ou utilização da vizinha necrópole de Atreita (freguesia de Paredes da Beira, concelho de S. João da Pesqueira).

No concelho de Tabuaço encontrámos também a presença do Homem Neolítico pela identificação de um destes sepulcros. Trata-se do *dólmen de S. Domingos*, situado na freguesia da Desejosa, encontrando-se integrado numa necrópole formada por outros três monumentos que se distribuem pelo concelho de S. João da Pesqueira. Monumento de tipo clássico, formado por câmara e corredor, em xisto. A sua descoberta revela-se de extrema importância para a compreensão geral do processo de neolitização desta região, articulando-se, como é evidente, com os dados das prospecções e escavações arqueológicas feitas nos concelhos vizinhos. Uma futura escavação deste monumento decerto aportará dados interessantes sobre as diferentes comunidades que habitaram nas margens dos rios Távora e Tedo.

Ainda que não tenham sido detectados novos vestígios a que possamos atribuir, com relativa segurança, uma cronologia neolítica, outros se descobriram de épocas posteriores, revelando-se de um grande significado para o acompanhamento da evolução destas comunidades pré-históricas.

Zona de recursos invejáveis, que desde cedo atraíram o Homem e o levaram a fixar-se, o concelho de Tabuaço revelou-se extremamente rico sobretudo em testemunhos cronologicamente datáveis do Calcolítico e períodos pré-históricos subsequentes.

É no Calcolítico (genericamente entre 2500 a 1800 a. C.) que se intensifica a agricultura, usam-se os animais como veículos de transporte/tracção e aproveita-se o leite e a lã dos animais plenamente domesticados. As práticas funerárias deste período sofreram algumas alterações, continuando pontualmente a serem reutilizados os grandes monumentos neolíticos.

A denominada “revolução dos produtos secundários”, de que o leite e a lã são exemplos claros, abrem o caminho a uma série de inovações que o período anterior desconhecia. Atente-se que é neste período que aparece o arado, a roda ou o uso do cavalo para montada. A própria metalurgia, com todas as vantagens a ela inerente, surge nesta altura. Esta primeira “idade dos metais” inicia-se com a utilização do cobre. É nesta época de profundas alterações que as teias sociais se tornam mais complexas, acentuando-se as hierarquias dentro das comunidades e o controlo de territórios ricos em recursos naturais e mineiros.

Circunscrevendo-nos ao Centro/Norte/Alto Douro, surgem novas formas sepulcrais – cistas planas, de inumação individual, que podem coexistir com a continuação da utilização de sepulcros megalíticos.

Recentemente, foi detectado um sítio denominado de “recinto monumentalizado – Castelo *Velho de Freixo de Numão* – no interior do qual foi identificada uma estrutura pétreia onde foram depositados ossos de oito a dez indivíduos associados a pesos de tear e cerâmica [JORGE, S., 1999: 75]. Perto deste local, na freguesia de Castanheiro do Vento, um outro sítio do género está a ser investigado. Há que estar atento a estas novas realidades.

É deste período que podemos datar com segurança algumas das estações mais importantes identificadas no concelho de Tabuaço. Ainda que mais evoluídas tecnologicamente do que as comunidades neolíticas, estas continuaram a utilizar espaços comuns. Utilizaram como habitat sobretudo as encostas sobranceiras a cursos de água e abrigos sob rocha, deixando aí marcas da sua passagem.

Na freguesia da Granjinha, identificámos um habitat – *Porqueira* – localizado na margem esquerda do rio Távora implantado numa plataforma de pendor suave. No local foram identificados uma série de abrigos sob rocha, igualmente ocupados, tendo sido aqui que decorreram a maior parte dos achados cerâmicas mais significativos, alguns deles profusamente decorados. Num destes abrigos encontrámos um conjunto de gravuras elaboradas num painel rochoso onde foram insculturadas 61 “cavinhas”. Esta manifestação artística é comum a um longo período que vai do Neolítico até à época medieval, tornando-se por vezes difícil a atribuição de uma cronologia precisa sem a associação a outros materiais. Deste modo, será igualmente difícil atribuir-se com segurança uma cronologia para a rocha insculturada da *Eira do Monte*, na freguesia de Paradela. Um afloramento com 13 “cavinhas” completamente descontextualizado em termos arqueológicos.

Ainda durante este período poderão ter sido ocupados alguns povoados de média altitude. O *Monte Verde*, na freguesia de Sendim, é uma elevação à cota de 740 m, bem destacado na paisagem que o envolve, desenvolvendo-se no seu topo uma plataforma de consideráveis dimensões com cerca de 1,5 ha. Acreditamos que talvez possa ter sofrido uma ocupação calcolítica, ainda que a plataforma se encontre hoje bastante alterada devido à exploração mineira tida há algumas décadas, não havendo, por isso, sinais evidentes dessa ocupação (o único vestígio identificado foi um grande elemento dormente de mó manuária).

Ainda nesta freguesia, num cabeço granítico denominado por *Alto de S. João*, encontrámos um outro sítio de habitat pré-histórico. Com uma altitude absoluta de 812 metros, este cabeço revelou a existência de cerâmicas manuais, algumas delas bastante erodidas, quer em abrigos, quer em espaços ao ar livre. Sem qualquer solução de defesa artificial, e à semelhança dos outros povoados, acreditamos que este local tenha tido uma ocupação ainda na época calcolítica, prolongada talvez até à Idade do Bronze.

Estes povoados calcolíticos, principalmente na zona do Centro/Norte de Portugal, correspondem a um aumento considerável dos locais habitados, situando-se de uma maneira geral, em locais elevados ou de encosta, próximos de vales ricos e dos principais rios e ribeiras. Tal situação é também verificada nos povoados ou coevos de S. João da Pesqueira, nomeadamente no de *Sr de Lurdes, ou Chã do Murganho*. Poderíamos desta maneira estabelecer uma comparação entre as duas margens do Távora e verificarmos que a margem esquerda deste rio apresenta de uma maneira geral, um povoamento mais concentrado, com áreas ocupacionais maiores, podendo alguns serem defendidos artificialmente.

Do *Alto da Escrita*, na freguesia de Vale de Figueira, provém a *Estátua-Menir do Alto da Escrita*, peça importantíssima para a compreensão da realidade Calcolítica/Bronze Antigo nesta região. Constitui por si só um símbolo de poder, poder social e poder sobre o território ocupado. “Marcos” fincados e símbolos de prestígio, estas peças únicas, pela sua raridade e significado, traduzem bem, por se tornarem visíveis e interpretáveis, essa teia social cada vez mais complexa, onde novos poderes e hierarquias se impõem.

Do período seguinte – a Idade do Bronze –, compreendido genericamente entre 1800 e o século VIII a. C., encontrámos igualmente testemunhos. Estes testemunhos reportam-se ainda e só ao final da Idade do

Bronze (1200 - 700 a. C). A ruptura entre as tradições calcolíticas e aquelas que se estendem à fase final do Bronze nem sempre são facilmente perceptíveis. É neste período que o nosso território ultrapassa as barreiras da nossa periferia intensificando contactos estabelecidos com outros povos, nomeadamente com o Próximo Oriente mediterrânico e com o Egeu.

Foto - 'Citânia' de Longa

O controlo de zonas ricas em recursos minerais, nomeadamente em cobre, estanho, ouro e prata, e respectivo escoamento, aliado a um controlo sobre os campos férteis, permitiu o crescimento e uma maior hierarquização de comunidades que se apoiavam e cresciam através de um comércio a longa distância, notório não só na importação de certos produtos mas também de novas práticas rituais.

Dinamiza-se a construção de povoados fortificados com dimensões consideráveis, preferencialmente implantados em locais elevados, tirando proveito da boa visibilidade e destacando-se perfeitamente da paisagem envolvente. “Montes ilhas” que se assumem como autênticos monumentos naturais.

Materiais datáveis desta época, com incidência para um grande número de objectos em metal – machados, foices, enxós, espadas –, ou ainda outros utilizados em certos rituais – espetos e fúrculas – traduzem bem o poderio das actividades económicas que estas populações de então adquiriram e desenvolveram.

Na região de Tabuaço são de destacar os povoados de *Longa* e *Sabroso*, dominando a bacia do rio Tedo, bem como o da *Quinta dos Pinheiros*, sobre o Távora. Em todas estas estações foram encontrados materiais atribuíveis a este período, ainda que se tem aparentemente apenas à sua fase final.

Na freguesia de Pinheiros encontra-se um santuário rupestre – *santuário rupestre do Cabeço das Pombas* – com variadas figurações, entre as quais um *ramiforme*, que nos remetem para essas novas práticas culturais endógenas ao nosso território e que se verificam também por novas manifestações artísticas.

À Idade do Ferro, período que compreenderá genericamente a última metade do primeiro milénio a. C, pertencem alguns vestígios identificados. Numa análise bastante geral, poderemos afirmar que é verdadeiramente neste período que se acentua a escolha de locais elevados, com boa visibilidade, bem defendidos naturalmente ou por muralhas. O controlo de um território de exploração assegurava e mantinha a sobrevivência da comunidade. Intensifica-se e apura-se a metalurgia do ferro. A implantação de alguns destes povoados decorre, entre outras razões, da importância mineira da região.

Estes povoados, genericamente conhecidos por castros ou citânias, albergavam na sua maior parte pequenas comunidades com apenas algumas dezenas de indivíduos, não raras vezes ligados por laços de parentesco. O território controlado por cada comunidade, não ultrapassaria em extensão o equivalente a uma hora de marcha em redor de um ponto central (zona habitacional). A agricultura, e à semelhança do período anterior, seria uma das principais actividades económicas, tal a profusão de elementos de moinhos manuais no seio destes. Dedicavam-se ainda à criação de gado, sobretudo ovino e caprino e à transformação dos seus derivados. Cada comunidade pertencia a um povo com uma cultura própria concentrando-se em diferentes partes do nosso território.

Aliás, e aquando da chegada dos romanos à Península Ibérica (séc. III a.C.), foram estes povos, cujos feitos guerreiros se mantêm ainda presentes na memória das nossas populações, nomeadamente o mito de Viriato, líder dos Lusitanos que morreu à traição face a este invasor.

Por terras de Tabuaço, e testemunhando este período cronológico, citem-se os povoados fortificados da Senhora do Calfão (Távora), S. Mamede (Paradela) e talvez o de Longa (Longa). Este último transmite-nos perfeitamente a imagem destes povoados fortificados, possuindo ainda duas linhas de muralhas, a primeira e mais imponente, com cerca de 4 metros de largura defendendo praticamente todo o recinto.

A estes testemunhos outras evidências se lhes juntam, nomeadamente o santuário rupestre do Calvário (Tabuaço) e ainda a cabeça granítica de Vale de Figueira, presumível elemento integrante de uma figuração humana cujo corpo, a ter existido, se terá perdido.

4. A PAISAGEM ROMANA REVISITADA

De tempos idos ficou-nos a memória das populações que habitaram este ou aquele monte, normalmente designado por castro ou citânia. Da ocupação efectiva da maior parte destes povoados, que por vezes remontam ao Bronze Final e se prolongam pela Idade do Ferro, já pouco resta visível. Conservam-se nalguns casos restos das muralhas que os protegeram ou simbolizaram, das casas que habitaram ou da cerâmica que utilizaram. A montanha ou o monte acabaria no entanto por dar lugar ao estabelecimento das populações nos vales mais férteis, as construções precárias substituídas por outras mais sólidas construídas com novos materiais. As comunidades indígenas que aí habitaram, e pelo encanto ou pela força, renderam-se à chegada de uma nova ordem. Os Romanos haviam chegado.

A primeira fase da conquista romana da Península Ibérica iniciou-se em 218 antes de Cristo com Cneu Cipião, ainda no período Republicano, e o desembarque das suas tropas em Ampúrias (costa da Catalunha). O período de conquistas só seria encerrado, nesta parte do Império, ao tempo de Augusto, primeiro Imperador de Roma, cerca de 30 a. C. Augusto dividiu a Hispânia (Península Ibérica) em três províncias – a *Baetica*, a *Lusitania* e a *Tarraconensis*. A província da Lusitânia, onde se integrava o território deste concelho assim como grande parte do nosso país, tinha a Norte como fronteira o rio Douro.

A ocupação romana, apesar de lenta e gradual, foi notável e bastante profunda. De tal maneira profunda que ainda hoje somos surpreendidos com algumas das obras da arquitectura ou engenharia romana que, apesar da sua antiguidade, cumprem ainda os seus propósitos.

Genericamente abarcando um período cronológico desde os finais do II^o milénio e estendendo-se pelo I^o milénio a.C.

As primeiras cidades verdadeiramente planeadas, as primeiras reorganizações administrativas, as primeiras estradas lajeadas, são um pouco desta romanização.

A religião, através das inúmeras divindades romanas e, posteriormente, o Cristianismo, o Latim, a numeração, o Direito Romano, a substituição do colmo pela telha e do chão de terra batida pelo ladrilho, o desenvolvimento das vias de comunicação, do comércio, da indústria e dos recursos mineiros, o sistema monetário, a arquitectura, são algumas das muitas manifestações deixadas pelos romanos.

Na verdade, são inúmeros os vestígios deixados pela presença e civilização romana no actual território português e, em particular, no concelho de Tabuaço.

Foto - Via romana Longa/Arcos

Testemunhos que, na maior parte dos casos, se limitam a simples fragmentos de cerâmica de construção, industrial ou doméstica, colunas ou mós dispersas à superfície dos terrenos, indiciando a presença no subsolo de antigos muros pertencentes, na maior parte dos casos, a modestas quintas rurais, pequenos aldeamentos ou explorações agropecuárias de maiores dimensões – *villae* – fornecendo os seus produtos aos aglomerados mais densos da região.

No caso particular da presente área administrativa do concelho de Tabuaço, e comparativamente a outros concelhos do nosso país, a ocupação romana revelou-se também aqui generalizada mas, se assim o quisermos entender, singela. Infelizmente, e face ao estado embrionário dos conhecimentos científicos

locais para este período cronológico, é-nos de todo impossível precisar com segurança qual o primeiro momento da ocupação romana por terras de Tabuaço.

Na verdade, os vestígios materiais já identificados pouco nos revelam em relação a este aspecto, encontrando-se, de uma forma geral, sempre presentes por todos os sítios de habitat que, cronologicamente, poderão inserir-se desde o Alto ao Baixo Império (até ao século V). Ainda que talvez nos seja possível, pela análise de algum numisma (moeda) chegarmos a alguma data, será sempre insuficiente e relativa. A Epigrafia, que muito nos poderia aportar, é também até ao momento para esta época inexistente.

Uma vez que os vestígios arqueológicos deste período também se encontram presentes no concelho de Tabuaço, achámos por bem, e para além de os divulgar, tentar enquadrá-los dentro daquilo a que chamámos, no título deste capítulo, “a paisagem romana”. Falemos pois dessa “paisagem”.

À semelhança do que ainda hoje acontece, também na época romana os aglomerados populacionais se distribuíam por cidades, vilas e aldeias. Existiam ainda os *castella*, de que falaremos mais adiante. Devemos, no entanto, ser cuidadosos ao transpormos certas designações actuais para o período romano. O termo vila, atrás mencionado, serviu apenas para designar um povoamento intermédio que também na altura existia mas sob outro nome – os *vici*. Estes aglomerados eram maiores que as aldeias mas menores que as cidades. Daí que lhe chamemos um povoamento intermédio. A *villa* romana, para que nos entendamos, assume características muito particulares, devendo ser entendida como uma grande propriedade rústica. Sobre esta propriedade debruçar-nos-emos mais adiante.

As cidades romanas (*civitates*) que encontramos de Norte a Sul do país – como por exemplo *Bracara Augusta* (Braga), *Aeminium* (Coimbra), *Egitânia* (Idanha-a-Velha), *Olisipo* (Lisboa) *Ebora* (Évora) ou *Ossonoba* (Faro) – eram todas capitais de um determinado território que se pode aproximar em extensão a um distrito actual. Esse território era conhecido entre os romanos por *civitas*.

Dentro do território controlado administrativamente por cada *civitas* existiam então aquilo a que podem corresponder as nossas vilas actuais – os *vici* romanos. Ainda que os nossos conhecimentos sejam bastante limitados sobre estes aglomerados populacionais, sabemos que eles existiram, encontrando-se mesmo alguns documentados epigraficamente.

A estação romana mais importante deste concelho foi identificada na freguesia de Sendim – *Fontelo*. A quantidade de material disperso por uma grande área, aliado ao que julgamos tratar-se de um pequeno templete rural da mesma época – *Altar de S. João* –, leva-nos a acreditar que se trata de um *vicus* de consideráveis dimensões. Afastados do poder administrativo de uma *civitas*, são estes *vici* que adquirem importância na administração e controlo de parte do território circundante.

Como já dissemos, também na época romana existiam aldeias englobadas naquilo a que chamamos aglomerados populacionais concentrados. A identificação deste género de habitat nem sempre é fácil, não se sabendo se por vezes nos encontramos na presença de uma aldeia ou de uma *villa*. Para alguns autores, a existência de aldeias ocorre, pelo menos aparentemente, na parte Oriental de Trás-os-Montes, na zona de Chaves ou na área da *civitas* de *Collipo* (S. Sebastião do Freixo, Batalha). Acreditamos, no entanto, que a aldeia existiu também noutras partes do nosso país. Os dados de novas prospecções irão, porventura, confirmar o que apenas actualmente se presume como hipótese.

Foto - Altar de S. João (Sendim)

A existência de *castella* encontra-se também atestada em algumas inscrições romanas. Trata-se provavelmente, na opinião de alguns autores, de povoações alcandoradas no cimo dos montes. Aglomerados urbanos designados na bibliografia arqueológica portuguesa por “castros”. *Castella* traduzirá a designação que os romanos utilizaram para algumas povoações estabelecidas nos pontos mais elevados, pontos esses escolhidos pelas condições naturais que ofereciam em termos de defesa. As inscrições alusivas a estes *castella* situam-se, na sua maior parte, a Norte do rio Douro. De qualquer maneira, não podemos considerar que estes tenham apenas existido nesta região.

Da ‘paisagem romana’ reconhece-se, por outro lado, um povoamento disperso, distinguindo-se aqui as *villae*, as granjas e os casais.

A *villa* romana, grande propriedade rural de um senhor abastado, encontra-se geralmente relacionada com um tipo de exploração latifundiária. Ainda que o maior número de exemplos deste género de explorações se encontre no Alentejo, com dimensões variáveis, devem no entanto ter existido um pouco por todo o nosso país. Não nos podemos esquecer que o Alentejo, pela sua geomorfologia, é uma terra propícia ao estabelecimento destas grandes propriedades.

Genericamente, a *villa* romana dividia-se em três partes, correspondendo uma delas ao que alguns autores clássicos designam por *pars urbana*. Era neste local que se encontravam as instalações do seu proprietário. As escavações que se têm realizado, sobretudo no Sul do país, foram quase sempre direccionadas para esta *pars urbana* e têm revelado todo um conjunto de estruturas bastante ricas e ornamentadas – salas com mosaicos, termas, jardins, templos, (...). Enfim, um conjunto de edifícios que acomodasse e satisfizesse o rico proprietário.

Porém, a *villa* era ainda constituída por outras duas partes que eram o suporte, em termos estruturais, da grande herdade – a *pars rustica*, que alojava a criadagem/cuidava da lavoura, e a *pars frumentaria* composta pelos estábulos para os cavalos, os celeiros para o armazenamento dos cereais, compartimentos para as alfaias agrícolas, o lagar, o moinho, a adega, etc. infelizmente, estas importantes componentes das *villae* são as que se encontram na sua maior parte menos escavadas.

Um dos factores determinantes, até há bem pouco tempo, para a identificação deste género de propriedade era a existência de vestígios que, à primeira vista, seriam irrefutáveis para a sua identificação, nomeadamente a existência de mosaicos romanos. Hoje em dia parece-nos que alguns investigadores têm sido mais flexíveis e, baseando-se nos trabalhos recentes de prospecção arqueológica, ponderam, para além dos mosaicos e da presença de *sigillatas* (cerâmica fina de importação), outro tipo de elementos. A presença de pavimentos com mosaicos, apesar de bastante comum neste género de propriedade, não é obrigatória.

Além da presença ou ausência de determinados vestígios materiais, um dos factores determinantes na classificação de alguns sítios é a área de dispersão dos materiais e o cálculo da área total construída. É também com este elemento que temos de jogar. Assim sendo, uma *villa* em Portugal pode ser considerada como uma propriedade que pode alcançar em média 200 hectares, chegando a atingir no Alentejo entre 400/500 hectares e no Norte do país 75 a 100 hectares.

No concelho de Tabuaço foram identificados alguns sítios que corresponderão, com as devidas reservas, a propriedades deste género – S. Vicente (Tabuaço), Pala e Vale de Igreja (Guedieiros). Designamos estes locais por *villae* porque apresentam diferenças significativas relativamente a outros do mesmo período – materiais mais ricos e em maior número, dispersos por áreas maiores.

Desse povoamento disperso refira-se ainda as médias e pequenas propriedades. As primeiras, designadas por granjas, comportavam habitações mais modestas, cabendo-lhes uma exploração que, segundo as investigações actuais e dependendo "a sua implantação no nosso país, poderia rondar entre os 10 e os 50 hectares. Pese embora o termo não ser o mais adequado, entenda-se que apenas o utilizamos para que haja uma maior compreensão por parte do leitor, podendo-se comparar uma granja a uma pequena quinta actual.

Pensamos que a existência destas granjas ou médias propriedades se enquadram melhor na realidade geográfica de Tabuaço. Com efeito, se o Sul do país é propício ao estabelecimento de propriedades de grandes dimensões, não podemos negar as evidências de um Norte montanhoso e acidentado, onde se deveria ter praticado a exploração de terrenos muito mais reduzidos.

No decurso da nossa prospeção de superfície, identificámos alguns sítios que fizemos corresponder a *villae*. Não serão estes sítios simples granjas? A flexibilidade actual na correcção e reformulação de novas possibilidades para a designação de alguns sítios, a partir da análise de outros elementos, faz com que também nós nos afastemos das verdades absolutas e achemos que a relatividade é, na maior parte das vezes, a nossa certeza absoluta.

Para “ilustrarmos” melhor a exposição anterior, poderíamos dar como exemplo o caso particular da estação romana da *Quinta da Fórnea* (Belmonte). Inicialmente, pensámos tratar-se de um casal – as evidências no local não nos davam informações para que pudesse tratar-se de outra coisa. Ao serem iniciados os trabalhos arqueológicos passámos de casal a granja e de granja a *villa*. No final dos trabalhos chegámos à conclusão que o casal pensado inicialmente era apenas a *pars rustica* de uma *villa* que se desenvolvia nas imediações.

Enquadrados em pequenos territórios isolados de exploração, constituindo-se como parte integrante desse povoamento disperso que temos vindo a falar, encontram-se um pouco por todo o lado aquilo que designamos por casais. Os casais não são mais do que pequenas unidades de exploração familiar, constituindo somente um pequeno ponto dessa grande paisagem. Uma habitação modesta onde viveria uma pequena família que apenas tirava proveito de uma pequena parcela de terreno cultivável e da criação de alguns animais. Infelizmente e um pouco por todo o nosso país, são ainda poucas as intervenções tidas nestas pequenas explorações. Todavia, a sua identificação coincide quase sempre com a escassez/pobreza dos materiais e reduzida área de distribuição.

No que concerne à região de Tabuaço, e com as devidas reservas, a maior parte dos assentamentos romanos já identificados poderão corresponder a pequenos casais ou simples edifícios (“pequenos sítios”) espalhados estrategicamente pelas propriedades das *villae*, edifícios esses por vezes construídos em taipa/cobertos com materiais perecíveis e funcionando como locais de armazenamento das ferramentas/alfaias agrícolas ou de alguns produtos e animais que as populações pudessem cultivar ou criar. Quer os pequenos casais quer estas modestas construções deixam-nos poucas as evidências à superfície dos terrenos onde primitivamente existiram. Por estas razões, e naturalmente com as devidas reservas, atrevemo-nos a dar como exemplos os sítios de *Seara* (Chavães), *Santa Leocádia* (Santa Leocádia) ou *Eira do Monte* (Paradela).

Partindo de todas estas observações, e para que elas se revelem de algum significado, queremos desde já confronta-las com a realidade que os nossos dados aportam sobre o mundo romano presente neste concelho. Acreditamos também que algumas das nossas hipóteses só poderão ser refutadas ou comprovadas através de intervenções arqueológicas do subsolo.

A identificação de sítios arqueológicos cronologicamente atribuíveis ao período romano resultou, na sua maior parte, da prospeção de campo sem descurarmos, como é evidente, todas as informações orais ou escritas que nos foram prestadas e que se revelaram de extrema utilidade. A designação de cada sítio teve em conta a presença de determinados materiais – riqueza/pobreza/quantidade – e subsequente área de dispersão. Numa primeira análise, e pese embora a identificação futura de novos sítios, consideramos que o povoamento romano no concelho de Tabuaço se encontra em grande parte concentrado nas imediações rurais da freguesia de Sendim.

Noutras partes do concelho, o povoamento desta época apresenta-se mais ou menos disperso. Tratar-se-á na sua maioria de casais. Em redor da aldeia de Sendim e lugares afins identificou-se um significativo conjunto de sítios romanos – *Pala*, *Vale de Igreja*, *Fontelo*, *Estercada Velha* e *Vale de Vila*. No nosso entender, o sítio de *Fontelo* poderá corresponder a um aglomerado populacional com alguma importância, quiçá um *vicus*, ao qual estariam associadas as outras estações dispersas em redor.

Não deixa de ser interessante e importante verificarmos que nenhum dos povoados identificados com segurança da Idade do Ferro ter sido aparentemente romanizado. Ainda que um troço de calçada romana passe perto do *Castro de Longa* (Longa), não foram até ao momento encontrados vestígios que se pudessem relacionar com a ocupação ou influências romanas neste povoado. Teriam tais povoados sido abandonados

antes da chegada dos romanos? Ou a influência romana foi tão insignificante que nada alterou nas suas estruturas?

Se algumas destas estações romanas não nos apresentam muitas dúvidas quanto à sua classificação – uma vez que apresentam geralmente uma certa pobreza ao nível dos materiais, dispersando-se estes por áreas reduzidas –, o mesmo não se poderá dizer em relação aos locais de *Fontelo*, *Pala* ou *Estercada Velha*. Este primeiro sítio surpreendeu-nos, em parte, pela grande área de dispersão dos materiais, pelo aparecimento de alguns silhares bem aparelhados e almofadados, bem como pela riqueza de alguns dos seus materiais.

Por outro lado, a nossa maior surpresa prende-se com o facto de ter sido identificado nesta estação o que nós pensamos tratar-se de um pequeno templete da época romana – *Altar de S. João*. Da estrutura inicial deste pequeno templo, apenas se encontram visíveis os degraus que dariam acesso ao interior da pequena cella. Em toda a área envolvente encontram-se restos de materiais cerâmicos de construção romana e alguns silhares que poderão ter feito parte da antiga construção.

Foto - Arado romano

Acreditamos que a estação romana do *Fontelo* possa ser interpretada como *vicus* de médias dimensões ao qual estaria associado, por motivos de ordem religiosa, este pequeno templete. Este local, e a serem confirmadas as nossas hipóteses, reveste-se de significativa importância e será, por certo, merecedora da atenção de outros investigadores. Na verdade, e se em Portugal ainda são escassos os elementos que dispomos sobre a forma ou arquitectura dos santuários romanos ou até pré-romanos, este pequeno templete constituirá certamente um ponto importante no desenvolvimento das investigações sobre este aspecto.

Será talvez, da nossa parte, um pouco audacioso considerarmos a existência de *villae* neste concelho. No entanto, não será de descurar a possibilidade da estação romana da *Pala* ser considerada como tal. Como é evidente, algumas respostas às nossas dúvidas só serão esclarecidas, como já referimos, mediante a realização de escavações arqueológicas. Até lá, estas classificações não passarão de meras hipóteses baseadas em dados talvez um pouco superficiais.

Outro dos aspectos importantes sobre este período, e que também não se encontra devidamente esclarecido, é o da rede viária. Acreditamos que a construção de qualquer tipo de via serviu sobretudo, e para o período romano, os interesses económicos e militares. Na verdade, qualquer economia se afundaria se não tivesse meios ou infra-estruturas necessárias ao escoamento dos seus produtos ou abastecimento das matérias-primas necessárias à sua produção. De qualquer maneira, e se o Império foi conquistado pela força das armas, essas vias serviram bem os exércitos que, nalguns casos, foram os responsáveis directa ou indirectamente pela sua construção.

No entanto, as estradas não se construíram apenas por razões económicas ou militares. Além de um veículo da Romanização, da movimentação dos exércitos e produtos, serviram também para a circulação de simples civis que, a pouco e pouco, se estabeleceram em diferentes pontos do Império transportando consigo diferentes ideias, uma nova forma de estar, uma nova cultura, uma nova língua. Aliás, a viação sempre foi e continuará a ser um importante factor integrador aportando, no caso particular dos romanos, uma nova cultura desde a sua capital, em Roma, a qualquer ponto do Império, do Ocidente ao Oriente.

No caso particular de Tabuaço, registe-se um conjunto de antigas estradas lajeadas que, por si só e independentemente da sua antiguidade, deverão ser preservadas e dinamizadas. Com efeito, e até tempos recentes, eram estes os caminhos que serviram durante séculos as nossas populações. Apenas quem percorre estes caminhos tem a noção do empenho e dos esforços necessários à sua construção e manutenção. Daí que seja importante percorrê-los para que se lhes saiba dar a devida atenção e importância.

Para a maioria das pessoas estes caminhos são romanos, como se apenas os romanos tivessem tido a capacidade ou engenho para os fazerem. Suposições que, em muitos casos, nos ultrapassam face à escassez

ou inexistência de informações disponíveis. No entanto, não podemos deixar de lembrar que grande parte das vias romanas foram continuamente utilizadas até tempos recentes, não raras vezes assentando muitos dos nossos actuais eixos rodoviários sobre parte dos antigos traçados romanos.

Dificuldades acrescidas face ao carácter embrionário ou insuficiência de dados relativamente ao conhecimento da viação antiga por terras mais interiores, situação essa agravada pela falta de estudos sobre a viação medieval ou pós-medieval. Daí que o nosso conhecimento se apresente sob a forma de conjunto de fragmentos dos quais não se conhece a sua verdadeira forma e dimensão.

Pese embora tais contratempos, não colocamos de lado a possibilidade de algumas das antigas vias lajeadas serem romanas. Por outro lado, e no actual estado das investigações, não encontramos no concelho razões suficientemente fortes que fundamentem tal possibilidade. Estando-se perante uma região privilegiada para o cultivo da vinha e produção de vinhos generosos – onde também se inclui o concelho de Tabuaço –, acreditamos sim que estas vias possam estar intimamente relacionadas com tal actividade económica.

Foto - Vale de Vila (Sendim)

A importância do comércio do vinho do Porto para a nossa economia em geral e em particular para esta região, seria sim razão de sobra para que se fizessem investimentos desta natureza. Assim, e à falta de dados concretos, só encontramos uma realidade – o vinho do Porto. Sabemos que foi através de uma via fluvial – o rio Douro – que a maior parte deste produto era escoado para os centros de exportação. No entanto, não podemos descurar a importância de toda uma mão-de-obra envolvida neste processo que, obrigatoriamente, teria de se movimentar por zonas do interior, quiçá aproveitando estes caminhos.

Por outro lado, e devido à política de desenvolvimento levada a cabo por Fontes Pereira de Melo, sabemos que nos finais do séc. XIX houve um grande investimento não só na construção do caminho de ferro como na recuperação e construção de algumas estradas. Sabemos que um pouco por todo o país foram contratados canteiros para procederem à recuperação e construção de novas vias. Só a Sul do Douro foram encarregues 11 desses canteiros para efectuarem tal trabalho. Em suma, e salvo raras excepções, revela-se de extrema dificuldade e de muito risco tentar-se para já dizer qual o caminho que era romano ou qual o medieval/pós-medieval. Tal abordagem será porventura melhor compreendida quando for possível a articulação de dados numa região mais vasta, mormente com os concelhos vizinhos.

Pensamos que a única via claramente romana seja aquela que, vinda de Paredes da Beira/Riodades (S. João da Pesqueira) e após a passagem sobre o rio Távora, passava por Sendim, Arcos e Longa, continuando por Granja de Tedo em direcção a Goujoim. Talvez um traçado relativamente importante com ramais de acesso mais modestos infiltrando-se por outros locais.

Para este concelho, acresce ainda referir uma série de estruturas escavadas na rocha genericamente formadas por um ou dois tanques contíguos estrategicamente desnivelados, não raras vezes associados a pequenas cavidades laterais. Falamos de um conjunto de lagares aproveitando os afloramentos graníticos mais apropriados para o efeito, relacionando-se as cavidades sub-rectangulares laterais com as estruturas que serviriam para o encaixe das vigas de madeira – *prensa*. Neste conjunto de lagares escavados na rocha documenta-se pelo menos a utilização de um tipo de prensa – “prensa de viga”. O tanque posicionado a uma cota superior corresponde à parte onde se processava o esmagamento da baga por via da prensagem. De configuração sub-rectangular ou ovalada, ligava-se a um segundo tanque, mais desnivelado e profundo, através de um canal rasgado na rocha.

É notória a escolha de afloramentos com um declive por vezes muito pronunciado para a implantação dos dois tanques, favorecendo o escoamento dos líquidos resultante do processo de prensagem no primeiro tanque. Ainda que inicialmente tenhamos pensado que estas estruturas se pudessem relacionar com a produção de vinho, não será talvez esta a hipótese mais acertada. Apresentam sim semelhanças formais e funcionais com os lagares de azeite e não de vinho. O próprio tanque inferior, muito mais profundo que o primeiro, serviria para o armazenamento de água e não de azeite, uma vez que este seria feito em vasilhames próprios para o efeito. A água é um dos elementos indispensáveis para a produção deste

produto, nomeadamente para a sua decantação. Seriam aproveitadas as águas pluviais, essas sim reservadas no tanque inferior e utilizadas durante todo o processo.

Também nós, à semelhança de outros investigadores, nos deparamos com uma grande dúvida. Qual a cronologia destas estruturas? São poucos os conjuntos conhecidos e escavados em toda a Península Ibérica para que se tenha chegado a conclusões definitivas. As cronologias destes lagares rupestres, implantados em zonas rurais, é ainda até ao momento incerta. Pese embora apareçam por vezes dentro de áreas onde se reconhecem facilmente materiais datáveis do período romano, como na freguesia de Sendim, não poderemos afirmar com certeza que sejam deste período. Veja-se, por exemplo, os casos das sepulturas escavadas na rocha, onde esta situação por vezes se verifica e são datáveis, com segurança, do período medieval.

Não devemos no entanto descartar a possibilidade de uma datação tardo-romana, inserindo-se estes conjuntos perfeitamente dentro desta “paisagem”, ainda que numa fase mais tardia ou Alto-Medieval. Ainda que pudessem ter sido construídas nestes períodos, estas estruturas, por vezes em bom estado de conservação, sugerem uma utilização em épocas posteriores sem negarmos nunca a sua antiguidade.

De qualquer maneira, e para terminarmos este capítulo, acreditamos que estudos mais aprofundados sobre estes locais, nomeadamente com a escavação de alguns destes sítios, nos traga mais informações e nos ajude assim a compreender o controlo de algumas produções e o domínio de algumas tecnologias na transição do mundo romano para o medieval, um período em que a economia se contrai, em algumas partes, para níveis de subsistência.

Se considerarmos que muitas dúvidas ficaram ainda por resolver, devemos dar-nos conta, por outro lado, do passo importante que se deu com a elaboração desta carta arqueológica. As dúvidas só nos ocorrem quando o conhecimento científico avança.

5. ALGUNS ASPECTOS SOBRE O PERÍODO MEDIEVAL DE TABUAÇO

Desde já permitimo-nos chamar a atenção dos leitores para o que daqui a esta parte se vai abordar, sempre de uma forma muito genérica e sucinta.

Não é nossa intenção, nem tão pouco o objectivo primeiro deste trabalho, dissertar acerca da História Medieval do concelho de Tabuaço. Com efeito, estudos dessa natureza competem sim a um historiador devidamente credenciado nesse período cronológico, historiador esse com tempo à disposição para a indispensável consulta de documentação medieval. Na verdade, os dados abordados, fruto na sua maior parte da prospecção agora efectuada, revestem-se também para esta época de uma grande importância. Estes elementos servirão, concerteza, para uma análise mais profunda, detalhada e global da História deste concelho, que concerteza não se encontra escrita e que se vai perdendo na memória colectiva das suas populações.

A História deve ser feita com documentos escritos – sempre que estes existam –, mas também com todos os elementos passíveis de constituir fonte de informação para os historiadores. A noção ou o conceito de fonte e documento histórico foram, desde há já algum tempo, alargados, constituindo-se como um documento histórico objectos tão diferentes como um manuscrito ou um pequeno “caco” de cerâmica. Ora, são na maior parte das vezes esses cacos a nossa principal fonte de informação, documentos históricos que nem sempre são visíveis aos olhos de toda a gente. A História é feita e constrói-se também com eles.

Os mais antigos vestígios da passagem do Homem nesta região remontam, pelo menos, ao Neolítico Médio/Final (IV/III milénio a. C.), ocupação alargada a períodos posteriores. São vários os testemunhos, por exemplo, da presença dos romanos por estas terras (sécs I/V d.C). Parece-nos lícito afirmar então que, desde épocas bastante remotas, houve uma ocupação efectiva e aparentemente ininterrupta do espaço compreendido actualmente pelo concelho de Tabuaço. Ocupação que, por vezes, não nos aparece de uma

forma evidente. Esta pequena abordagem pretende realçar um período cronológico compreendido entre os fins do Império romano (séc. V) e as primeiras edificações do estilo românico neste concelho, construções que, aparentemente, não ultrapassam, o séc. XIII/XIV.

Eventualmente, alguns aspectos ultrapassarão estas barreiras cronológicas. Assim sendo, entendemos que não devemos ser demasiado rígidos nos aspectos relacionados com a vida humana. Trata-se apenas de traçar um limite a acções e aspectos que se tornam por vezes intemporais.

O espaço geográfico que actualmente corresponde ao nosso País – assim como toda a Península Ibérica, grande parte da Europa e do Norte de África –, foi durante muitos anos palco de conquistas de um povo originário da Península Itálica – os Romanos. Este povo constituiu um dos maiores Impérios que a humanidade alguma vez teve oportunidade de conhecer – o Império Romano. Até ao séc. V, o espaço físico deste Império manteve-se quase inalterável, constituindo assim um amplo espaço geográfico uno e indivisível às mãos de uma única pessoa – o Imperador.

A pouco e pouco algumas comunidades de diferentes povos que viviam à margem deste grande Império, começaram a penetrar para além das fronteiras estabelecidas. Os Romanos não podiam continuar a sustentar, nem tinham as capacidades económicas e humanas suficientes para a manutenção dos seus exércitos e das suas inúmeras fronteiras. Era o princípio do fim do Império Romano do Ocidente (séc. V). Chegara a hora dos povos que, vindas do centro da Europa, eram conhecidos entre os Romanos por Bárbaros. Terminava o período da Antiguidade Clássica, iniciando-se, para alguns, a Idade Média (sécs. V a XV).

Os Bárbaros, constituídos por povos tão diferentes como os Vândalos, Suevos, Normandos ou Visigodos, na sua maior parte agricultores, eram, ao contrário do que se possa pensar, admiradores do povo que acabaram por conquistar. Sendo assim, toda uma estrutura se mantinha inalterável, apesar de algumas modificações. Ora a modificação mais importante e significativa ocorreu, como é evidente, no espaço físico e uno que os Romanos tinham formado. Acabaram por se formar uma série de reinos às mãos dos chefes Bárbaros conquistadores. Mais do que uma alteração evidente a nível cultural, os povos Bárbaros foram responsáveis pela fragmentação do espaço que antes era um só.

Se os testemunhos da passagem dos romanos pelo concelho de Tabuaço são mais que evidentes – deixaram-nos restos materiais que assim o atestam –, já a passagem destes povos não é tão clara. Situação que só vem confirmar o que atrás já tinha sido dito – as modificações introduzidas por estes passam-nos, na maior parte dos casos, despercebidas. Pelo menos por enquanto. A ocupação humana deste espaço, dispersa já na época romana, terá continuado a existir. As pequenas explorações agrícolas levadas a cabo por pequenos grupos, quiçá ligados por laços de parentesco, terão subsistido, mantendo-se dispersas. Acreditamos na existência de uma continuidade e não de uma ruptura.

O séc. VIII, mais concretamente o ano de 711, marca definitivamente outro ponto de viragem na nossa História. As convulsões internas e a falta ou fraca unidade político-militar foram responsáveis, uma vez mais, pela intromissão e conquista de territórios por um outro povo. Desta feita, um povo com uma nova cultura, uma nova língua e uma nova religião – os Muçulmanos. A permanência desta civilização fez-se notar por mais de 500 anos, ainda que com mais incidência em determinadas regiões. A Mesquita tornava o lugar aos templos cristãos.

No entanto, a ocupação Islâmica no nosso território nunca foi homogénea, procurando implantar-se em locais bastante determinados que servissem os seus interesses. As cidades importantes, geralmente servidas por bons portos marítimos ou fluviais, eram o sustentáculo da administração política do território e pontos importantes das trocas comerciais. Eram elas que também se encontravam geralmente bem servidas por redes viárias antigas legadas do Império Romano. De qualquer maneira, as únicas referências que nesta zona se reportam aos Muçulmanos são as lendas, não tendo sido identificados quaisquer testemunhos materiais. Com efeito, os únicos vestígios presentes encontram-se na imaginação das populações, merecendo especial destaque a lenda de Ardinga ou Ardínia.

No entanto, logo a partir do séc. VIII, o esforço militar e político começa a ganhar expressão. No ano de 813, Afonso II, monarca Asturiano, descobre o túmulo do apóstolo Santiago. O monarca ganhava assim uma legitimidade para empreender uma guerra Santa contra os infiéis. Tratava-se não só de reconquistar os territórios perdidos como também de repor a fé cristã. A Reconquista, lenta e com avanços e recuos, deu-se progressivamente de Norte para Sul. Tratava-se agora de repovoar os territórios reconquistados, povoamento que ocorreu com as migrações das populações que viviam sob o domínio islâmico ou oriundas dos territórios do Norte. Por esta altura, e em sinal de agradecimento a Deus, edificavam-se por toda a Europa igrejas e mosteiros de uma população de plenas raízes cristãs. O embrião da nossa nacionalidade tinha começado a germinar já no séc. XI. A autonomia das terras portugalenses tornou-se uma realidade com a união de D. Henrique (pai de D. Afonso Henriques) e D. Teresa, filha do monarca Leonês.

Também em Portugal, como noutros pontos da Europa, os eremitas – geralmente membros de ordens religiosas – desempenharam um papel importante. Colaboraram na política de repovoamento e prestaram serviços a viajantes, inserindo-se assim em movimentos de carácter económico e social. Apesar da incerteza dos dados quanto ao traçado exacto dos caminhos medievais fora das regiões do Entre-Douro-e-Minho, durante o séc. XII, podemos verificar que, geralmente, o eremita adoptava um isolamento relativo, à beira de estradas, algumas delas até de maior importância. Não quer isto dizer que o movimento eremítico seja condicionado apenas pela rede viária ou uma consequência do repovoamento. Os centros religiosos que fundavam, por mais humildes que fossem, atraíam ainda outros habitantes e foram, por sua vez, origem de núcleos habitacionais. É provável que alguns núcleos habitacionais se tenham desenvolvido também no concelho de Tabuaço com uma origem eremítica. O Mosteiro de S. Pedro das Águias poderá ter sido inicialmente eremitério.

Partindo para outras abordagens, é por demais indispensável falarmos do património artístico, mormente aquele que se relaciona com a arquitectura medieval do concelho. É a arquitectura religiosa de estilo românico que ganha aqui a maior importância. Assim sendo, e em relação ao mundo da arte, o concelho de Tabuaço tem alguns exemplos de um estilo particular que hoje se assume como o primeiro estilo verdadeiramente europeu. Constitui por si um ponto de comunhão entre o espaço da cristandade desde o Oriente europeu (Alemanha, Polónia) até ao Ocidente (Península Ibérica) – o Estilo Românico. Com a sua arquitectura atingiu-se uma plena homogeneidade que até aí nunca tinha sido conseguida dado o grande número de influências externas que, ao nível de outras manifestações, utilizaram continuamente.

Em termos gerais, o Românico aparece como uma arte original e pura, levada a cabo por objectivos ideológico/teológicos bastante concretos. Encerra-se em si e dispõe-se a constituir como que uma espécie de “imagem de marca” que desde o Império romano não era atingida. Esta arte expandiu-se por um espaço geográfico que caminhava, a pouco e pouco, para uma unificação religiosa. São vários os exemplos deste estilo ao nível da nossa arquitectura. Desde as grandes edificações, às igrejas ou construções menores. Assim sendo, e contrariamente às grandes edificações associadas à iniciativa régia ou episcopal, como por exemplo Sta. Cruz de Coimbra, S. Vicente de Lisboa – que se instalam nas grandes cidades da época (Lisboa, Porto, Coimbra, Braga) para cuidarem das necessidades espirituais e culturais das comunidades mais importantes do reino –, aparecem-nos grande parte dos conventos e mosteiros edificados em meios plenamente rurais. Os monges procuravam frequentemente o isolamento para se dedicarem à oração e contemplação espiritual.

A implantação destes locais de culto, particularmente os edifícios de estilo românico, assumem-se como uma refundação invocando quase sempre uma sacralidade do local. A igreja românica de S. Pedro das Águias foi fundada no local onde, segundo a lenda, Ardinga – filha do rei mouro de Lamego – foi morta devido ao seu amor por um cavaleiro cristão, D. Thedon. É à volta de grande parte destes mosteiros que pequenas povoações se desenvolvem. Em primeiro lugar com as habitações dos servos domésticos dos mosteiros e das suas famílias. depois com todo um conjunto de indivíduos que procuram, “para além da maior proximidade com Deus”, os benefícios de ordem vária que o mosteiro tinha para oferecer.

O próprio desenvolvimento da freguesia de Távora deve ter beneficiado em muito com a edificação do mosteiro de S. Pedro das Águias. Outro exemplo é a igreja românica de Santa Maria do Sabroso que, desde tempos antigos, recuando decerto à Idade Média, serviu de paróquia às populações das freguesias

envolventes. Importante também a de Barcos, ainda que o seu românico não seja tão visível como o da Igreja de S. Pedro das Águias.

A existência de um *corpus* onde constassem todas as edificações de estilo românico no nosso País ajudaria a dissipar muitas das dúvidas que se nos colocam. Na verdade, são escassas ou mesmo quase inexistentes as informações científicas minimamente credíveis relativas às edificações românicas de Tabuaço. Urge um estudo exaustivo das mesmas, competindo tal tarefa a um especialista do tema.

Todavia, e com as devidas reservas, é provável que as origens da igreja de S. Pedro das Águias remontem à segunda metade do século XII ou mesmo à primeira, surgindo talvez já na transição para o século XIII o mosteiro que lhe fica próximo. Quanto a Sabroso e Barcos, cuja documentação é escassa ou mesmo inexistente, poderão igualmente inserir-se algures no século XIII, podendo o primeiro recuar a finais do século XII.

Da freguesia de Sendim não nos restam visíveis quaisquer vestígios do antigo templo medieval cristão. Este deverá ter sido completamente menosprezado pelos construtores da actual igreja matriz de Santa Maria. Da época da primitiva construção serão certamente o conjunto de sepulturas escavadas na rocha que se encontram sob e no adro desta nova igreja. É indiscutível a importância que estes mosteiros tiveram para as comunidades medievais em geral, não só no mundo citadino da altura como também para as populações rurais. Se ainda hoje o nosso País é essencialmente rural, mais o seria na Idade Média. Na altura, o ritmo natural da vida nos campos só era alterado com o som dos sinos das igrejas.

Os monges eram os únicos detentores dos ensinamentos antigos, conhecedores da cultura greco/latina, aqueles que sabiam ler e escrever. Sabiam ainda tratar as “doenças” da alma como as dores físicas. Para além de sacerdotes eram também professores, médicos, escritores e historiadores. Enfim, numa população medieval constituída na sua maior parte por pobres e iletrados, quem soubesse ler acabava por se evidenciar. Descartando-nos da descrição dos edifícios românicos – abordados nas fichas de inventário –, partamos para outras observações sobre o período que se dá à estampa.

Até ao presente momento, as sepulturas escavadas na rocha constituem os vestígios mais antigos da presença do Homem medieval no actual espaço geográfico do concelho de Tabuaço. Para além da já referida necrópole sincrónica do primitivo templo religioso de Sendim, foram identificados outros núcleos dispersos pela região. Achamos por bem tecer algumas considerações que se prendem com este tipo de enterramentos e os aspectos do rito fúnebre a eles subjacentes ou as razões que levaram determinadas pessoas a “optarem” por este tipo de sepulturas. Acreditamos que para além destas informações necessárias, se permita informar/sensibilizar a comunidade em geral para o valor e importância destes testemunhos, infelizmente tão votados ao abandono e facilmente vandalizados ou totalmente destruídos.

Em primeiro lugar, poderíamos questionar-nos sobre qual a razão deste tipo de necrópoles, uma vez que a edificação deste género de sepulturas seria, concerteza, muito dispendiosa e morosa. Como é evidente, as razões que levaram à execução deste género de sepulturas, são-nos completamente desconhecidas, embora possamos tomar como hipótese o desejo de algumas populações em quererem perpetuar desta maneira o local de enterramento dos seus mortos. Podemos, por outro lado, tomar em consideração o carácter prático deste ritual funerário uma vez que, sendo escavada na rocha, a sepultura poderia ser posteriormente reaproveitada para outros enterramentos.

A maioria dos autores que se dedicaram ao seu estudo, parecem estar de acordo quando afirmam que a execução destes sepulcros se ficava a dever a profissionais especializados. Estes saberiam trabalhar a pedra e utilizariam os instrumentos adequados para o fazer.

Do nosso ponto de vista não seriam, certamente, os pequenos agricultores, pastores ou outros que poderiam dispensar algum tempo do seu trabalho para a realização destas sepulturas. Por outro lado, não deveriam ter os conhecimentos técnicos nem os instrumentos adequados para o fazerem. A possibilidade de existirem artífices itinerantes que trabalhassem consoante as encomendas parece-nos, ainda assim, a

melhor das hipóteses. Pela qualidade dos acabamentos que algumas das sepulturas ostentam, só podem evidenciar a habilidade de profissionais capacitados para o serviço.

Outro dos aspectos que merecerá ser destacado é o da total despersonalização das sepulturas uma vez que não existe nenhum elemento que nos permita tirar quaisquer deduções acerca do indivíduo que outrora ali foi enterrado. As sepulturas mantêm-se anónimas, sem preocupação alguma de preservar a memória do seu morto. A orientação de uma sepultura fazia-se de acordo com o nascer e o pôr do sol. Para a grande maioria dos casos conhecidos, as sepulturas escavadas na rocha apresentam uma orientação Oeste/Este, a cabeça virada para poente ficando o morto com o seu campo de visão para oriente. Esta orientação correspondia ao desejo da Igreja para os enterramentos cristãos na altura.

As sepulturas que, geralmente, não apresentam uma orientação deste tipo correspondem, segundo alguns autores, a manifestações mais arcaicas e muitas vezes aparecem-nos isoladas. A razão pela qual estes sepulcros por vezes não respeitam a orientação imposta pela Igreja, estará directamente relacionada a enterramentos que poderão corresponder a uma primeira fase onde ainda não existiria uma preocupação a esse nível. Esta primeira fase situar-se-ia em torno dos séculos VII e VIII, quando as normas da Igreja ainda não estariam muito enraizadas nos ambientes rurais, onde a maioria destes enterramentos se encontram. Por outro lado, a própria morfologia do terreno pode ditar a orientação da sepultura.

Outro dos aspectos importantes é o que se prende com o ritual funerário deste tipo de enterramentos. Completado os três dias de velório, o corpo era sujeito aos últimos preparativos – lavado, recebendo em seguida sudário, pano, geralmente em linho, com que o morto era enterrado. Crê-se que a inumação vestida não era comum neste tipo de enterramentos. O uso deste pano, que poderia ser mais ou menos rico consoante as posses da família, estendeu-se por um longo período, embora nos séculos XI e XII se comece a assistir ao retorno da inumação vestidas.

Normalmente, e ao ser depositado na sepultura, o corpo não transportava consigo qualquer objecto. No entanto, existem algumas excepções como por exemplo o aparecimento de moedas que estarão directamente ligadas com o costume pagão do pagamento da viagem para o outro mundo. Pode-se também registar a presença de anéis mas, como já foi referido, o morto era normalmente depositado somente com o Sudário o que, por si só, limitaria o aparecimento de qualquer tipo de espólio funerário. Estes sepulcros, pela sua própria morfologia, não comportariam nenhum caixão de madeira. Esta ideia é reforçada pela não ocorrência de vestígios de madeira ou pregos no interior da cavidade escavada, ao contrário do que acontece noutra tipo de enterramentos. Antes de receberem a tampa de cobertura, as sepulturas eram cheias com terra. Será também importante frisar que no interior de algumas aparece uma camada de cal. Pensava-se que serviria para decompor mais rapidamente o corpo do morto. Mas hoje, os investigadores tendem a invocar outras razões, mormente de ordem sanitária, evitando os maus odores libertados pela putrefacção da carne. No que diz respeito à sua implantação, encontram-se quer isoladas ou em grupos. Agrupadas em torno de um edifício religioso, como no caso de Sendim, ou sem qualquer ligação alguma a estes edifícios. Do nosso ponto de vista, a implantação destes monumentos poderia corresponder a razões de vária ordem, tornando-se bastante difícil responder com objectividade a esta questão dada a variedade de sítios onde ocorrem.

Para terminar, queríamos apenas apresentar algumas propostas cronológicas. Para alguns autores, as sepulturas não antropomórficas (aquelas que não apresentam a forma do corpo), são as mais antigas – atendendo a que a evolução da forma acompanha a evolução cronológica –, remontando aos séculos VI e VII. O desenvolvimento do antropomorfismo, primeiro incipiente e depois pleno, corresponderia já a uma fase final que arrancaria do século VIII e ganharia a sua importância/menor expressividade num período compreendido entre os séculos IX a XI. De qualquer das formas não seria um processo assim tão linear, uma vez que podemos encontrar no mesmo afloramento sepulturas antropomórficas e não antropomórficas.

Para além das sepulturas escavadas na rocha, encontram-se também presentes neste concelho quatro sarcófagos – ou arcas funerárias – monolíticos, em granito. Também estes sarcófagos exigiam tratamentos

especiais para a sua concepção e os seus artífices deviam ser pagos em moeda, mesmo tratando-se de sarcófagos sem decoração. Só pessoas com certas posses lhes podiam aceder.

A presença de um destes sarcófagos, sem qualquer tipo de decoração, que se encontra actualmente no exterior da igreja de S. Pedro das Águias, pode corresponder à extensão destes elementos a indivíduos menores na hierarquia religiosa, mas cuja acção tinha sido relevante em termos religiosos ou humanitários para a vida da comunidade. Poderia, por exemplo, o indivíduo que ali foi enterrado, ter levado a cabo obras de beneficiação da igreja. No entanto, não há nada que nos demonstre tal acção.

Foto - Sepulturas escavadas na rocha de Sendim

Na freguesia de Chavães foi identificado um segundo sarcófago descontextualizado, inserido num muro de divisão de uma propriedade denominada por "Seara". Também fora de contexto encontra-se um terceiro sarcófago identificado junto a uma fonte no centro da aldeia de Arcos. Finalmente a quarta "arca funerária" encontra-se associada a um conjunto de sepulturas escavadas na rocha no sítio conhecido por "Pass-Fria" – na freguesia de Távora. Sarcófagos que se mantêm anónimos. Cronologicamente podem ser integrados num período compreendido entre os séculos XII a XIV, ainda que possam ultrapassar estas fronteiras temporais.

Durante toda a Idade Média – e até ao século XIX –, os enterramentos realizavam-se também dentro e fora dos edifícios religiosos. Testemunhos desta natureza encontram-se igualmente patentes nesta área geográfico/administrativa. Com efeito, e a título de exemplo, são várias as tampas de sepulturas que actualmente "decoram" a igreja românica de Santa Maria do Sabroso, fenómeno que se pode alargar a quase todas as igrejas e capelas do concelho. A inumação dos fiéis beneficiava assim, no entender destas populações de maior protecção divina, deixemos os aspectos que se relacionam com a morte e entreguemo-nos aos aspectos da vida diária desta populações.

Durante a Idade Média e períodos subsequentes, Portugal foi e continua a ser um País de pronunciado enraizamento agrícola. As pequenas comunidades que ocupavam os meios rurais praticavam uma economia essencialmente agro-pastoril, meramente de subsistência familiar. O concelho de Tabuaço, até pelas suas características geomorfológicas, nunca poderia ter desenvolvido uma grande agricultura, revelando-se posteriormente um dos reais proeminentes, junto ao Douro, para a plantação da vinha e a produção de vinho, produção esta que deverá ter sido implantada já com os Romanos e desenvolvida nos "tríodos posteriores.

Também da produção de azeite nestas paragens nos ficaram alguns testemunhos que, para nós arqueólogos, são os mais importantes e significativos. Trata-se dos lagares escavados na rocha. Estes, pelo que pudemos apurar, apresentam sempre dois tanques desnivelados e comunicando entre si por um estreito canal – um para esmagar a azeitona e outro como contentor de água necessária a todo o processo. Apesar da origem destes lagares ser um tanto ou quanto dúbia, talvez se enquadrem ainda dentro da prática agrícola romana que terá persistido por períodos posteriores. A maior parte destes lagares deveriam ser comunitários, pressupondo um investimento feito por uma pequena comunidade local. O proveito do lagar deveria reverter pois a um conjunto de pessoas. Ideias que não passam de suposições.

Dos lagares passamos a outro conjunto de monumentos medievais que também se encontram presentes no concelho de Tabuaço – os pelourinhos. Símbolos do poder local, lembram a instituição de antigos concelhos medievais através da concessão de cartas de foral onde se regulamentava a administração, as relações sociais, direitos e encargos dos moradores de um determinado território. Simbolizam a liberdade e autoridade municipal, bem como, de uma forma sacral, a força e virilidade. A eles está também ligada a aplicação da justiça. Esta compreendia quase sempre penas corporais, incluindo a amputação de membros, a fustigação ou a cegueira, chegando mesmo a atingir-se a pena capital.

Convém frisar, e de uma forma muito genérica, de que o presente concelho de Tabuaço resulta da fusão de parte dos coutos de Leomil e de S. Pedro das Águias. Recorde-se que nestas terras, pertencentes á classe

eclesiástica era vedada a entrada de funcionários régios, explicando talvez a escassez das fontes medievais no que concerne ao actual concelho, mormente nas Inquirições ordenadas pelos reis.

Para além destes dois coutos, várias terras receberam foral instituindo-se alguns concelhos medievais ou mais recentes. Testemunho do poder local, retalhando o presente concelho, conservam-se ainda nas povoações de Arcos, Chavães, Granja do Tedo, Sendim e Valença do Douro, tendo-se perdido o de Paradela, Pinheiros e Távora. A coluna do pelourinho do antigo conselho de Longa encontra-se no Largo da Praça, numa casa particular, servindo de suporte a um piso superior da habitação. Quanto ao de Tabuaço, e segundo informações do nosso colaborador e amigo Augusto Guimarães resta talvez a peça do remate que se encontra em casa particular.

Para finalizar, e do nosso ponto de vista, acreditamos que os objectivos propostos foram cumpridos. Acima de tudo divulgar para dar a conhecer e preservar. Limitados pela nossa especialização científica, escassez de tempo ou dificuldade no acesso a determinada documentação, leva-nos a ter a certeza de que muito fica por dizer. No entanto, e com uma maior pesquisa documental por parte dos nossos colegas historiadores medievalistas, tudo se poderá tornar mais claro.

Na verdade, o conhecimento histórico global de um determinado período e de espaço geográfico concreto passa pela articulação entre os vários dados fornecidos pelas diversas ciências humanas e subseqüentes especializações. A História de um povo terá que passar forçosamente pelo conhecimento da terra, da sua região e paisagem, solos e subsolos, de todos os seus recursos. É por demais evidente que as populações ocuparam espaços físicos a que o Homem, por várias razões, teve de se adaptar. O Alto Douro é acima de qualquer outra "uma das maiores obras de engenharia rural que o Homem construiu".

----“-----

CATÁLOGO

ARCOS

Até ao presente momento, a importância arqueológica que a freguesia de Arcos assume no panorama arqueológico do concelho é escassa. De destacar a existência de um lagar, comprovando a importância da produção de vinho e/ ou azeite nesta região desde, pelo menos, a idade Média e ainda um troço de calçada que ligava Arcos a Nagosa, ignorando-se ao certo as suas origens. Junto ao fontanário da aldeia encontra-se um sarcófago, em granito, reutilizado actualmente como bebedouro ou pequeno tanque. Este facto vem demonstrar que, por vezes, os monumentos perdem a sua identidade.

Nome da Estação: **Lagar da Serra.**

Tipo de estação: Lagar escavado na rocha.

Período atribuível: Romano/Medieval. Localização: Lugar - Arcos;

Topónimo - Serra.

Coordenadas geográficas: 41º 03' 21" Lat. N.; 01º 34' 15" Long. E. Lx.; 820 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl. 138, Armamar, 2ª edição, 1985.

Descrição: O lagar foi construído a meia encosta exposto para a aldeia de Longa, no sítio da Serra. Encontra-se encostado a um muro de pedra vã junto a um caminho carreteiro. Trata-se de uma estrutura escavada na rocha, constituída por duas partes distintas: um primeiro tanque, sobrelevado, de forma rectangular, com cerca de 1,94 m de comprimento por 1,70 m de largura. O fundo apresenta-se inclinado sendo mais profundo na parte superior (0,50 m) do que na inferior (0,20 m). Em ambos os lados, aproximadamente ao centro, encontram-se simetricamente colocadas duas perfurações de forma rectangular - 0,40 m x 0,20 m - que serviriam, concerteza, de base de apoio à prensa.

Foto – Pormenor dos encaixes do lagar de Arcos

Da parte inferior deste tanque, desenvolve-se um segundo – unido ao primeiro por um canal transversal' –, de forma ovalada, em que o eixo superior mede cerca de 2,00 m e o inferior uma média de 0,90 m.

Com 2,70 m de comprimento e 0,12 m de largura e uma profundidade de 0,12 m.

O segundo tanque apresenta-se totalmente fechado e tem uma profundidade de 0,60 m. Funcionaria, muito provavelmente, como reservatório de água utilizada durante todo o processo de fabrico do azeite. O azeite, já na sua fase final, deveria ser guardado em vasilhames próprios para o efeito.

Em torno de todo este complexo encontram-se pequenos entalhes na rocha, uns de forma subcircular outros rectangulares, indiciando o encaixe a uma estrutura de madeira, talvez de cobertura.

Foto - Arcos. Lagar escavado na rocha

Acessos: Percorre-se cerca de 0,5 Km pela estrada de alcatrão que liga Arcos a Chavães, ao fim dos quais se deve tomar um caminho de terra batida à esquerda.

Bibliografia: Inédita.

Nome da Estação: **Pedra das Cruzes.**

Tipo de estação: Pedra com insculpturas.

Período atribuível: Incerto.

Localização: Lugar – Arcos; Topónimo – ?.

Coordenadas geográficas: 41º 03' 36" Lat. N.; 01º 32' 56" Long. E. Lx.; 801 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl. 138, Armamar, 2ª edição, 1985.

Descrição: Bloco granítico, sumariamente afeiçoado, de forma aproximadamente quadrangular com 1 m x 1,25 m e 0,45 m de espessura.

Na face exposta foram gravadas 19 pequenas cruces (cerca de 0,15 m de altura média), dispostas em duas linhas paralelas no topo, havendo ainda algumas que se distribuem aleatoriamente pela restante superfície. Trata-se de um marco territorial que terá delimitado os limites das freguesias de Longa e de Arcos. Assumiria uma função idêntica à da *Pedra do Cavalo*, na freguesia de Paradela.

Acessos: Seguir pela estrada municipal 515 que liga Arcos a Tabuaço. Cortar à esquerda por um caminho de terra batida.

Bibliografia: Inédita.

Nome da Estação: **Troço de Via (Arcos/Nagosa).**

Tipo de estação: Via.

Período atribuível: Romano/Medieval/Moderno. Localização: Lugar – Arcos;

Topónimo – ?.

Coordenadas geográficas: 41º 02' 49" Lat. N.; 01º 33' 24" Long. E. Lx.; 730 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl. 138, Armamar, 2ª edição, 1985.

Descrição: Trata-se de um troço bem preservado da primitiva via que ligava a povoação de Arcos a Nagosa. Efectivamente, logo à saída de Arcos encontramos um troço com mais de 150 m, bastante bem preservado. A via foi construída com lajes de médias e grandes dimensões (atingindo as maiores 1,5 m de comprimento por 0,50 m de largura), com uma largura média de 3 m. Ao longo dos tempos esta via sofreu algumas obras

de restauro. Esta acção é notada sobretudo em algumas zonas preenchidas com pedra miúda. Esta via era, até há bem pouco tempo, muito utilizada pelas pessoas que se dirigiam a pé para Nagosa. Hoje em dia ainda serve de acesso a muitas propriedades agrícolas.

É bastante difícil atribuir uma cronologia para a construção da mesma. Na verdade, não é de todo impossível que esta tenha pertencido à rede viária do império romano. Para todos os efeitos, não podemos confirmar esta hipótese, sendo igualmente possível que tenha sido construída na Idade Média ou até na Época Moderna.

Acessos: Por dentro da aldeia de Arcos.

Bibliografia: Inédita.

Nome da Estação: **Sarcófago de Arcos.**

Tipo de estação: Sarcófago.

Período atribuível: Medieval.

Localização: Lugar – Arcos; Topónimo – Fontanário.

Coordenadas geográficas: 41º 02' 46" Lat. N.; 01º 33' 41" Long. E. Lx.; 785 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl. 138, Armamar, 2ª edição, 1985.

Descrição: No centro da aldeia de Arcos encontra-se, junto ao fontanário, um sarcófago reaproveitado como bebedouro para o gado.

Na verdade, trata-se de uma sepultura de tipo sarcófago, em granito, de forma sub-rectangular e leito ovalado, em bom estado de conservação.

SARCÓFAGO DE ARCOS
ARCOS – TABUAÇO – 1999
– Cimento

Na base deste encontra-se cimentado, o pequeno canal por onde primitivamente escorriam líquidos e excreções. Junto à cabeceira foi feito um pequeno orifício para escoar a água.

Apresenta as seguintes dimensões: comprimento total – 1,85 m; comprimento do leito – 1,65 m; largura máxima – 0,64 m; largura do leito – 0,44 m; profundidade máxima – 0,18 m; profundidade mínima – 0,10 m; altura máxima – 0,33 m; altura mínima – 0,20 m.

Acessos: Junto ao fontanário.

Bibliografia: Inédita.

BARCOS

A freguesia de Barcos, ainda que não muito diversificada em termos de vestígios arqueológicos, apresenta uma das estações mais importantes do concelho. Trata-se do Castro do Sabroso que tem um especial interesse científico para quem queira estudar o povoamento que ocorreu, em termos gerais, no final da Idade do Bronze/Ferro Inicial – entre 1200 a.C. e 700 a. C. É possível que também aí tenha existido uma atalaia medieval.

Da prospecção efectuada, resultou a descoberta de uma estação da época romana – o assentamento romano do *Vale de Asna*.

No local da *Forca*, referido popularmente como o antigo local público de punição, identificou-se um lagar escavado na rocha.

No sopé do monte onde se localiza o Castro do Sabroso, encontramos um dos exemplares mais bonitos, a nível arquitectónico, do estilo românico do concelho de Tabuaço. Referimo-nos à Igreja Românica de Santa Maria do Sabroso. Sendo, para alguns, considerada uma das igrejas mais antigas do nosso país, foi responsável pelo povoamento efectivo que ocorreu em seu redor desempenhando durante séculos o papel de sede de paróquia.

Nome da Estação: **Vila Chã 2.**

Tipo de estação: Povoado (?)

Período atribuível: Neolítico/Calcolítico (?)

Coordenadas geográficas: 41º 08' 04" Lat. N.; 01º 32' 43" Long. E. Lx.; 536 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl. 127, Tabuaço, 2ª edição, 1987.

Descrição: Soubemos através do pároco de Barcos, senhor Luís Ribeiro da Silva, da existência de um local onde, segundo dizia, a população encontrava bastante “cerâmica antiga”. Ele próprio possui um pequeno machado em anfibolito proveniente desta estação.

No local, conhecido por *Vila Chã*, onde também se encontra uma pequena estação romana (ficha nº 6A), nada mais conseguimos apurar além da existência de uma série de moventes que se encontravam num pequeno murete de uma quinta sinalizada com o mesmo nome.

Chamamos também a atenção para a soleira da porta desta quinta onde se encontra gravado um motivo de linhas incisivas oblíquas formando uma “espinha”.

Pelos achados de superfície torna-se difícil fazer uma interpretação do sítio, podendo, a título de hipótese, supor a existência de um pequeno habitat pré-histórico ou de um monumento megalítico do qual faria parte a pedra gravada. Esta estação, à semelhança da estação romana localizada nas imediações, terá sofrido as consequências das intensas lavras mecânicas para o plantio da vinha e da oliveira, culturas que se encontram presentes neste local.

Bibliografia: COSTA, 1979: 182.

Acessos: Partindo da estrada municipal nº 512, que liga Adorigo a Tabuaço, corta-se pelo estradão ao lado da Quinta do Pereira, situando-se esta estação a cerca de 300 m. Junto da pequena quinta com a indicação de Vila Chã.

Nome da Estação: **Castro do Sabroso.**

Tipo de estação: Povoado.

Período atribuível: Bronze Final/Ferro?

Localização: Lugar – Barcos; Topónimo – Sabroso; Cabeça da Pena.

Coordenadas geográficas: 41º 07' 05" Lat. N.; 01º 30' 41" Long. E. Lx.; 682 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl. 127, Tabuaço, 2ª edição, 1987.

Descrição: O Castro do Sabroso desenvolve-se numa pequena plataforma, com uma orientação NE-SO, com pouco mais de 80 m de comprimento e 50 m de largura, no topo de uma elevação com uma excelente posição geoestratégica.

Foto - Sabroso. Vista de Este

Trata-se de uma estação arqueológica reconhecida pela população local que lhe atribui, baseada na lenda, uma cronologia mourisca. De facto, as pessoas ouvidas não se cansam de repetir de que “os mouros, ao fugirem do Sabroso, expulsos pelos cristãos, lamentavam todo o ouro e prata que lá haviam deixado”. Na verdade, os vestígios materiais exumados na acrópole deste povoado, indiciam uma ocupação do Bronze Final. Esta plataforma superior ocupa uma área próxima dos 0,5 ha. estando, no entanto, polvilhada de afloramentos graníticos, restando, por isso, uma área muito reduzida para a edificação de estruturas

habitacionais. Questiona-se, assim, se teria existido algum tipo de habitação no topo do monte, parecendo-nos mais provável que a ocupação se tenha efectivado um pouco por toda a encosta, aproveitando abrigos naturais sobre rocha ou ocupando pequenas plataformas existentes. O recinto da acrópole encontra-se envolto por uma estrutura pétreia que denominamos por “muralha”. Mais do que o carácter defensivo, esta “muralha” terá assumido um valor e importância essencialmente simbólica.

Foto - Igreja românica de Santa Maria do Sabroso

A forma como foi edificada esta ‘muralha’ não foge muito à realidade observável em povoados do norte da Beira Alta, nomeadamente nos povoados dos *Castelinhos* (S. João da Pesqueira) ou no do *Reboledo* (Penedono/S. João da Pesqueira). A técnica construtiva empregou pedras de pequenas e médias dimensões, empilhadas mais ou menos ordenadamente, com cerca de 2 m de largura. Actualmente, encontra-se bastante destruída, sendo apenas possível observar-se um grande amontoado de pedras que, desordenadamente, contornam a coroa do monte.

Nas encostas do monte, é possível a recolha de fragmentos cerâmicas feitos ao torno e que poderão pertencer, eventualmente, a uma ocupação da Idade do Ferro e/ou Medieval. Na plataforma inferior, já no sopé da vertente sul, onde foi edificada a igreja românica do Sabroso (séc. XII/séc. XIII), é possível ainda encontrar cacos proto-históricos. A ocupação desta plataforma é, no entanto, um pouco incerta, podendo estes materiais serem originários da plataforma superior.

Uma segunda linha de muralhas foi edificada, do lado norte, junto ao sopé do monte. É em tudo idêntica à da plataforma superior, encontrando-se no mesmo estado de degradação, com a particularidade de se estender apenas por uma área com pouco mais de 50 m, entre dois penedos de granito. M. Gonçalves da Costa, baseando-se em Pinho Leal, refere alicerces de casas na base do monte, bem como de sepulturas escavadas na rocha associadas a tégulas, tijolos, sublinhando que no interior de algumas destas sepulturas teriam sido achados “objectos de ouro, como anéis, braceletes e lanças exóticas” [COSTA, 1979: 181].

Segundo a lenda, existe uma “mina” que liga este monte ao rio Douro, por onde os cavalos iriam beber água. É igualmente tradição dizer-se que existe um touro de ouro guardado nas penedias do monte do Sabroso.

Acessos: Seguindo pela estrada municipal nº 514, no sentido Barcos – Pinheiros, corta-se à direita por um caminho de terra batida que leva ao santuário românico do Sabroso. Encontra-se devidamente sinalizado.

Bibliografia: CORREIA, 1997: 36; COSTA, 1979: 181; FREITAS, 1997: 74; LEAL, 307: 281; MONTEIRO, 1991: 378-379.

Nome da Estação: **Qta. do Vale de Asna.**

Tipo de estação: Casal?

Período atribuível: Romano.

Localização: Lugar – Barcos; Topónimo – Qta. do Vale de Asna.

Coordenadas geográficas: 41º 07' 38" Lat. N.; 01º 32' 13" Long. E Lx.; 560 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl. 127, Tabuaço, 2º série, 1987.

Descrição: A estação desenvolve-se por um vale ao longo de cerca de 1,5 ha. A sul corre uma pequena linha de água. O constante revolvimento das terras, processo que resulta da plantação e replantação da vinha, poderá ter destruído a estação na sua quase totalidade. Não são visíveis, nos muros envolventes, pelo menos aparentemente, quaisquer pedras que possam ter pertencido a antigas construções. As únicas provas evidentes da existência de uma estação romana neste sítio, são as inúmeras *tegulae* que se vão encontrando ao longo de toda a área. Estas acumulam-se maioritariamente na parte sul da estação.

Acessos: Seguindo pela estrada municipal nº 512 a caminho de Adorigo, depois do cruzamento para S. Leocádia, vira-se na primeira cortada à esquerda por uma estrada de terra batida.

Bibliografia: COSTA, 1979: 184.

Nome da Estação: **Vila Chã 1.**

Tipo de estação: Casal (?).

Período atribuível: Romano.

Localização: Lugar – Barcos; Topónimo – Vila Chã.

Coordenadas geográficas: 41º 08' 04" Lat. N.; 01º 32' 43" Long. E. Lx.; 536 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl. 127, Tabuaço, 2ª edição, 1987.

Descrição: Esta estação situa-se num pequeno vale fértil, beneficiando de uma boa exposição solar. As culturas predominantes por onde se dispersam os raros e poucos materiais – resumindo-se estes apenas a algumas mós manúarias e poucas tégulas –, são a oliveira e a vinha. Dos escassos materiais e da reduzida área que estes ocupam, ainda que se torne bastante difícil de calcular pelas várias lavras a que o terreno esteve sujeito, poderíamos depreender que se trata de um local onde se teriam instalado um número bastante reduzido de construções, sem que estas tivessem tido um carácter doméstico.

Ainda que com as devidas reservas, acreditamos que esta estação corresponda a um pequeno casal agrícola. Sem mais materiais do que aqueles que atrás foram enunciados, torna-se bastante difícil saber realmente a que correspondem os vestígios. Sabemos, no entanto, que a este local está associado a lenda de que seria aqui que teria nascido a povoação de Barcos que, assolada por uma praga de formigas, comedoras de crianças, se deslocou posteriormente para o sítio onde hoje se encontra. Acreditamos, por outro lado, que esta estação arqueológica se encontre bastante destruída devido às lavras intensas que o terreno sofreu ao longo dos anos para o plantio da vinha, factor este que também nos dificultou uma interpretação mais rigorosa.

Bibliografia: COSTA, 1979: 182.

Nome da Estação: **Lagar da Forca.**

Tipo de estação: Lagar escavado na rocha. Período atribuível: Romano/Medieval.

Localização: Lugar – Barcos; Topónimo – Forca.

Coordenadas geográficas: 41º 07' 10" Lat. N.; 01º 31' 44" Long. E. Lx.; 610 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl. 127, Tabuaço, 2ª série, 1987.

Descrição: Popularmente denominado por *Forca*, este local é tradicionalmente associado ao sítio onde as pessoas, em tempos remotos, seriam enforcadas, podendo ainda observar-se, segundo a crença popular, “o canal por onde escorreria o sangue”. Encontra-se localizado entre penedos numa encosta, com uma inclinação considerável, exposta a Norte.

O lagar é constituído por apenas um tanque, de configuração sub-rectangular, com cerca de 3,10 m de comprimento por 2,30 m de largura, ladeado de ambos os lados por uma espécie de canais relativamente largos e pouco profundos. Lateralmente e ao mesmo nível, encontramos dois suportes da prensa, com cerca de 0,50 m de comprimento por 0,25 m de largura e uma profundidade de 0,25 m. O tanque apresenta uma inclinação natural de modo a permitir que o líquido extraído escorra em direcção a um pequeno canal que se situa na extremidade aposta. Este canal termina com o afloramento, aproveitando-se o declive para se depositar o vasilhame que aqui era cheio de vinho ou azeite.

Acessos: Pela estrada que liga Barcos à igreja românica de Sabroso até ao cemitério. Aí segue-se por caminho carreteiro.

Bibliografia: Inédita.

Nome da Estação: **Igreja Românica de Santa Maria do Sabroso.**

Tipo de estação: Igreja.

Período atribuível: Medieval.

Localização: Lugar – Barcos: Topónimo – Santa Maria do Sabroso.

Coordenadas geográficas: 41' 07' 05" Lat. N., 01º 30' 41" Long. E. Lx.; 682 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl. 127, Tabuaço, 2ª edição, 1987.

Descrição: A igreja românica de Sabroso sofreu, por razões que a nós nos escapam, profundas alterações que lhe conferiram o aspecto actual. Esta igreja funcionou como sede de freguesia e igreja matriz de outras que se prolongavam pelo concelho de Armamar. Sabroso foi habitado até finais do séc. XVI, sede de Abadia e Colegiada. É a partir deste século que entra em decadência.

Foto - Igreja de Santa Maria do Sabroso

A igreja continuou a ser, no entanto, igreja paroquial que, pertencendo a Sabroso era simultaneamente o templo que servia as freguesias de Sta. Leocádia e Pinheiros. Apresenta-se como um templo de uma só nave, com abside quadrangular, com dimensões bastante modestas, contrastando, pela sua sobriedade, com a Igreja de S. Pedro da Águias (Granjinha) que é riquíssima ao nível escultórico, elementos bem visíveis, principalmente, nos seus portais e modilhões.

Sabroso pertence como testemunho de uma época em que predominam as pequenas igrejas rurais, onde existe, por outro lado, uma reocupação de locais que já detinham alguma importância e significado. Do seu cariz românico pouco mantém para além da simplicidade da sua arquitectura e modestas dimensões. Reconstruída sem preocupações que atendessem ao seu aspecto original mantém modilhões, não ornamentados, mas geométricos, nos lados exteriores da abside e sob a cornija. Aliás, os próprios modilhões apenas se confinam a esta parte do edifício que, não tendo sido reconstruído, se manteve do original.

Na década de 40 deste século o então pároco de Barcos terraplanou toda a área envolvente a este local para que aí se fizesse um campo de jogos. Foi nesta altura que se encontraram todas as tampas de sepultura que ladeiam e decoram as paredes laterais exteriores deste edifício [COSTA, 1979: 182].

Acessos: O mesmo da ficha nº 5.

Bibliografia: COSTA, 1979: 182; MIRANDA e SILVA, 1995: 62.

Nome da Estação: **igreja Românica de Barcos.**

Tipo de estação: Igreja.

Período atribuível: Medieval.

Localização: Lugar – Barcos; Topónimo – Barcos.

Coordenadas geográficas: 41º 07' 16" Lat. N.; 01º 31' 54" Long. E. Lx.; 605 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl. 127, Tabuaço, 2ª edição, 1987.

Descrição: A igreja matriz de Barcos, à semelhança de outros edifícios religiosos que existem no concelho de Tabuaço, tem as suas origens na influência da arquitectura românica.

A sua fachada direccionada a poente apresenta um portal com dois colunelos laterais encimados por capitéis ornamentados de figuras “satíricas”. As impostas estão ornamentadas com motivos vegetais e as duas arquivoltas com motivos geométricos.

Ainda que lhe seja acreditada uma origem românica, não podemos negar as transformações que esta igreja sofreu ocorridas principalmente no século XVIII. Será deste período a talha dourada, de características barrocas, que decora aureamente toda a capela-mor. Não podemos esquecer, também, o magnífico tecto desta capela-mor, provavelmente do séc. XVIII, constituído por 28 caixotões pintados representando cenas da vida de Jesus Cristo.

A igreja matriz de Barcos é outro dos edifícios que não apresenta motivos com características exclusivamente românicas. Situar-se-á a nível construtivo entre o românico e o gótico. Se, por um lado, o

portal Oeste apresenta características nitidamente românicas, o pórtico Sul evidencia características góticas, essencialmente através do seu arco quebrado.

Acessos: No centro da aldeia de Barcos.

Bibliografia: CORREIA, 1997: 32; MIRANDA e SILVA, 1995: 77.

CHAVÃES

Os mais antigos vestígios arqueológicos encontrados na freguesia de Chavães remontam à época romana. Do período medieval destaca-se um dos quatro sarcófagos que até ao momento foram encontrados no concelho. Além deste, foi identificada também uma sepultura inacabada escavada na rocha.

Nome da Estação: **Seara.**

Tipo de estação: Casal (pequeno sítio).

Período atribuível: Romano.

Localização: Lugar – Chavães; Topónimo – Seara.

Coordenadas geográficas: 41º 05' 05" Lat N.; 01º 34' 20" Long E. Lx.; 880 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl. 138, Armamar, 2ª edição, 1985.

Descrição: A estação localiza-se no extremo de um vale que se desenvolve no sentido Sul/Norte, sensivelmente a 500 m a Este de Chavães. Numa área de reduzidas dimensões – com pouco mais de 0,5 ha –, é possível encontrarmos à superfície alguns materiais de construção, nomeadamente *tegulae* e *imbrices*, não tendo sido identificados entretanto qualquer tipo de fragmento de cerâmica fina ou comum. Deverá tratar-se com certeza de um pequeno casal agrícola explorado por apenas uma família.

Em Chavães, na parede de uma casa próxima do pelourinho, foi identificada uma pedra almofadada, certamente da época romana, referenciada por Alberto Correia [COR-REIA, 1997: 58]. Apesar das prospecções efectuadas em torno de toda a área envolvente da aldeia, não foi detectado qualquer outro vestígio deste povoamento. É, no entanto, pouco provável que a pedra almofadada da praça de Chavães provenha do sítio da Seara.

Acessos: Por um estreito caminho carreteiro, que segue à direita, quando se sai de Chavães em direcção a Tabuaço.

Bibliografia: CORREIA, 1997: 58.

Nome da Estação: **Seara.**

Tipo de estação: Sarcófago.

Período atribuível: Medieval.

Localização: Lugar – Chavães; Topónimo – Seara.

Coordenadas geográficas: 41º 05' 02" Lat N.; 01º 34' 25" Long. E. Lx.; 880 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl. 138, Armamar, 2ª edição, 1985.

Descrição: Trata-se de um sarcófago em granito, fragmentado no lado direito junto aos pés. Apresenta uma configuração trapezoidal, tendo um comprimento máximo de 2,32 m e uma largura máxima de 0,39 m. O leito tem 1,82 m de comprimento e 0,54 m de largura máxima, sendo a profundidade máxima de 0,39 m. Actualmente, encontra-se inserido num muro divisório de propriedade. Provavelmente não se encontrará muito longe do seu local inicial, dado que nas proximidades foi detectada uma sepultura escavada na rocha, inacabada (ficha nº 10).

Acessos: Por um estreito caminho carreteiro que segue à direita quando se sai de Chavães em direcção a Tabuaço.

Bibliografia: Inédita.

Nome da Estação: **Seara.**

Tipo de estação: Sepultura.

Período atribuível: Medieval.

Localização: Lugar – Chavães; Topónimo – Seara.

Coordenadas geográficas: 41º 05' 32" Lat. N.; 01º 34' 24" Long. E. Lx.; 864 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl.139, Paredes da Beira (S. João da Pesqueira), 2ª edição, 1985.

Descrição: Trata-se possivelmente de uma sepultura escavada na rocha, ainda que inacabada. Escavada sobre um bloco granítico, esta sepultura foi abandonada antes de acabada por razões que nos ultrapassam. Alguns autores acreditam que algumas sepulturas que se encontram inacabadas, se devem relacionar com a sobrevivência do indivíduo que, vitimado por alguma doença, acabou por ultrapassá-la.

Foto - Seara. Sepultura inacabada escavada na rocha

A sepultura apresenta 1,71 m de comprimento, 0,50 m de largura à cabeceira, 0,42 m de largura aos pés e 0,10 m de profundidade. Cerca de 200 m para oeste encontra-se um sarcófago em granito (ficha nº 9). É provável que sejam contemporâneos.

Acessos: O mesmo do anterior.

Bibliografia: Inédita.

DESEJOSA

Na freguesia da Desejosa apenas foi identificada uma estação arqueológica. Esta revela-se, no entanto, de extrema importância visto ser o único exemplo do “fenómeno” megalítico até ao momento presente no concelho. Trata-se do *Dólmen 1 de S. Domingos*. Este monumento pertence a um conjunto de mais três sepulturas que se prolongam para o concelho de S. João da Pesqueira.

Nome da Estação: **Dólmen 1 de S. Domingos.**

Tipo de estação: Dólmen.

Período atribuível: Neolítico/Calcolítico.

Localização: Lugar – Monte de S. Domingos; Topónimo – Monte de S. Domingos.

Coordenadas geográficas: 41º 01' 45" Lat. N.; 01º 36' 32" Long. E. Lx.; 705 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl. 128, S. João da Pesqueira, 2ª edição, 1986.

Descrição: O *Dólmen 1 de S. Domingos* encontra-se localizado numa pequena plataforma no sopé da vertente E. do monte homónimo. Trata-se de um monumento megalítico de tipo clássico, em xisto, com câmara e corredor curto, bem diferenciado, e com mamoa em bom estado de conservação.

Foto - Dólmen 1 de S. Domingos

Esta sepultura pré-histórica, de dimensões medianas, apresenta uma câmara poligonal alargada de sete esteios, seis dos quais ainda *in situ*, com um comprimento de 1,40 m e 1,90 m de largura. A área da câmara encontra-se entulhada por pedras de pequenas e médias dimensões. O esteio de cabeceira apresenta 1,80 m de altura visível, 1,30 m de largura e 0,20 m de média espessura. Os restantes esteios da câmara apresentam-se já fracturados. O corredor do monumento é pouco desenvolvido e bastante estrangulado – 1,50 m de comprimento x 0,90 m de largura. Ainda conserva os três esteios do lado Sul e é ainda possível observar-se o topo de outros dois no lado oposto. O comprimento total do monumento, e ao nível do entulho acumulado, é de 2,90 m. A mamoa, apresenta uma forma ovalada, medindo o eixo Este-Oeste 8,45 m e o eixo Norte-Sul 7,30 m. Apresenta-se bem conservada, sendo composta por pedras de xisto quartzoso, de dimensões medianas.

Na área fronteira do monumento, é possível observarem-se três blocos graníticos que se assemelham a esteios. Podem tratar-se de tampas do corredor que foram removidas ou de elementos relacionados com as estruturas do átrio do monumento. Encontra-se integrado numa necrópole de mais três monumentos sob *tumuli*, dois dos quais de tipologia diferente e muito baixos, podendo encerrar no seu interior pequenas cistas, enterramentos em fossa ou outro género de estruturas. Dois destes monumentos estão localizados num monte 200 m a SE. Um outro encontra-se localizado na linha de cumeada de uma elevação já perto de Castanheiro Sul, 700 m a S.SE. do Monte de S. Domingos.

Acessos: Faz-se pela estrada municipal nº 504.

Bibliografia: CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL, 1989: 54.

GRANJA DO TEDO

Na Granja do Tedo encontra-se presente uma das calçadas antigas que serviram, antes do asfalto, as populações desta região. Ainda que as suas origens sejam duvidosas, poderá remontar à época romana, tendo em conta o seu traçado e os vestígios romanos presentes nas suas imediações. Ainda há cinquenta anos atrás era um dos caminhos mais utilizados pela população.

No que diz respeito às pontes sobre o rio Tedo existentes na freguesia, comumente tidas como romanas, assim as não podemos considerar. Não encontramos qualquer semelhança entre o aparelho construtivo romano e estas pontes. Obviamente, não podemos descartar uma origem romana que à primeira vista não apresentam. As populações esquecem-se que as pontes em silhares, por mais bonitas e antigas que elas sejam, não foram construídas apenas na época romana.

Nome da Estação: **Troço de via (Arcos/ Granja de Tedo).**

Tipo de estação: Via.

Período atribuível: Romano/Medieval.

Localização: Lugar – Monte Rei; Topónimo – Monte Rei.

Coordenadas geográficas: 41º 02' 57" Lat. N.; 01º 33' 24" Long. E. Lx.; 721 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl. 138, Armamar, 2ª Edição, 1985.

Descrição: Esta via tem fortes possibilidades de ter pertencido ao conjunto da rede viária romana. O traçado da viação romana da região está ainda mal estudada. No entanto, conhecemos alguns troços que, grosso modo, devem corresponder às vias primitivas.

Foto - Via romana Arcos/Granja de Tedo

Assim, uma via que partindo de Paredes da Beira (capital da civitas dos *Arabrigenses*?) em direcção a Viseu (*civitas Interaniesia*) passava por Riodades, atravessava algures o rio Távora, subia então para Sendim – servindo concerteza o *vicus* de Fontelo (ficha nº 35) e as estações em seu redor – e seguia para Armamar, passando Arcos, Longa, Granja de Tedo e Goujoim. Ainda que não tenha sido detectado nenhum troço de calçada entre Sendim e Arcos, é possível que esta via por aí passasse, tendo em conta que sendo uma área de planalto, este troço poderia não ser lajeado. De Arcos à Granja do Tedo temos um longo troço de calçada romana relativamente bem conservada.

Esta via devia atravessar o rio Tedo numa das pontes da Granja do Tedo, se bem que não sejam visíveis quaisquer indícios arquitectónicos desta primitiva ponte. A via seguia depois para Goujoim, já no concelho de Armamar, onde foi encontrado, *in situ*, um *Terminus Augustalis*, que separa as *civitas* dos *Arabrigenses* da *civitas* dos *Coilarni*.

Esta calçada é, na sua maioria, construída por lajes graníticas de médias e grandes dimensões, apresentando algumas um forte desgaste provocado pela intensa circulação, durante centenas de anos, de

peças, animais e carroças. A largura média desta via é de 4 m. Alguns pequenos troços foram remodelados ao longo dos tempos, com pedras de dimensões inferiores.

A população local afirma que ainda há menos de cinquenta anos toda a circulação para a Longa e para Arcos se processava por esta via.

Acessos: Tendo em conta a extensão da via, o acesso a esta pode processar-se de vários locais. Assim, em Arcos a via entronca à saída do lado oeste. Na Longa a via passa por detrás da capela da Senhora da Saúde. Na Granja do Tedo a melhor forma de se chegar à via é por uma estrada de terra batida que segue do lado esquerdo à saída para Moimenta da Beira.

Bibliografia: Inédita.

GRANJINHA

Do ponto de vista arqueológico, a freguesia da Granjinha reveste-se de uma extrema importância. No sítio da *Porqueira* foi identificado um conjunto de abrigos que, pelos materiais encontrados à superfície, nos remetem, pelo menos, para o período do Calcolítico – III^o milénio a.C. Não descartamos a possibilidade de talvez terem tido uma ocupação ainda mais antiga, no Neolítico, mas tal hipótese só poderá ser confirmada mediante a realização de escavações arqueológicas.

Avançando mais de 3000 anos na história desta Freguesia, vamos encontrar outro dos exemplos da arquitectura românica presentes neste concelho. Falamos, como é evidente, da igreja de S. Pedro das Águias que constitui, por diversos factores, um dos sítios de visita obrigatória mais bonitos deste concelho. Edificada talvez na segunda metade do séc. XII, foi reconstruída já na década de 50 após ter sido abandonada e votada à completa ruína. Junto a esta igreja encontra-se um sarcófago e uma tampa decorada de sepultura, de cronologia medieval. A tampa de sepultura encontra-se actualmente à guarda da Câmara Municipal de Tabuaço.

Nome da Estação: **Povoado da Porqueira.**

Tipo de estação: Povoado.

Período atribuível: Neolítico?/Calcolítico.

Localização: Lugar – Granjinha; Topónimo – Porqueira.

Coordenadas geográficas: 41^o 03' 49" Lat. N.; 01^o 37' 12" Long. E. Lx.; 580 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl. 139, Paredes da Beira (S. João da Pesqueira), 2^a edição, 1985.

Descrição: A *Porqueira* é mais um povoado pré-histórico da margem esquerda do rio Távora.

Este povoado encontra-se implantado numa plataforma com pendor suave, sobranceira ao rio Távora, encaixada entre dois contrafortes rochosos no cimo do monte homónimo. Os seus ocupantes aproveitaram igualmente abrigos naturais sob rocha onde foram detectados alguns vestígios cerâmicos de superfície. Os socalcos ainda hoje existentes testemunham práticas agrícolas de épocas não muito longínquas. Foi num destes socalcos que foram detectados dois dormentes de moinhos manuais.

Os vestígios mais significativos, que provam a ocupação efectiva do local, foram encontrados nos abrigos sob rocha. Foram identificados cinco destes abrigos, todos eles fornecendo materiais cerâmicos à superfície. Alguns destes fragmentos cerâmicos são decorados. Os motivos decorativos podem incluir-se na gramática decorativa dos povoados do Calcolítico da região.

Dos fragmentos decorados recolhidos, destacam-se um bordo com sequência aditiva de bandas punccionadas ou impressas (com punção de extremidade múltipla) – bandas essas contínuas ou interrompidas –, fragmentos com sequência horizontal incisa que conjuga um registo de linhas singulares dispostas paralelas ao bordo com linhas quebradas horizontais – criando um segundo registo, desenvolvendo-se paralelamente formando um padrão repetitivo –, um fragmento com uma configuração idêntica às anteriores com a particularidade de apresentar um traço inciso transversal que separa as linhas

quebradas horizontais, um fragmento de pança que apresenta decoração puncionada e alguns fragmentos que apresentam uma sequência horizontal de banda penteada rectilínea.

Os fragmentos lisos apresentam formas esféricas de fundo esférico, que poderão, de algum modo, indiciar um substrato neolítico. De realçar o achado de um fragmento da extremidade distal de uma colher, em cerâmica.

No interior de um dos abrigos existe uma grande superfície granítica com 3,75 m de comprimento, onde foram gravadas 61 “cavinhas”. Apresentando maioritariamente uma configuração circular, com diâmetros variáveis entre os 0,05 m e os 0,11 m, as “cavinhas” desenvolvem-se longitudinalmente e paralelamente à parede do abrigo. Ainda que dispostas de uma forma linear, é possível observar-se, no lado Este, um núcleo mais compacto, onde curiosamente se verificam as “cavinhas” com diâmetros maiores. Este tipo de manifestação artística encontra-se longe de ser compreendida, sabendo-se que a sua amplitude cronológica é muito extensa, e que aparece associado tanto a contextos sepulcrais como de *habitat* ou simplesmente isoladas, como o caso das “cavinhas” da Eira do Monte na vizinha freguesia da Paradela (ficha nº 20).

Acessos: Pela estrada que liga a Cabris. Bibliografia: Inédita.

Nome da Estação: **Calçada de Sta. Bárbara.**

Tipo de estação: Via.

Período atribuível: Romano/Medieval.

Localização: Lugar – Granjinha; Topónimo – Sta. Bárbara.

Coordenadas geográficas: 41º 03' 45" Lat. N.; 01º 37' 13" Long. E. Lx.; 539 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl. 139, Paredes da Beira (S. João da Pesqueira), 2ª edição, 1985.

Descrição: A via desce do monte da Porqueira em direcção à capela de Sta. Bárbara, oriunda talvez da aldeia de Cabriz. Esta via encontra-se desactivada há algumas dezenas de anos, sendo por esta que se processava o tráfego antes da construção da estrada de alcatrão que actualmente liga a aldeia de Cabriz à Granjinha. A desactivação da via levou a que esta fosse progressivamente ficando num estado deplorável. Votada à ruína, não sofreu qualquer tipo de restauro nas últimas décadas.

À semelhança de outras calçadas do concelho, também para esta não podemos precisar o momento da sua construção. Trata-se, provavelmente, da via que seguia ao longo do Távora desde Sendim até Tabuaço. A estrada, em termos construtivos, apresenta semelhanças com as outras vias do género presentes no concelho, feita com lajes de granito de dimensões medianas. Mede cerca de 4 m de largura. Actualmente, encontramos preservado um troço com cerca de 500 m junto à capela de Sta. Bárbara.

Acessos: A forma mais fácil de se chegar ao sítio é seguindo pela estrada de terra batida que liga a aldeia de Granjinha à capela de Sta. Bárbara.

Bibliografia: Inédita.

Nome da Estação: **Igreja Românica do S. Pedro das Águias.**

Tipo de estação: Igreja.

Período atribuível: Medieval.

Localização: Lugar – Granjinha; Topónimo – S. Pedro Velho.

Coordenadas geográficas: 41º 04' 27" Lat. N.; 01º 37' 11" Long. E. Lx.; 290 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl. 139, Paredes da Beira (S. João da Pesqueira), 2ª edição, 1985.

Descrição: A igreja de S. Pedro das Águias, também conhecida como *S. Pedro o Velho*, está situada sobre a margem esquerda do rio Távora, edificada sobre uma pequena plataforma, quase encostada aos rochedos. A sua construção remonta à segunda metade do ao séc. XII ou mesmo aos finais do século anterior.

A igreja compõe-se de uma nave e de uma cabeceira de configuração rectangular. A nave mede 7 m de comprimento, 5 m de largura e 6,6 m de altura. A cabeceira tem 4 m de comprimento, 3 m de largura e 3,5

m de altura. As paredes têm 1 m de espessura. A iluminação é feita a partir de estreitas janelas de volta perfeita colocadas simetricamente em ambos os lados. Um arco triunfal separa a cabeceira da nave. Para além da porta da fachada, uma outra abre-se na parede setentrional da nave. A cobertura da igreja é feita por um telhado de duas águas, assentando sobre uma cornija amada de modilhões.

Apesar da arquitectura desse monumento denotar uma certa simplicidade e rusticidade, estas são compensadas pela harmonia das suas proporções e riqueza da sua decoração. O tímpano do portal oeste é sustido por duas colunas, de cada lado e sobre os capitéis assenta um lintel, terminado em cada extremidade, por dois animais frente a frente. As arquivoltas, muito trabalhadas, formando um arco de volta perfeita, partem a esta altura. O tímpano está decorado com uma cruz vazada cujos braços terminam em cordões entrelaçados.

O tímpano da porta da fachada norte está decorado com um “*AGNUS DEI*” (cordeiro de Deus). Na parte superior desta porta há ainda uma inscrição em latim onde se lê “Que Deus dos exércitos guarde a entrada e a saída deste templo”. Os modilhões que sustentam a cornija estão ornamentados de figuras satíricas. O interior da igreja está também ele ricamente decorado por capitéis esculpidos e por um belo arco triunfal.

No exterior, encontra-se um austero sarcófago, em granito. Trata-se de uma sepultura antropomórfica, trapezoidal, com a cabeceira de volta perfeita e ombros rectos. Apresenta as seguintes medidas:

Comprimento total: 1,95 m; largura total: 0,72 m: comprimento do leito: 1,70 m; largura nos ombros 0,54 m, ao meio 0,43 m e aos pés 0,40 m; comprimento da cabeceira: 0,25 m; largura da cabeceira: 0,26 m; profundidade da cabeceira: 0,26 m; profundidade nos ombros: 0,28 m; profundidade nos pés: 0,30 m; altura total do sarcófago: 0,59 m; orientação: 84º N.

Um fragmento de tampa sepulcral decorada com uma cruz ao centro ladeada por duas espirais, jazia igualmente junto à igrejas. Saliente-se ainda que esta igreja está directamente relacionada com o mosteiro de S. Pedro das Águias e que os seus monges a souberam preservar muito cuidadosamente. Ficou em ruínas **quando** estes tiveram de o abandonar no século passado.

O sentido místico que absorve este local ficou para sempre perpetuado na mais bonita lenda do concelho de Tabuaço – a lenda de Ardinga ou Ardínia – primorosamente contada por A. Correia: “Era uma vez... Uma das mais lindas histórias de mouras que se conta aconteceu dentro desta terra de Tabuaço. A moura chamava-se Ardinga ou Ardínia. Nasceria num país do sul e viera menina para Lamego onde seu pai era rei. Foi há muito tempo, ao findar o séc. X. Os cristãos e os mouros batiam-se nestas fronteiras da Beira e do Douro mas Ardinga, quase menina, seguia de longe as histórias de guerra e os actos heróicos de um cavaleiro cristão! E foi então que no coração da menina nasceu o primeiro amor. Fugiu do castelo e andou, andou por caminhos que vieram dar ao ermitério de S. Pedro das Águias onde o monge Gelásio curava feridas de soldados.

Ardinga falou ao frade do seu amor mas antes que um soldado levasse novas ao cavaleiro desta enamorada adolescente, o rei descobria o refúgio da filha que se fizera cristã. Não teve pena das lágrimas da:menina cujo corpo de virgem feriu de morte lançando-o sobre as água do rio. Mas Ardinga morrera antes de amor. O cavaleiro cristão apenas pôde chorar sobre o corpo morto de Ardinga que sepultou na margem do rio. E nunca mais procurou outro amor.” [CORREIA, 1997: 71].

A sua reconstrução deu-se em 1956, pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

Acessos: Pela estrada que atravessa a aldeia de Granjinha, apresentando-se o monumento devidamente sinalizado.

Bibliografia: CORREIA, 1997: 69-70; COSTA, 1979: 191; D.G.E.M.N.. 1954; FREITAS, 1997: 41-42; MONTEIRO, 1991: 413-419.

LONGA

A freguesia de Longa apresenta-nos um dos sítios arqueológicos mais conhecidos da comunidade científica. Trata-se do *Castro de Longa* cujo local de implantação é, por si só, monumental. Este é um dos exemplos presentes no concelho que reflecte o povoamento característico de uma determinada época – final da Idade do Bronze/Ferro Inicial –, ocorrida em termos gerais durante o I milénio a.C. Escusado será dizer que o local constitui para além de todo o valor científico a ele inerente, um grande valor patrimonial.

A romanização deste local não está atestada, uma vez que não foram encontrados elementos materiais atribuíveis ao período romano. No entanto, nas proximidades deste povoado aparece-nos um dos troços seguros de calçada romana que se dirige para Chavães.

Nome da Estação: **Grail**.

Tipo de estação: Povoado.

Período atribuível: Calcolítico.

Localização: Lugar – Longa; Topónimo – Grail.

Coordenadas geográficas: 41° 04' 05' Lat. N., 01° 32' 18" Long. E. Lx.; 725 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl. 138, Armamar, 2ª edição. 1985.

Descrição: Trata-se de uma estação Calcolítica situada a meia encosta, aproveitando pequenas plataformas e abrigos naturais sob rocha. A identificação deste sítio deve-se ao facto de no local terem sido abertos alguns troços de corta fogos. As máquinas ao revolverem as terras, puseram a descoberto fragmentos cerâmicos característicos das comunidades da Idade do Cobre da região.

Foto - Localização do Povoado de Grail

Na verdade as decorações verificadas em alguns destes fragmentos – penteados, puncionamentos arrastados e impressões com matriz – são facilmente identificadas em povoados deste período na bacia hidrográfica do rio Douro. Os paralelos mais próximos situam-se no concelho vizinho de S. João da Pesqueira – Castelos *Velhos de Trevões* (freguesia de Trevões), *S' de Lurdes* (freguesia de Nagoselo do Douro) e o povoado de *S. Salvador do Mundo* (freguesia de S. João da Pesqueira), estes dois últimos sobre o rio Douro.

No concelho de Tabuaço é de salientar o povoado da *Porqueira* (freguesia da Granjinha), não só pela semelhança das cerâmicas e suas gramáticas decorativas, bem como pela implantação geográfica, aproveitando uma encosta sobranceira ao rio Távora.

Os materiais encontram-se dispersos por uma área com pouco mais de 0,5 ha, concentrando-se, por vezes, em locais circunscritos. No entanto, estes podem aparecer isoladamente em cotas inferiores, resultado de possíveis arrastamentos.

Acessos: Pela estrada municipal nº 514 até à saída da povoação de Longa, tomando-se depois um estradão à direita.

Bibliografia: Inédita.

Nome da Estação: **Citânia de Longa**.

Tipo de estação: Povoado.

Período atribuível: Bronze Final/Ferro.

Localização: Lugar – Longa; Topónimo – Muro.

Coordenadas geográficas: 41° 04' 15" Lat. N.; 01° 32' 26" Long. E. Lx.; 915 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl. 138, Armamar, 2ª edição, 1985.

Descrição: Popularmente conhecido por o “Muro”, a Citânia de Longa, a 919 metros de altitude, encontra-se implantada no topo arredondado de um proeminente e escarpado monte cujo acesso, facilmente acessível pelo lado exposto a NE., se apresenta condicionado por uma imponente muralha que se desenvolve ao longo de sensivelmente 250 metros, findando junto da encosta escarpada que rodeia e protege naturalmente o restante monte. A cerca de 50 metros, e aproveitando a plataforma superior do monte, desenvolve-se uma nova linha de “muralha”, bastante arruinada e de menores proporções, contornando a acrópole habitacional e findando, no lado SW., junto de um proeminente maciço granítico de difícil acesso.

Aliás, e com as devidas reservas, não será de descurar a possibilidade deste alinhamento pétreo – que poderia não ser defensivo mas com outra função que por ora nos ultrapassa – ser um pouco mais antigo do que a muralha exterior. Na verdade, e num dado momento genericamente ocorrido nos princípios do 1º milénio a. C. – talvez face a uma progressiva intensificação das actividades produtivas e subsequente aumento demográfico, quiçá directamente relacionado com uma organização política mais centralizada com os seus líderes gerindo quer a exploração metalúrgica e transformação das matérias-primas quer o intercâmbio com outras comunidades ligadas aos circuitos comerciais locais e regionais –, se tenha assistido à congregação de uma ou mais comunidades para a construção de um novo pano de muralhas, mais exterior e possante. Para além da auto-afirmação e/ou defesa não é de descurar também a possibilidade de um carácter mais simbólico da mesma.

O povoamento, e com as devidas reservas, poderá ter utilizado unicamente a plataforma mais superior. Uma distinta e imponente aldeia de agricultores e pastores. territorialmente bem implantada e muito presumivelmente dominando e comercializando as riquezas mineiras do subsolo e das actividades transformadoras com outras comunidades ligadas aos circuitos comerciais por via terrestre e/ou fluvial, desempenhando o rio Douro e seus afluentes um sublime papel no fornecimento/escoamento de matérias-primas/produtos finais.

Pese embora a exclusão de qualquer revolvimento de terras, foi possível a exumação de algumas dezenas de fragmentos cerâmicas manuais – na maior parte dos casos bastante erodidos e de reduzidas dimensões – dispersos à superfície do interior do povoado e indiciando, pelas suas características, uma fase ocupacional cronologicamente inserível no Bronze Final, podendo eventualmente recuar-se a um período ligeiramente anterior ou mesmo prolongar-se um pouco pela Idade do Ferro. Fragmentos maioritariamente lisos idênticos a outros recolhidos em povoados do Bronze Final da Beira Alta. Contudo, foram exumados dois fragmentos cerâmicas decorados. Um deles, correspondendo a uma pequena taça de cerâmica fina e muito depurada, ostenta incisões pós-cozedura dispostas segundo uma fiada horizontal de zigzagues. Uma decoração característica do Bronze final, de tipo “Baiões/Santa Luzia”. O restante fragmento decorado, pese embora muito erodido, permite observar uma fiada horizontal de incisões oblíquas.

À superfície dos terrenos, mormente nos montículos pétreos acumulados pelos agricultores aquando do aproveitamento agrícola do espaço, recolheu-se um machado de pedra polida, em anfibolito, e ainda um elevado número de moinhos manuais, sem dúvida indiciando a importância da componente agrícola – cerealífera e leguminosa – tida no seio da(s) comunidade(s) construtoras/utilizadoras da Citânia de Longa, já se si aparentemente numerosa e com um poder económico/político bastante significativo face à monumentalidade e esforço despendido para a edificação só da muralha exterior.

Aliás, e aquando do restauro da muralha exterior, foi igualmente possível a recolha de um significativo número de mós, sem dúvida já em desuso e reutilizadas como elementos construtivos.

Foto - Citânia de Longa. Evolução dos trabalhos de restauro

6 Refira-se que até tempos recentes o local foi aproveitado para o cultivo de cereais [centeio] e plantio de pinheiros bravos, castanheiros ou sobreiros, resultando tal aproveitamento no nivelamento/alteamento do primitivo solo contíguo à muralha exterior. Daí que a face interna da mesma nos tenha chegado completamente coberta de sedimentos, findando as acções de restauro tidas em 1999 precisamente a este nível.

7 Superiormente autorizadas pelo IPA [Proc^o 98/1(2), Of^o 1032, datado de 11.03.1999] e sob a consultadoria científica da Prof^a Doutora Maria de Jesus Sanches [Doutoramento em Letras, especialidade em Pré-História e Arqueologia, Professora Auxiliar do Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto].

Quer este avultado número de mós – completas ou fragmentadas, exclusivamente em granito e tendencialmente ovaladas, atingindo mais de duas centenas –, quer os fragmentos cerâmicos ou machado de pedra polida integram o acervo do futuro núcleo museológico permanente do Posto de Turismo de Tabuaço.

Pela sua monumentalidade e estado de conservação, a Citânia de Longa, classificada como Imóvel de Interesse Público, afigurava-se como um elemento patrimonial digno de visita, de sublime interesse científico, cultural, pedagógico e turístico. Ao mesmo tempo, um local paradisíaco em termos de património natural e paisagístico, recomendando-se uma justa valorização e dinamização.

Assim, e no âmbito do II Quadro Comunitário de Apoio, a firma ArqueoHoje procedeu no primeiro semestre de 1999 a todo um conjunto de acções tendo por objectivo, e excluindo-se qualquer perturbação do subsolo, a desmatação/limpeza da densa cobertura vegetal que se desenvolvia no interior e área envolvente ao sítio arqueológico, restauro/ beneficiação da muralha exterior, colocação de painéis explicativos e sinalização das principais vias de acesso.

Em termos de restauro/beneficiação da muralha exterior, em grande parte profundamente arruinada e tombada sobre o nível inferior da face exterior, consistiu basicamente na sobreposição horizontal dos elementos pétreos tombados – delgadas lajes apoiadas sobre as suas faces maiores – devidamente separados das estruturas ainda conservadas através do recurso de uma rede em arame zincado plastificado a cor verde.

Na verdade, e com base na experiência de seis pedreiros especializados da aldeia de Arcos, começou-se por remover/deslocar todos os blocos e lajes graníticas que, primitivamente, compunham a muralha.

Recorrendo-se às mesmas técnicas utilizadas há c. de 3.000 anos, e com base quer nas estruturas de base conservadas quer na própria inclinação gradual da muralha à medida que se desenvolve em altura, procedeu-se paulatinamente à sobreposição, sobre a sua face maior, das delgadas lajes tendo sempre presente a exposição das faces exteriores sem qualquer marca de fractura recente.

Assim, e no que concerne ao lanço que se desenvolve para Sul – com uma extensão de sensivelmente 100 metros e uma largura média de 4 metros, iniciando-se junto à entrada ao povoado –, foi possível, após o desmonte/reposição dos primitivos elementos pétreos tombados, a recuperação da mesma em toda a sua extensão e com uma altura média constante de sensivelmente 4 metros, findando no topo da face interna ainda conservada, não sendo de descurar a possibilidade de primitivamente ter atingido uma maior altura.

No lanço oposto, com c. de 150 metros de extensão e tecnicamente semelhante, atingiu-se sensivelmente a mesma altura, findando junto ao topo do presente nível de sedimentos acumulados pelo interior desta, encobrendo a respectiva face. Uma imponente aldeia ocupando um espaço com c. de 17,500 metros quadrados cuja área de mais fácil acesso se apresenta condicionada por uma imponente muralha afunilando gradualmente da base para o topo. Uma estrutura amuralhada em pedra seca com faces bem aparelhadas/cuidadas e de perfil ondulado, internamente preenchida com blocos e lajes igualmente sobrepostos.

Acessos: Pelos caminhos de terra batida devidamente sinalizados a partir de Longa ou Chavães.

Bibliografia: CORREIA, 1997: 51; COSTA, 1979: 186; MONTEIRO, 1991: 421.

Nome da Estação: **Troço de via Longa/Citânia.**

Tipo de estação: Via.

Período atribuível: Romana/Medieval.

Localização: Lugar – Longa; Topónimo – ?.

Coordenadas geográficas: 41º 04' 50" Lat. N.; 01º 33' 46" Long. E. Lx.; 820 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl. 138, Armamar, 2ª edição, 1985.

Descrição: Este caminho ligava primitivamente a aldeia de Longa à de Chavães. Actualmente substituído por um estradão aberto pela junta de freguesia local. A população local guarda na memória que nas romarias feitas à capela de St^o Isidro, esta era a via privilegiada de acesso ao local.

Na verdade, estamos na presença de uma das mais belas calçadas antigas do concelho, não só pelo seu estado de conservação como também pela implantação do seu traçado, entroncando na via romana que vinda de Arcos passava por Longa e se dirigia para a Granja de Tedo. Do lado de cima da capela existe um troço com mais de 500 m.

A técnica construtiva é em tudo semelhante à de outras calçadas do género existentes no concelho, feita à base de lajes de granito de dimensões medianas. Apresenta uma largura média de 2,50 m.

Em alguns troços é possível observar-se que foi sofrendo remodelações ao longo das épocas. Estas caracterizam-se pela utilização de pedras miúdas a substituir as antigas lajes graníticas.

Acessos: Seguindo o estradão que liga a aldeia de Longa ao castro. Bibliografia: MONTEIRO, 1991: 421.

PARADELA

A freguesia de Paradela apresenta um conjunto de vestígios arqueológicos bastante diversificado. Situam-se cronologicamente desde a Pré-história ao período medieval.

Foram identificadas uma série de “covinhas” na *Eira do Monte*. Dado o seu amplo espectro cronológico [uma vez que tanto podem aparecer associadas a contextos funerários – como por exemplo a monumentos megalíticos – ou a contextos domésticos de períodos posteriores], toma-se difícil estabelecer uma cronologia exacta para este fenómeno. Encontrando-se completamente isolados de um contexto arqueológico, apontamos para que estes afloramentos tenham funcionado como autênticos “santuários” rupestres.

Outra das estações reconhecidas é o povoado de *S. Mamede*, situando-se aparentemente, e baseado nos achados de superfície, num horizonte cronológico-cultural atribuível à Idade do Ferro. Este povoado reflecte uma ocupação humana característica da última metade do I milénio a.C.

Do período romano, a escassez de materiais não nos permite elaborar um comentário suficientemente completo sobre a única estação encontrada. No entanto, acreditamos poder tratar-se de um pequeno casal agrícola. Comprovando uma vez mais a importância da oliveira e/ou da vinha nesta região, também em Paradela foi identificado um lagar escavado na rocha.

Em afloramentos graníticos encontrámos marcos da Universidade de Coimbra, testemunhos da extensão dos territórios e da influência desta instituição na zona. As cruces gravadas na rocha, que aparecem também em Paradela, poderão traduzir divisões administrativas antigas. Ainda nesta freguesia temos a *Pedra do Cavalo*, também ela com sinais gravados.

Nome da Estação: **Eira do Monte 1.**

Tipo de estação: Gravuras rupestres.

Período atribuível: Idade do Cobre/Bronze/Ferro.

Localização: Lugar – Paradela; Topónimo – Eira do Monte.

Coordenadas geográficas: 41º 03' 25" Lat. N.; 01º 36' 11" Long. E. Lx.; 788 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl.139, Paredes da Beira (S. João da Pesqueira), 2ª edição, 1985.

Descrição: Afloramento granítico onde foram gravadas, em época que se ignora, uma série de pequenas “cavinhas”. O afloramento, com cerca de 3 m de comprimento e 2,5 m de largura, desenvolve-se no sentido este-oeste. No topo encontramos uma depressão oval, irregular, com 0,39 m de comprimento por 0,27 m de largura que nos parece ser uma formação natural provocada por agentes erosivos. No restante espaço foram gravadas, por abrasão, 18 “cavinhas”, de configuração circular, com diâmetros que variam entre os 0,03 m e os 0,09 m. Um conjunto de 13 “cavinhas” parece formar um grupo mais ou menos homogéneo, que se desenvolve de forma transversal ao sentido natural do penedo. Bastante mais dispersas, ocupando inclusivamente uma área periférica, encontramos as restantes cinco “cavinhas”. Para alguns autores este tipo de locais isolados podem ter funcionado como santuários.

É difícil a integração cronológica destas gravuras, dado que aparecem arqueologicamente descontextualizadas. No entanto, este tipo de manifestação artística tem um amplo espectro cronológico. Podem aparecer associadas a monumentos megalíticos, mencionando-se, a título de exemplo, o *Dólmen da Fonte Coberta* (Alijó), os menires da *Anta da Granja de S. Pedro* (Idanha-a-Nova) ou o *Menir do Vale de Maria Pais* (Penedono). Surgem igualmente em contextos habitacionais Calcolíticos e da Idade do Bronze. Apesar da conotação neocalcolítica que por vezes lhes é atribuída, para o ocidente peninsular, temos de considerar cronologias de parâmetros amplos, associadas a múltiplos contextos arqueológicos que atravessam toda a Proto-História [VILAÇA, 1997: 37].

Acessos: Segue-se pela estrada de terra batida que liga Paradela a Sendim. No termo da freguesia, assinalado por uma alminha, vira-se à direita seguindo-se até à estação.

Bibliografia: Inédita.

É o caso do povoado da *Porqueira* (ficha nº 13), na vizinha freguesia de Granjinha – onde abrigo sob rocha foi detectado um painel com 61 “cavinhas” dispostas longitudinalmente –, ou povoado do Castelos *Velhos de Trevões*, concelho de S. João da Pesqueira, onde num I bloco granítico utilizado como elemento dormente de moinho manual foram gravadas 10 “cavinhas” [CARVALHO e GOMES no prelo].

Ex: Povoado do *Monte do Frade*, concelho de Penamacor, povoado da *Cachouga*, concelho Idanha-a-Nova.

Nome da Estação: **S. Mamede.**

Tipo de estação: Povoado.

Período atribuível: Bronze Final/Ferro.

Localização: Lugar – Paradela; Topónimo – S. Mamede.

Coordenadas geográficas: 41º 04' 35" Lat. N.; 01º 36' 42" Long. E. Lx.; 579 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl.139, Paredes da Beira (S. João da Pesqueira), 2ª edição, 1985.

Descrição: O povoado de S. Mamede foi edificado num promontório muito elevado sobre a margem esquerda do rio Távora. O local é extremamente acidentado e o acesso muito difícil. Muito próximo deste povoado existe a ermida de S. Mamede que dá o nome ao sítio. O povoado estabeleceu-se numa pequena plataforma encaixada entre dois contrafortes graníticos, ocupando uma reduzida área de pouco mais de 2.500 m².

Ainda que defendido naturalmente, pela sua posição estratégica privilegiada, os seus habitantes preocuparam-se ainda em construir uma muralha. Na verdade, trata-se de um amuralhamento sem grande monumentalidade e de certa forma fragilizado, constituído por pedras de pequenas e médias dimensões.

Esta muralha poderá ter tido uma outra função que não a defensiva, talvez delimitadora de um espaço ou meramente simbólica.

Foram recolhidos fragmentos cerâmicas manuais, talvez do final da Idade do Bronze, e também fragmentos cerâmicas feitos à roda, todos lisos, muito provavelmente da Idade do Ferro. Foi ainda recolhido um fragmento de elemento de dormente de mó giratória. Na aldeia de Paradela observámos uma espada que, segundo contam, foi recolhida neste povoado.

Acessos: Da aldeia de Paradela sai uma estrada de terra batida que leva à ermida de S. Mamede.

Bibliografia: CORREIA, 1997: 51; COSTA, 1979: 186; MONTEIRO, 1991: 421.

Nome da Estação: **Pedra do Cavalo.**

Tipo de estação: Gravuras.

Período atribuível: Medieval/ Moderna.

Localização: Lugar – Paradela; Topónimo – Pedra do Cavalo.

Coordenadas geográficas: 41º 03' 15" Lat. N.; 01º 35' 34" Long. E. Lx.; 900 m Alt.; C.M.P.1:25.000, fl.139, Paredes da Beira (S. João da Pesqueira), 2ª edição, 1985.

Descrição: Monolito granítico de grandes dimensões cuja configuração é popularmente comparada à de um cavalo. Efectivamente, trata-se de um penedo natural trabalhado pelo vento e água que terá, desde tempos imemoriais, funcionado como um marco geográfico que ajudava as pessoas a identificarem o território. Talvez por este motivo exista urna encruzilhada neste local. Contam os populares que um cavalo voou aqui até poisar numa laje na *Eirinha do Pinhal*, em Távora, onde estão as marcas das ferraduras. Local por nós visitado sem, no entanto, terem sido identificadas as citadas gravuras. Na *Pedra do Cavalo* – rocha nº 1 – encontram-se gravadas várias figuras insculptadas ao longo dos tempos.

De facto, os motivos representados podem-se dividir em dois grupos: um mais antigo, pré ou proto-histórico, constituído por três covinhas. uma figura humana masculina com membros arqueados e falo, assim como um motivo em forma de S invertido. Numa segunda fase, provavelmente já na Idade Média, terão sido insculptadas uma série de doze cruzes duas delas geminadas. Existem ainda três prováveis siglas – R, P e O – insculptadas em época mais recente.

Junto deste monólito encontra-se uma outra pedra igualmente gravada – rocha nº 2. Também aqui é possível observar-se um conjunto de dez cruzes, quatro delas unidas entre si, e duas datas – 1779 e 1787. Encontram-se ainda gravados dois outros motivos cuja cronologia é difícil precisar: um 3 invertido e um S deitado. Esta pedra assume em si própria um simbolismo muito particular relacionado com manifestações religiosas praticadas desde há muitos séculos.

Acessos: Pela estrada de terra batida que liga Paradela a Sendim. No termo da freguesia, assinalado por uma alminha, vira-se à direita até à *Eira do Monte*, seguindo-se depois por um estradão.

Bibliografia: CORREIA, 1997: 68; MONTEIRO, 1991: 425.

Nome da Estação: **Eira do Monte 2.**

Tipo de estação: Casal.

Período atribuível: Romano.

Localização: Lugar – Paradela; Topónimo – Eira do Monte.

Coordenadas geográficas: 41º 03' 15" Lat. N.; 01º 36' 06" Long. E. Lx.; 750 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl.139, Paredes da Beira (S. João da Pesqueira), 2ª edição, 1985.

Descrição: Os vestígios arqueológicos foram detectados por populares aquando da plantação de uma vinha. A estação localiza-se numa zona de vale, aproveitando a vertente soalheira. À direita corre uma pequena ribeira. É possível observarem-se à superfície restos de materiais de construção típicos das estações

romanas. Referimo-nos concretamente a alguns fragmentos de *tegulae e imbrices*. Foram também identificadas cerâmicas comuns igualmente atribuíveis ao período romano. A dispersão dos materiais ocupa uma área reduzida, desenvolvendo-se de forma pouca homogénea ao longo do vale, numa área com pouco mais de 1,5 hectares.

Acessos: Pela estrada de terra batida que liga Paradela a Sendim. No termo da freguesia, assinalado por uma alminha, vira-se à direita seguindo-se até à estação.

Bibliografia: Inédita.

Nome da Estação: **Lagar da Eira do Monte.**

Tipo de estação: Lagar.

Período atribuível: Romano/Idade Média.

Localização: Lugar – Paradela; Topónimo – Eira do Monte.

Coordenadas geográficas: 41º 03' 20" Lat. N.; 01º 36' 13" Long. E. Lx.; 770 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl.139, Paredes da Beira (S. João da Pesqueira), 2ª edição, 1985.

Descrição: O lagar, situado em zona de vale, foi edificado no extremo Sul de um longo afloramento granítico que se desenvolve no sentido N./S. Trata-se de um lagar composto por dois tanques desnivelados e ligados por um canal. O primeiro possui 2,42 m de comprimento e 1,75 m de largura. A profundidade máxima é de 0,49 m e a mínima de 0,30 m. Do lado direito encontra-se um encaixe de forma rectangular com 0,48 m de comprimento e 0,17 m de largura. Muito provavelmente, serviria para sustentar a estrutura da prensa. Do lado oposto um outro encaixe, junto ao canto inferior esquerdo, com 0,43 m de comprimento por 0,20 m de largura e 0,30 m de profundidade. Um canal com 1,60 m de comprimento, faz a ligação entre os dois tanques. O tanque inferior tem uma configuração diferente. Bastante mais pequeno – 1,63 m de comprimento e 1,27 m de largura –, apresenta uma profundidade de 0,30 m. Este tanque funcionaria como reservatório. Do lado direito do lagar, é possível observarem-se, escavados no afloramento, pequenos buracos circulares que terão servido para sustentação de uma qualquer estrutura cuja funcionalidade não nos é possível especificar.

De todos os lagares escavados na rocha do concelho, este é o mais perfeito, não só pelo local escolhido para a sua edificação, como pela qualidade revelada pelo canteiro que o talhou.

Acessos: Segue-se pela estrada de terra batida que liga Paradela a Sendim. No termo da freguesia, assinalado por urna alminha, vira-se à direita seguindo-se por aí até à estação.

Bibliografia: Inédita.

Nome da Estação: **Eira do Monte 3.**

Tipo de estação: Gravuras.

Período atribuível: Medieval?

Localização: Lugar – Paradela ; Topónimo – Eira do Monte.

Coordenadas geográficas: 41º 03' 21" Lat. N.; 01º 36' 18" Long. E. Lx.; 760 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl. 139, Paredes da Beira (S. João da Pesqueira), 2ª edição, 1985.

Descrição: Num pequeno planalto sobranceiro a Paradela, encontram-se gravadas, sobre vários afloramentos graníticos, figuras medievais.

Foto - Eira do Monte. Gravuras

Trata-se de uma série de cruces de reduzidas dimensões – 0,10 m X 0,10 m –, gravadas num dos penedos graníticos, alinhadas transversalmente à orientação natural do penedo. Em frente deste, num outro penedo, encontram-se duas marcas da Universidade de Coimbra, delimitatória dos territórios desta instituição nestas paragens. Pode ler-se DE V (*De Universitates*).

Acessos: Segue-se pela estrada de terra batida que liga Paradela a Sendim. No termo da freguesia, assinalado por uma alminha, vira-se à direita seguindo-se por aí até à estação.

Bibliografia: Inédita.

PINHEIROS

Da freguesia de Pinheiros são, desde há muito conhecidas, as gravuras do *Cabeço das Pombas* constituindo um dos pontos de maior interesse para quem se dedica ao estudo deste tipo de manifestações artísticas. Representam não só um valor inquestionável para a comunidade científica do nosso país, como são também um legado cultural para as gentes desta terra. As gravuras rupestres do *Cabeço das Pombas* concebidas como um “altar” e sacralizando aquele espaço, ficaram expostas aos olhares de diversas gerações que por ali passaram, constituindo por si só uma ponte entre as gerações do passado e do presente. Se aquela manifestação artístico-religiosa foi concebida para ser vista e adorada, ela tem conseguido os seus objectivos. Serviu no passado, serve o presente e servirá, concerteza, o futuro.

Ainda no seguimento da prospecção realizada nesta freguesia, foi descoberta uma outra estação arqueológica, desta feita romana, no local conhecido como *Eirinha do Paço*.

Da freguesia de Pinheiros são, desde há muito conhecidas, as gravuras do *Cabeço das Pombas* constituindo um dos pontos de maior interesse para quem se dedica ao estudo deste tipo de manifestações artísticas. Representam não só um valor inquestionável para a comunidade científica do nosso país, como são também um legado cultural para as gentes desta terra. As gravuras rupestres do *Cabeço das Pombas* concebidas como um “altar” e sacralizando aquele espaço, ficaram expostas aos olhares de diversas gerações que por ali passaram, constituindo por si só uma ponte entre as gerações do passado e do presente. Se aquela manifestação artístico-religiosa foi concebida para ser vista e adorada, ela tem conseguido os seus objectivos. Serviu no passado, serve o presente e servirá, concerteza, o futuro.

Ainda no seguimento da prospecção realizada nesta freguesia, foi descoberta uma outra estação arqueológica, desta feita romana, no local conhecido como *Eirinha do Paço*.

Nome da Estação: **Cabeço das Pombas.**

Tipo de estação: Gravuras Rupestres.

Período atribuível: Idade do Bronze?

Localização: Lugar – Pinheiros; Topónimo – Cabeço das Pombas.

Coordenadas geográficas: 41º 05' 54" Lat. N.; 01º 32' 26" Long. E. Lx.; 650 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl.138, Armamar, 2ª edição, 1985.

Descrição: O *Cabeço das Pombas*, como é localmente conhecido, é um promontório granítico que, por si só, assume na paisagem uma posição ímpar. Uma das faces deste afloramento foi, há muito, aproveitada para a gravação de figuras que, deste modo, sacralizaram todo este espaço, tornando-o num local público e com uma conotação simbólico-religiosa. Efectivamente, um conjunto de motivos gravados atesta a importância deste local como lugar de culto. Alguns dos motivos patentes são muito pouco comuns, ou mesmo inéditos, no contexto das rochas gravadas do Noroeste peninsular. Ao centro do painel encontra-se um grande ramiforme (com 0,83 cm de comprimento máximo). Ao centro desse ramiforme, encontra-se gravada uma cara que, conjuntamente com uma outra de que adiante falaremos, terão uma cronologia mais recente.

À direita desta figura (virado de frente para a rocha), e numa zona posterior, encontra-se um conjunto de oito figuras. No topo deste encontra-se uma figura solar (esteliforme), composta por doze linhas sinuosas, dispostas radialmente. Sob este motivo está uma figura composta por dez linhas sinuosas com as extremidades dispostas paralelamente, tendo o mesmo ponto de origem. Associada a este motivo pode-se observar uma figura em forma de “garfo” com três dentes, ladeada por um pequeno círculo. Na zona inferior encontra-se ainda um interessante motivo composto por quinze curtos e fundos sulcos, formando

uma linha recta que curva numa das extremidades. A ladear este último encontra-se um motivo em U ligeiramente invertido.

Sensivelmente ao centro deste conjunto, encontra-se uma cara que, juntamente com a cara gravada no centro do ramiforme, deve pertencer a um período posterior, talvez da Idade do Ferro ou mesmo posterior. Ainda neste conjunto e à direita, está inscrita a sigla "IPRM". À esquerda do ramiforme central, e também numa zona posterior, encontra-se um conjunto de três figuras abstractas compostas, grosso modo, por linhas sinuosas e círculos. Sob estas figuras, a 1,37 m de distância, encontra-se um conjunto de linhas que parecem representar letras cujo significado nos escapa. Em termos gerais, os motivos representados assumem um forte valor simbólico, transformando este sítio num local de culto. Há que sublinhar o facto de as figuras se agruparem por conjuntos gravados em diferentes momentos.

Os motivos mais antigos parecem ser o ramiforme central e o conjunto da direita do painel com excepção da representação da cara, podendo, numa primeira análise, integrarem-se numa etapa do Calcolítico/Idade do Bronze. A um momento mais tardio, talvez a Idade do Ferro, pertencerão as caras. Da época histórica serão as letras e a sigla IPRM. A cronologia dos restantes motivos é incerta.

Quando abordamos temáticas relacionadas com manifestações artísticas, não podemos nem devemos procurar o significado dos motivos representados. Estes guardam mistérios inexpugnáveis cuja lógica esteve presente ao longo de séculos.

Contudo, somos tentados a "interpretar" o conjunto de motivos localizados à direita do ramiforme. Efectivamente, parece-nos que as figuras representadas estarão relacionadas com algum acto cerimonial. Assim, neste conjunto podemos observar duas prováveis fúrculas, uma pinça ou tenaz, um aro que poderá representar um recipiente e o motivo com maiores dimensões parecendo ser a representação de labaredas. Estes objectos encontram-se igualmente documentados nos registos arqueológicos, normalmente conotados com cerimónias realizadas no interior de povoados. Nos terrenos adjacentes ao cabeço granítico, é possível observarem-se alguns fragmentos cerâmicas manuais que poderão relacionar-se com o santuário.

Acessos: À entrada da aldeia de Pinheiros. Encontra-se sinalizada. Bibliografia: CORREIA, 1997: 40.

Nome da Estação: **Eirinha do Paço.**

Tipo de estação: *Villa*.

Período atribuível: Romano.

Localização: Lugar – Pinheiros; Topónimo – Eirinha do Paço, Mesquita.

Coordenadas geográficas: 41º 05' 54" Lat. N.; 01º 31' 14" Long. E. Lx.; 650 m Alt.; C.M.P.1:25.000, fl. 138, Armamar, 2ª edição, 1985.

Descrição: O assentamento romano da Eirinha do Monte tem uma localização invulgar. Ao contrário da maioria das estações romanas, esta não ocupa a vertente soalheira. Os vestígios distribuem-se por pequenas plataformas encaixadas no meio de afloramentos graníticos. Contudo, pode ter sido um local que teve alguma importância. De facto, foi-nos permitido observar algumas pedras almofadadas de grandes dimensões que podem ter pertencido a um edifício com alguma monumentalidade. Num outro muro, foram detectadas duas soleiras, de grandes dimensões, pertencentes a estruturas habitacionais hoje enterradas ou destruídas. Ainda que não seja um achado muito raro, não é de todo vulgar encontrar tais materiais em pequenos assentamentos romanos. Nos terrenos envolventes foram detectados alguns vestígios cerâmicos, na maioria cerâmica de construção, mas foram igualmente recolhidos alguns fragmentos de cerâmica comum e um fragmento de uma taça em *terra sigillata*. A densa vegetação envolvente não permitiu uma prospecção de campo mais intensa.

A monografia de Pinheiros, escrita por Amâncio Manuel Moreira da Silva, dá-nos mais algumas informações sobre este local. Entre a densa vegetação, que actualmente envolve o sítio, parece existir um antigo lagar de tipologia idêntica a outros já identificados no concelho. Nesta obra não publicada, fala-nos também o autor

da existência de um penedo, um “possível altar sacrificial ou forca”. A sua função pode ter sido bem diferente, quiçá outro lagar de dimensões um pouco mais reduzidas. Lembramos que na freguesia de Barcos o sítio popularmente conhecido como “*Forca*”, não é mais do que um lagar escavado na rocha.

Segundo informações orais, foi ainda identificada neste local uma pedra com letras que, após ter sido recolhida pela junta de freguesia local, se extraviou misteriosamente.

Acessos: Quando se entra em Pinheiros vindo de Barcos, corta-se à esquerda por um caminho de terra batida.

Bibliografia: SILVA, s. d. : 7-9; MONTEIRO, 1991: 438.

STA. LEOCÁDIA

Poderíamos dizer que, comparativamente com outras freguesias do concelho de Tabuaço, esta não é tão rica em termos arqueológicos, pois apenas foram identificadas três estações arqueológicas inseríveis no período romano. Mas nem sempre a quantidade é sinónimo de qualidade e até serem feitas escavações arqueológicas nunca iremos saber qual a verdadeira importância destes sítios. Para nós são sempre importantes.

Nome da Estação: **Escola Primária.**

Tipo de estação: Casal.

Período atribuível: Romano.

Localização: Lugar – Sta. Leocádia; Topónimo – 7.

Coordenadas geográficas: 41º 07' 19" Lat. N.; 01º 30' 28" Long. E. Lx.; 255 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl. 127, Tabuaço, 2 edição, 1987.

Descrição: A estação romana da escola primária de Sta. Leocádia está localizada a meia encosta numa zona de relevos bastante acidentados. A oeste corre o rio Tedo. O Sr. Manuel Mendes Baptista, pedreiro de profissão hoje aposentado, fez parte, há cerca de 40 anos, da equipa que construiu a escola primária. Segundo ele, quando abriram os caboucos, surgiu uma grande quantidade de telhas de rebordo e cerâmicas grosseiras.

No local pudemos observar que, de facto, numa reduzida área de pouco mais de 0,5 ha, se podiam encontrar materiais de construção romanos – *tegulae* e *imbrices*. Também nos foi permitido recolher alguns fragmentos de cerâmica comum. Tratar-se-á de mais um pequeno casal agrícola que albergaria muito provavelmente uma só família e com uma produção agrícola muito reduzida.

Acessos: Partindo do centro da aldeia, vai-se pela estrada que conduz à escola.

Bibliografia: Inédita.

Nome da Estação: **Moirão.**

Tipo de estação: Assentamento.

Período atribuível: Romano.

Localização: Lugar – Moirão; Topónimo – Moirão.

Coordenadas geográficas: 41º 07' 42" Lat. N; 01º 30' 02" Long. E. Lx.; 140 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl. 127, Tabuaço. 2 edição, 1987.

Descrição: A estação arqueológica de *Moirão* localiza-se no fundo de um vale cavado, na margem direita do rio Tedo, perto da ponte que liga ao concelho de Armamar. Trata-se, sem dúvida, de uma localização um pouco curiosa, se tivermos em conta que os romanos privilegiavam as vertentes soalheiras. Ora, num sítio onde no inverno o sol nunca aparece antes das dez horas da manhã e à tarde se põe ainda antes das cinco da tarde, só é possível compreender a escolha deste local por questões meramente funcionais, relacionadas com o aproveitamento dos recursos hídricos do rio Tedo, provavelmente, para o funcionamento de um

moinho de água. Após uma prospeção intensiva de toda a área, foi-nos possível verificar que havia uma dispersão de materiais por uma área de cerca de 1 ha.

Foto - Moirão. Pedra almofadada

Assim, à superfície, era possível encontrar muitos materiais de construção da época romana, nomeadamente *tegulae* e *imbrices*. Foram ainda recolhidos alguns fragmentos de cerâmica comum e um fundo quase completo de um grande recipiente de armazenagem (*do/io*). Nas escadas de acesso à propriedade foram identificadas duas pedras almofadadas. No interior da vinha, encontram-se mais alguns blocos de granito aparelhados. No muro que divide a propriedade encontra-se embutido um grande bloco de *opus caementitium*, assim como foram identificados fragmentos de dimensões menores dispersos por muros próximos. Trata-se de um tipo de argamassa, bastante consistente, utilizada normalmente no enchimento e revestimento de superfícies.

Próxima do local, foi identificada uma velha mina posta a descoberto após a surriba de uma vinha. É provável que exista uma forte relação entre este sítio arqueológico e a mina. A exploração dos recursos mineiros, sobretudo de chumbo e zinco, encontra-se atestada na região. A cerca de 500 m de distância, observam-se ainda hoje os vestígios das minas de chumbo outrora exploradas pela Empresa Mineira de Adorigo [MONTEIRO, 1991: 447].

Num moinho vizinho, ainda em funcionamento, conserva-se um elemento movente de mó manúria, em granito.

Acessos: Seguindo pela estrada municipal 513, que segue para Armamar. A estação situa-se junto da ponte que atravessa o rio Tedo.

Bibliografia: COSTA. 1979:184.

Nome da Estação: **Ribeira das Mestras.**

Tipo de estação: Casal.

Período atribuível: Romano.

Localização: Lugar – Sta. Leocádia; Topónimo – ?.

Coordenadas geográficas: 41º 07' 40" Lat. N.; 01º 30' 48" Long. E. Lx.; 390 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl. 127, Tabuaço, 2ª edição, 1987.

Descrição: A estação localiza-se numa vinha a uma cota relativamente baixa, numa encosta acidentada, sobranceira à Ribeira das Mestras, na zona de confluência desta com a Ribeira da Cainha. À superfície observam-se bastantes *tegulae* e *imbrices*. Não foram identificados quaisquer outros vestígios de fragmentos cerâmicos. Os materiais dispersam-se por uma área de cerca de 1000 m², embora se observe uma maior concentração num espaço reduzido com pouco mais de 100 m. O proprietário do terreno afirma que uma grande quantidade de telhas surgiu inexplicavelmente quando se procedia à surriba da vinha, há cerca de três anos. Não é muito comum encontrarmos estações romanas com localizações idênticas a esta, pois costumam privilegiar encostas ou plataformas soalheiras. Tal como acontece com a estação do *Moirão* (ficha nº 29), a localização deste sítio deve prender-se com um propósito específico. A proximidade de linhas de água pode ter tido influência na escolha do local. Para todos os efeitos, a presença de minas de chumbo próximas do local pode levar a prever uma possível conotação desta estação com a exploração mineira.

Bibliografia: Inédita.

SENDIM

A freguesia de Sendim revelou-se uma das freguesias mais ricas, senão mesmo a mais rica, ao nível dos vestígios arqueológicos do concelho de Tabuaço.

Um dos sítios ditos de nota nesta breve introdução é, sem dúvida, o local conhecido por *Afonte Verde*, avistando-se um pouco de todo o lado e dando nas vistas pela sua monumentalidade. Já foi considerado, por alguns autores mais entusiasmados, como uma “grande mamoa”. Tabuaço teria assim o monumento megalítico maior do mundo...

Tendo em conta que *no Monte Verde* apenas foi encontrada uma grande mó manual – um género de mó característica do período Calcolítico –, poderá tal facto indiciar uma ocupação nesse período.

No *Monte de S. João* foram identificados alguns abrigos naturais sob rocha que foram ocupados pelo Homem, muito provavelmente na Idade do Bronze, tendo em conta algumas das cerâmicas que aí foram recolhidas.

Foi igualmente encontrado outro povoado. desta feita na aldeia de Cabriz, cronologicamente mais recente do que aqueles que atrás foram referidos. Trata-se do povoado da *Quinta dos Pinheiros*, muito provavelmente datáveis da Idade do Bronze.

Do período romano, a freguesia de Sendim foi aquela que nos ofereceu mais vestígios. Só no lugar de Guedieiros foram identificadas três estações datáveis, pelos materiais neles encontrados, desta época. As estações são a *Pala*, *Estercada Velha* e *Vale de Igreja*, constituindo um núcleo de vestígios importantes para o estudo da época romana no concelho de Tabuaço. Uma outra estação arqueológica, mais importante que as outras quer em termos de vestígios quer em termos de dispersão e importância dos materiais, é a estação do *Fontelo*.

Esta estação arqueológica da época romana alberga vestígios importantíssimos de um presumível *vicus* (aldeia romana) onde é possível visitar-se o que parece ser um santuário romano. Estes dados ultrapassam a importância regional para assumir um lugar de destaque no panorama das investigações deste período a nível nacional. O local do santuário é dos sítios que de futuro merece ser valorizado, quer pela sua importância científica, quer pelo seu valor que assume em termos patrimoniais.

Aparecem-nos ainda na freguesia de Sendim três lagares escavados na rocha. Ainda que por vezes associados a vestígios romanos, a sua origem é por enquanto duvidosa.

Do período medieval, e rodeado de algumas lendas, considerámos o povoado dos Cabriz que mais não terá sido do que uma pequena atalaia medieval. Do período medieval encontram-se igualmente presentes as sepulturas escavadas na rocha, que remontam à Alta Idade Média.

Mesmo na aldeia de Sendim, junto à igreja matriz, encontra-se um cemitério rupestre formado por 12 sepulturas que, pese embora a sua localização privilegiada dentro da povoação, não tem merecido a devida atenção e respeito pela população local.

Outro conjunto de sepulturas encontra-se patente no sítio dos *Baganhos*, em Guedieiros.

Por fim, resta-nos ainda referir a necrópole de *Vale de Vila* formado por 8 sepulturas. Queremos aqui salientar que estes sítios, não raras vezes vulgares e desprezados aos olhos da maioria das pessoas, merecem ser devidamente valorizados. São testemunhos concretos e físicos da passagem/vivência dos homens que também viveram e sentiram antes de nós.

Nome da Estação: **Cabeço de S. João.**

Tipo de estação: Povoado.

Período atribuível: Calcolítico/Bronze.

Localização: Lugar – Sendim; Topónimo – Alto de S. João.

Coordenadas geográficas: 41º 02' 56" Lat. N.; 01º 35' 30" Long. E. Lx.; 812 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl. 139, Paredes da Beira (S. J. Pesqueira), 2ª edição, 1985.

Descrição: A SE de Sendim eleva-se isoladamente uma formação geológica de grandes proporções que por si só chama a atenção. Trata-se de um cabeço granítico, em remate de esporão, onde proliferam abrigos sob rocha.

Ainda que não exista nenhuma memória popular acerca deste sítio, o mesmo terá sido ocupado numa fase algures na Pré-história recente. De facto, quando visitámos alguns abrigos sob rocha na encosta deste cabeço, exumaram-se alguns fragmentos cerâmicas manuais, com pastas grosseiras e bastante erodidos. Um destes fragmentos apresenta-se decorado com uma banda de incisões oblíquas, podendo ser cronologicamente inserido no Bronze Final.

Apercebemo-nos de que os vestígios se estendem um pouco por todo o cabeço, intensificando-se na plataforma superior. No entanto, a densa vegetação que cobre de forma homogénea e intensiva o local, não permitiu uma avaliação mais apurada da dispersão dos materiais. Curiosamente, este sítio não dispõe de qualquer tipo de estrutura defensiva, assumindo-se como um povoado aberto o que pode indiciar uma maior antiguidade da ocupação deste povoado (Calcolítico?).

Acessos: Partindo da igreja matriz de Sendim, segue-se por um estreito caminho pedestre, por detrás da igreja.

Bibliografia: Inédita.

PAREDES DA BEIRA

Nome da Estação: **Monte Verde**.

Tipo de estação: Povoado.

Período atribuível: Calcolítico.

Localização: Lugar – Monte Verde; Topónimo – Picoto; Monte Verde.

Coordenadas geográficas: 41º 03' 02" Lat. N.; 01º 36' 37" Long. E. Lx.; 740 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl. 139, Paredes da Beira (S. João da Pesqueira), 2ª edição, 1985.

Descrição: O Monte Verde é uma formação geológica que, pela sua configuração, tem despertado a atenção de curiosos, havendo, inclusive, quem o tenha apelidado de "gigantesca mamoa megalítica" [FREITAS, 1915: 60]. No topo da elevação desenvolve-se uma plataforma de dimensões consideráveis, ocupando uma área superior a 1,5 h., onde poderá ter existido um povoado da Pré-História Recente (Calcolítico?). Nos finais da década de trinta e durante toda a década de quarenta, esta plataforma foi intensamente explorada na extracção de volfrâmio. Ao centro, uma larga cratera mostra bem a actividade mineira que aqui foi exercida.

A densa vegetação que cobre o local, dificultou bastante a obtenção de dados de campo. O único vestígio material exumado é um elemento dormente de moinho manual, de dimensões consideráveis". Ora, uma mó com este porte indicia, obviamente, a existência de um povoado neste sítio, pois é impensável que alguém transportasse uma mó de sessenta quilogramas para o cimo do monte.

No sopé do *Monte Verde*, junto à E.N. 323, existe uma sepultura escavada na rocha.

Acessos: A partir de Sendim, toma-se a estrada nacional nº 323 até ao km 54. O Monte Verde situa-se à esquerda.

Bibliografia: COSTA, 1979: 188; FREITAS, 1915: 60.

¿¿ Lembra as mós calcolíticas de povoados do concelho vizinho de S. João da Pesqueira, nomeadamente as do Castelos Velhos *de Trevões*.

Nome da Estação: **Qta. dos Pinheiros.**

Tipo de estação: Povoado.

Período atribuível: Bronze Final.

Localização: Lugar – Cabriz; Topónimo – Qta. dos Pinheiros.

Coordenadas geográficas: 41º 03' 12" Lat. N.; 01º 37' 24" Long. E. Lx.; 560 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, tl'. 139, Paredes da Beira (S. João da Pesqueira), 2ª edição, 1985.

Descrição: O povoado localiza-se numa plataforma, com cerca de 1,5 ha, encaixada entre dois picos graníticos, sobre a margem esquerda do rio Távora. A encosta de pendor acentuado, apresenta-se escarpada. O povoado não possui visível qualquer tipo de estrutura defensiva ou demarcatória, encontrando-se numa excelente posição geoestratégica que lhe permite controlar o curso do Távora. Possui defesas naturais – dois picos graníticos que envolvem parcialmente o povoado. O acesso mais fácil era feito pelo lado Oeste.

Por grande parte da encosta, é possível encontrarem-se alguns fragmentos cerâmicas muito idênticos a outros encontrados em povoados do Bronze Final da Beira Alta. No entanto, não foi identificado nenhum fragmento com decoração. Estas cerâmicas aparecem igualmente um pouco por toda a plataforma de ocupação do povoado. Foram ainda recolhidos alguns elementos de mós manuais, nomeadamente três moventes e um dormente.

Acessos: O acesso é feito por um caminho de terra batida que sai pelo lado sul da aldeia de Cabriz.

Bibliografia: Inédita.

Nome da Estação: **Vale de Igreja.**

Tipo de estação: *Villa* (?).

Período atribuível: Romano.

Localização: Lugar – Guedieiros; Topónimo – Vale de Igreja.

Coordenadas geográficas: 41º 00' 55" Lat. N.; 01º 35' 22" Long. E. Lx.; 650 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl. 139 Penedono, 2ª edição, 1984.

Descrição: Segundo a tradição oral popular, situava-se neste local uma antiga igreja destruída em tempos imemoriais. Desta igreja apenas terá restado o sino que seria todo feito em ouro e que estará ainda hoje enterrado no local onde havia sido edificada a igreja.

Trata-se, na verdade, de uma estação da época romana, situada no topo de uma colina, que se desenvolve no sentido Norte – Sul aproveitando a vertente soalheira. Cerca de 200 m N. corre a ribeira de Pinheiros.

Ao longo de uma extensa área, com mais de 350 m de comprimento por 150 m de largura, é possível detectar à superfície inúmeros materiais de construção de época romana, nomeadamente *tegulae*, *imbrices* e alguns escassos pedaços de *lateres*. Para além destes encontram-se também muitos vestígios de cerâmica comum bem como de *dolia*.

Informações orais, transmitidas por populares, fazem referência a pedras aparelhadas e com molduras que se encontravam em cima dos muros. No entanto, estas têm vindo a desaparecer progressivamente nos últimos tempos, não tendo sido possível observar nenhuma das referidas pedras.

Acessos: Partindo de Guedieiros, toma-se o caminho antigo em terra batida que vai para o Monte do Cerro. *Vale de Igreja* fica um pouco mais a cima.

Bibliografia: Inédita.

Nome da Estação: **Fontelo.**

Tipo de estação: *Vicus*.

Período atribuível: Romano.

Localização: Lugar – Sendim; Topónimo – Fontelo.

Coordenadas geográficas: 41º 02' 50" Lat. N.; 01º 36' 00" Long. E. Lx.; 720 m Alt.; C.M.P. 1:25000, fl.139, Paredes da Beira (S. João da Pesqueira), 2ª edição, 1985.

Descrição: O Fontelo é a mais extensa estação romana detectada em todo o concelho de Tabuaço, apresentando-se os vestígios materiais dispersos por uma área com cerca de 8 ha.

À superfície é possível recolherem-se inúmeros pedaços de *tegulae* e de *imbrices*. Foram exumados igualmente neste sítio bastantes fragmentos de cerâmica comum, alguns fragmentos de *sigillata*, com especial incidência para dois fundos e um fragmento decorado. De referir ainda alguns fragmentos de cerâmica de armazenagem.

Nas propriedades envolventes foram detectadas algumas mós, com especial destaque para as da Qta. de S. Martinho (5 mós manuárias dormentes) ou as da *Quelha da Ataforra*, onde o proprietário desenterrou dois magníficos exemplares de dormentes de mós manuárias.

Na vinha do *Fontelo*, na parte SE. da estação, foi recolhido um dormente de mó manuária.

A estação ocupa propriedades de várias pessoas. Alguns dos proprietários com quem falámos são unânimes em considerar que os seus terrenos foram ocupados em tempos imemoriais por outros povos. Adiantam ainda que durante os trabalhos agrícolas facilmente detectam vestígios dessa ocupação, quer pelas inúmeras telhas que aparecem, quer por toda a panóplia de cerâmicas, quer ainda por algumas moedas que encontram, abandonando-as de seguida alegando não compreenderem o que nelas se encontra inscrito.

No sítio da *Quelha da Ataforra*, na zona Oeste do assentamento, foi recolhida à superfície uma moeda, em bronze, em mau estado de conservação. Trata-se, provavelmente, de uma moeda de uso corrente do Baixo Império, séc. III/IV.

Relacionados a esta estação podem estar dois lagares escavados na rocha, um na *Quinta de S. Martinho*, outro junto do caminho na parte SE da estação.

No sopé do monte de S. João, foi detectada uma escadaria escavada num bloco granítico que daria acesso a um pequeno templete. Em torno deste são visíveis muitos vestígios de cerâmica de construção romana, nomeadamente *tegulae e imbrices*. O povo apelidou-o de *Altar de S. João*.

Por último, existe a possibilidade de aqui ter existido um nó viário de onde passavam três vias: uma em direcção a Tabuaço por Granjinha-Távora, outra em direcção a Armamar por Arcos-Longa e outra em direcção a Moimenta da Beira por Baldos. Por tudo isto, estamos convencidos de que a estação romana do Fontelo corresponda a um *vicus*, isto é um aglomerado populacional de proporções consideráveis.

Acessos: À saída do lugar de Aldeia, segue-se por um caminho de terra batida à esquerda.

Bibliografia: COSTA, 1979: 189.

Nome da Estação: **Altar de S. João.**

Tipo de estação: Templete?

Período atribuível: Romano.

Localização: Lugar – Sendim ; Topónimo – Altar de S. João.

Coordenadas geográficas: 41º 02' 53" Lat. N.; 01º 35' 35" Long. E. Lx.; 870 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl.139, Paredes da Beira (S. João da Pesqueira), 2ª edição, 1985.

Descrição: Na encosta do *Monte do Cabeço de S. João*, mesmo sobre o limite superior da estação romana de *Fontelo*, num local onde não raras vezes aparecem materiais de construção romana (*tegulae e imbrices*), surgem-nos alguns degraus escavados num afloramento granítico podendo ter servido de acesso ao que

considerámos ser um pequeno templete rural romano. Degraus acedendo a uma pequena cela, provavelmente construída em materiais perecíveis e hoje totalmente desaparecidos.

Esta estrutura é constituída por um patamar superior, de configuração rectangular e cantos arredondados, com o comprimento máximo de 3,72 m e uma largura de 2,50m.

Parte deste patamar apresenta um rebordo com 0,20 m de largura e 0,15 m de altura máxima. Ao centro encontra-se bastante gasto dando a impressão de ter sido uma área de passagem. O acesso a este processa-se por dois degraus que acompanham, grosso modo, todo o comprimento do referido patamar superior. O primeiro degrau tem um desnível relativamente a essa plataforma de 0,28 m e uma largura máxima de 0,45 m. O segundo degrau encontra-se já parcialmente fragmentado e o seu desnível relativamente ao degrau superior é de 0,33 m. Junto ao canto inferior direito apresenta um buraco de configuração circular com 0,10 m de diâmetro.

No canto superior esquerdo, por detrás do rebordo, parece ter sido construído uma saliência do afloramento uma espécie de almofada, tal como nas pedras almofadadas romanas. Entre os dois degraus, e no canto do lado Este, foi trabalhado um degrau intermédio, razão pela qual julgamos ser o acesso principal à plataforma superior. No lado Oeste, no canto da plataforma superior, foi escavado um encaixe onde provavelmente assentaria um poste de madeira.

Foto - Esta estrutura deu o nome ao local – Altar de S. João.

Ainda que sem termos certezas absolutas, podemos estar na presença de restos visíveis de um pequeno templo da época romana. Não nos podemos abstrair do facto de este se relacionar intimamente com a estação romana de *Fontelo* (com mais de 8 ha de área). Seria este o templo que serviria o *vicus*.

Acessos: À saída do lugar da Aldeia, segue-se por um caminho de terra batida à esquerda. O resto é feito por um pequeno caminho pedestre.

Bibliografia: Inédita.

Nome da Estação: **Pala**.

Tipo de estação: *Villa*.

Período atribuível: Romano.

Localização: Lugar – Pala; Topónimo – Pala.

Coordenadas geográficas: 41º 01' 34" Lat. N.; 01º 36' 33" E. Lx.; 525 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl.139, Paredes da Beira (S. João da Pesqueira), 2ª edição, 1985.

Descrição: Segundo a tradição oral, neste local situava-se a “cidade moura”. Esta estação arqueológica situada a meia encosta, possui uma área aproximada de 1 ha. Cerca de 50 m a E. passa uma pequena linha de água. Quando se procedeu à surriba do local para o plantio de vinha, e segundo testemunhos populares, “estranhas” estruturas eram massivamente destruídas pelas máquinas, aparecendo à superfície inúmeros artefactos fragmentados.

Os materiais existentes nesta estação arqueológica são sobretudo tégulas e ímbrices. Para além desta cerâmica de construção, encontram-se também fragmentos de recipientes de armazenagem (*dolia*), cerâmica diversa comum e ainda um pequeno fragmento de *terra sigillata* hispânica.

Na base da parede pétreia que sustém um dos socalcos da vinha, observa-se a face externa da esquina de um muro indiciando a presença de um espaço presumivelmente de origem romana. Silhares mais cuidados distinguindo-se claramente da parede pétreia que sustém o socalco.

Segundo o Sr. José Henrique Faria Soeiro de Carvalho, proprietário do terreno, foram encontrados vários recipientes cerâmicos, moedas e mós que se encontram na posse da Dona Maria do Carmo e no Museu de Lamego. O Sr. José Carvalho adiantou-nos ainda que algumas moedas foram entregues ao Dr. Macedo Pinto.

Na mesma altura, foram encontradas estruturas que este senhor descreveu como “fornos cobertos por uma pasta”.

Acessos: Feito a partir da aldeia de Guedieiros seguindo pela EN-1118 em direcção a Riodades. A cerca de 200 m do lado direito, à saída de Guedieiros, toma-se um caminho de terra batida.

Bibliografia: MONTEIRO, 1991: 449.

Nome da Estação: **Estercada Velha.**

Tipo de estação: Casal.

Período atribuível: Romano.

Localização: Lugar – Estercada Velha; Topónimo – Estercada Velha.

Coordenadas geográficas: 41º 01' 28" Lat. N.; 01º 35' 39" Long. E. Lx.; 610 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl 139, Paredes da Beira (S. João da Pesqueira), 2º edição, 1985.

Descrição: Estação localizada a meia encosta com cerca de 0,5 ha de área onde aparece muita cerâmica de construção – *tegulae* e *imbrices* –, cerâmica comum e de armazenagem – *dolia*. Na área surgem com muita frequência pedras que terão pertencido a antigas estruturas habitacionais. Corresponderá a uma exploração rural de reduzidas dimensões. A cerca de 300 m NO, encontra-se localizada a necrópole escavada na rocha dos *Baganhos*.

Acessos: Junto à EN-1118, à saída da povoação no sentido de Tabuaço.

Bibliografia: Inédita.

Nome da estação: **Sr do Bom Despacho.**

Tipo de estação: Casal.

Período atribuível: Romano.

Localização: Lugar – Sendim; Topónimo – S' do Bom Despacho.

Coordenadas geográficas: 41º 02' 24" Lat. N.; 01º 37' 02" Long. E. Lx.; 591 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl. 139, Paredes da Beira (S. João da Pesqueira), 3' edição, 1998.

Descrição: A estação localiza-se numa encosta soalheira de pendor suave, sobranceira ao rio Távora. O Sr. António Tojal, proprietário do terreno, encontrava com regularidade, e cada vez que lavrava as terras, telhas grosseiras que, como muito bem explicou, lhe pareciam *tegulae*. De facto, depois de visitarmos o local, pudemos verificar que à superfície, e apesar de o terreno se encontrar actualmente coberto por densa vegetação, se encontram telhas romanas com alguma frequência. Ainda que não tenha sido possível calcular a área de dispersão dos materiais, pareceu-nos estar na presença de um pequeno casal agrícola, provavelmente subsidiário do *vicus* de Sendim. Para além de possuir excelentes terras agricultáveis, é possível que os seus habitantes pudessem ainda usufruir dos recursos do rio Távora.

Acessos: Pela E.N. 323 – no sentido Sendim/Tabuaço –, um pouco antes do Km 54, cortar à direita por caminho de terra batida para a Sr' do Bom Despacho.

Bibliografia: Inédita.

Tipo de estação: **Via Vale de Vila/Sendim (St. Ovídio).**

Período atribuível: Romano.

Localização: Lugar – Sendim; Topónimo – Vale de Vila.

Coordenadas geográficas: 41º 02' 70" Lat. N.; 01º 35' 49" Long. E. Lx.; 755/815 Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl. 139, Paredes da Beira (S. João da Pesqueira), 3' edição, 1998.

Descrição: Esta via é referida por vários autores, nomeadamente pelo padre M. Gonçalves da Gosta e mais recentemente por Fernando C. Teixeira [COSTA, 1979: 191; TEIXEIRA, 1999: 30]. Trata-se,

na nossa opinião, de um indiscutível troço da antiga viação romana. A via foi construída com lajes graníticas de grandes dimensões, aproveitando em alguns troços o afloramento rochoso, tendo uma largura média de 3,5 m. Esta via apresenta a particularidade de terem sido escavadas rodeiras no afloramento rochoso para uma melhor circulação. As lajes apresentam um desgaste acentuado, indiciando um uso contínuo ao longo dos séculos.

Este pequeno troço, com pouco mais de 250 m, deve ter pertencido à antiga via que seguia de Paredes da Beira, atravessando o rio Távora junto a Riudades. Passava posteriormente por Sendim, servindo o *vicus* que aí existia, seguindo depois pela serra passando por Arcos, Longa, Granja de Tedo (locais onde ainda é possível observarem-se pequenos troços de calçadas), onde atravessava o rio Tedo, seguindo para Goujoim (Armamar) onde foi encontrado um *Terminus Augustales* [SILVA, 1981/1982; VAZ, 1979].

Acessos: Do centro de Sendim tomar o estreito caminho de terra batida que conduz à capela de St. Ovídio.
Bibliografia: COSTA, 1979: 191; TEIXEIRA, 1999: 30.

Nome da Estação: **Lagar do Fontelo.**

Tipo de estação: Lagar.

Período atribuível: Romano/ Medieval.

Localização: Lugar – Sendim; Topónimo – Fontelo.

Coordenadas geográficas: 41º 02' 42" Lat. N.; 01º 36' 16" Long. E. Lx.; 735 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl. 139, Paredes da Beira (S. João da Pesqueira), 2ª edição, 1985.

Descrição: O *Lagar do Fontelo* é o maior de todos os lagares escavados na rocha identificados no concelho. Encontra-se edificado num inclinado afloramento situado junto ao caminho que leva ao *Vale de Vila*. Composto por dois tanques desnivelados e ligados por um canal, tipologicamente idêntico a outros do concelho. O tanque superior não é totalmente fechado, não possuindo parede na parte fronteira. A profundidade varia entre os 0,43 m na parte mais funda e os 0,20 m. É um tanque de grandes proporções com 2,46 m de comprimento e 2,28 m de largura. No topo deste tanque observa-se um canal arqueado medindo 1,80 m de comprimento e 0,10 m de largura, sendo bem demarcado. Do lado direito foram abertos uns encaixes, de configuração rectangular ou circular, com cerca de 0,15 m de profundidade, correlacionados com estruturas que não se encontram já no local. Tratar-se-ão de encaixes de ferrolhos.

A uma cota inferior encontramos o segundo tanque que, a exemplo de outros lagares, deveria servir de reservatório. Trata-se de um tanque mais pequeno do que o primeiro, com aproximadamente 1,40 m de comprimento (não é possível referir o comprimento exacto dado este estar fragmentado no lado sul) e 1,35 m de largura. Era um tanque muito profundo, cerca de 0,88 m de profundidade, apresentando de ambos os lados, sensivelmente a meio, umas concavidades sub-rectangulares, talvez para de servirem de encaixe a qualquer estrutura. Do lado direito deste último tanque desenvolvia-se uma área de acesso à parte superior do lagar, onde é ainda possível observarem-se três degraus escavados no afloramento. Este lagar encontra-se praticamente no interior da área da estação romana mais importante detectada no concelho – o *Fontelo*. Não existe, no entanto, nenhum índice concreto que nos comprove a sua associação.

Acessos: À saída do lugar de Aldeia, vai-se por um caminho de terra batida.
Bibliografia: COSTA, 1979: 189.

Nome da Estação: **Lagar da Quinta de S. Martinho.**

Tipo de estação: Lagar escavado na rocha.

Período atribuível: Romano/Medieval.

Localização: Lugar – Sendim; Topónimo – Qt. de S. Martinho.

Coordenadas geográficas: 41º 02' 37" Lat. N.; 01º 35' 45" Long. E. Lx.; 750 m ; C.M.P. 1:25.000, fl. 139, Paredes da Beira (S. João da Pesqueira), 2ª edição, 1985.

Descrição: Este lagar foi escavado num inclinado afloramento granítico. Actualmente encontra-se destruído em mais de 50% da sua totalidade. O lagar apresentava uma forma rectangular, com 2,15 m no lado conservado. Apresenta um encaixe lateral rectangular para apoio da prensa, com 0,47 m de comprimento, 0,20 m de largura e 0,20 m de profundidade. No nível inferior, junto ao lado esquerdo, encontra-se um canal de escoamento, presumivelmente comunicando com um outro tanque, hoje desaparecido ou totalmente enterrado. No nível inferior, junto ao lado esquerdo, encontra-se um canal de escoamento, presumivelmente comunicando com um outro tanque, hoje desaparecido ou totalmente enterrado. Em redor, aproveitando outros afloramentos graníticos, aparecem dispersos quatro outros encaixes rectangulares escavados na rocha, ignorando-se a sua funcionalidade ou significado.

Acessos: À saída do lugar da Aldeia, por um caminho de terra batida à esquerda.

Bibliografia: COSTA, 1979: 189; FREITAS, 1915: 62.

Nome da estação: **Lagar de Vale de Vila.**

Tipo de estação: Lagar.

Período atribuível: Romano/Medieval.

Localização: Lugar – Sendim; Topónimo – Vale de Vila.

Coordenadas geográficas: 41º 03' 00" Lat. N.; 01º 36' 21" Long. E. Lx.; 710 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl. 139, Paredes da Beira (S. João da Pesqueira), 2ª edição, 1985.

Descrição: O lagar está situado no topo de um grande afloramento granítico, que se impõe no *Vale de Vila*, orientado segundo o eixo Este-Oeste. Neste mesmo afloramento encontrámos uma necrópole medieval escavada na rocha. O lagar é constituído por um único tanque de configuração rectangular, com 1,98 m de comprimento por 1,78 m de largura, tendo uma profundidade mais acentuada na parte posterior do tanque – 0,42 m – do que na parte inferior – 0,15 m. De ambos os lados, colocados de forma simétrica, estão dois encaixes – 0,56 m de comprimento x 0,24 m de largura x 0,20 m de profundidade – cuja funcionalidade se prendia, certamente, com o sistema de prensagem. Apresenta canal de escoamento, não sendo de descurar a possibilidade de comunicar com outro tanque, hoje enterrado.

Acessos: Segue-se por uma estrada de terra batida, à saída do lugar da Aldeia, que leva até *Vale de Vila*.

Bibliografia: Inédita.

Nome da estação: **Lagar dos Arames.**

Tipo de estação: Lagar.

Período atribuível: Romano/Medieval.

Localização: Lugar – Sendim; Topónimo – Arames.

Coordenadas geográficas: 41º 03' 00" Lat. N.; 01º 36' 21" Long. E. Lx.; 710 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl. 139, Paredes da Beira (S. João da Pesqueira), 2ª edição, 1985.

Descrição: Trata-se de mais um lagar muito semelhante a outros inventariados na freguesia de Sendim. No momento em que o visitámos, encontrava-se entulhado com pedras e terra, não sendo possível apurar ao certo todas as suas medidas reais. O lagar é constituído por dois tanques, escavados no mesmo afloramento, estrategicamente colocados a cotas diferentes. O primeiro tanque, construído a uma cota superior, tem um comprimento de 2,33 m, uma largura de 2,50 m e uma profundidade de 0,45 m. A meio da parede que o liga ao tanque inferior, desenvolve-se uma bica, com 0,65 m de comprimento e 0,13 m de largura, por onde escorria o líquido obtido. Na parte superior encontramos um pequeno canal, de percurso indefinido, cuja funcionalidade nos escapa.

O segundo tanque, de proporções bastante inferiores, encontra-se 0,80 m abaixo do primeiro. Tem de comprimento 1,30 m e de largura 1,41 m, tendo sido impossível verificar a sua profundidade uma vez que se encontrava entulhado. Não foram detectados quaisquer suportes de prensas, escavados na rocha. É possível que se encontrem subterrados.

Acessos: À saída do lugar do Paço em direcção a Moimenta da Beira, por uma estrada de terra batida à esquerda.

Bibliografia: Inédita.

Nome da Estação: **Lagar de Lampaz.**

Tipo de estação: Lagar escavado na rocha. Período atribuível:

Romano/Medieval. Localização: Lugar – Lampaz; Topónimo – Lampaz.

Coordenadas geográficas: 41º 03' 23" Lat. N.; 01º 36' 58" Long. E. Lx.; 662 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl. 139, Paredes da Beira (S. João da Pesqueira), 3ª edição, 1998

Descrição: Estamos na presença de outro lagar escavado num afloramento granítico, aproveitando o ligeiro declive deste afloramento para a sua implantação. É em tudo semelhante a outras estruturas do género que encontramos em diversos pontos do concelho. Esta estrutura apresenta um único “pio” sub-retangular, onde se esmagariam as azeitonas, rebaixado no afloramento até uma profundidade máxima de 50 cm e ladeado por dois encaixes rectangulares, assimétricos, de cantos ligeiramente arredondados. Estes encaixes relacionam-se, sem dúvida, com a estrutura de prensagem. A parte frontal do “pio” apresenta-se aparentemente destruída. A parede Norte, zona mais profunda, ostenta uma largura máxima de 1,78 m, variando o comprimento entre 1,90 m e 1,46 m.

Ao centro encontram-se duas pequenas concavidades de configuração circular, com 0,18 m de diâmetro, que estarão relacionadas com a força exercida pela prensa naquele local. De realçar ainda que na zona frontal deste “pio”, ao centro, encontramos um canal de escoamento, também este ligeiramente rebaixado no afloramento. Não é de descurar a possibilidade de um segundo tanque posicionado a uma cota mais baixa, quiçá coberto de sedimentos. Os dois encaixes laterais, afastados do tanque em cerca de 35 cm, medem sensivelmente 50 cm de comprimento, 30 cm de largura e 21 de profundidade máxima.

Para finalizar, é de referir apenas um outro rebaixamento no afloramento, ao lado esquerdo do lagar, de configuração rectangular, com uma largura máxima de 36 cm por 50 cm de comprimento e a profundidade máxima de 7 cm. Este pequeno rebaixamento poderá ter funcionado como base de assentamento a vasilhames cerâmicas relacionados com o armazenamento do líquido obtido, ou assentamento de uma estrutura.

Acessos: Pela E.N. 323, no sentido de Sendim/Tabuaço, cerca de 300 m à esquerda, ao Km 52. Há que atravessar uma vinha e um souto.

Bibliografia: Inédita.

Nome da Estação: **Castelos de Cabriz.**

Tipo de estação: Povoado.

Período atribuível: Medieval.

Localização: Lugar – Cabriz; Topónimo – Castelos de Cabriz.

Coordenadas geográficas: 41º 03' 18" Lat. N.; 01º 37' 42" Long. E. Lx.; 460 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl. 139, Paredes da Beira (S. João da Pesqueira), 2ª edição, 1985.

Descrição: Os Castelos *de Cabriz* são três promontórios graníticos, de rara beleza, sobranceiros à margem Norte do rio Távora. Desenvolvem-se em remate de esporão, num sítio onde o rio altera o seu curso natural, descrevendo uma curva que envolve os três montes. O acesso ao local é muito difícil e arriscado, feito por íngremes e acidentadas ravinas. Ainda que não haja sinais bem visíveis da ocupação humana deste espaço, sabemos no entanto que ela existiu. A escassez de vestígios materiais torna difícil precisar com segurança quando é que esta ocorreu.

Tendo em conta a lenda associada a este local, teria sido aqui que os lendários cavaleiros D. Tedon e D. Rausendo constituíram sua base de apoio nas suas incursões contra os Mouros. Esta lenda refere-se, portanto, a uma ocupação medieval no local, inserível já dentro do período da Reconquista cristã, o que nos parece, efectivamente, a hipótese mais plausível. São notórios alguns vestígios de antigas construções em alvenaria, construções que, atendendo ao nível de ruína a que estão votadas, nunca poderiam denotar edifícios de grande consistência.

Foto - Castelos de Cabriz. Pedra do Mapa

Enigmáticos são um conjunto de degraus escavados na rocha que levam a uma pequeníssima plataforma situada no primeiro morro, sem que nesta plataforma exista qualquer vestígio de ocupação. Poderá, eventualmente, tratar-se de um local de vigia, uma vez que dali se possui uma grande visibilidade sobre toda a zona circundante, dominando um vasto território. No local onde esta plataforma se desenvolve, detectámos também o que se poderá relacionar com uma pequena lagareta. Esta foi construída num bloco granítico de configuração subtrapezoidal, de pequenas dimensões, onde se elaborou um pequeno tanque, também este com a mesma configuração, e onde é visível um pequeno canal de escoamento.

É-nos extremamente difícil fazer qualquer tipo de interpretação em relação a este local. Insistimos na possibilidade de ter existido aqui uma pequena atalaia na época medieval, onde terá habitado um pequeno grupo de pessoas, ligadas ou não à Reconquista cristã que se processou com recuos e avanços de Norte para Sul. Assim, talvez se compreendam os degraus e o pequeno tanque, bem como os restos das estruturas pétreas neste sítio.

Num grande bloco granítico com uma face inclinada relativamente aplanada, foi gravado por abrasão um motivo abstracto composto por linhas sinuosas que se cruzam formando um meandro. Interpretada pelos populares como sendo um “mapa” é desde há muito conhecida pelos habitantes da região.

Acessos: Não existe um caminho que leve ao local. Este tem de ser feito entre as acidentadas ravinas.

Bibliografia: CORREIA, 1997: 67; COSTA, 1979: 188; FREITAS, 1916: 53-56.

Nome da Estação: **Necrópole Medieval de Baganhos.**

Tipo de estação: Necrópole rupestre.

Período atribuível: Idade Média.

Localização: Lugar – Guedieiros; Topónimo – Solheira, Baganhos ou Seixal.

Coordenadas geográficas: 41º 01' 22" Lat. N.; 01º 35' 33" E. Lx.; Alt. 585 m; C.M.P. 1:25.000, fl. 139, Paredes da Beira (S. João da Pesqueira), 2ª edição, 1985.

Descrição: O cemitério medieval de *Baganhos* é constituído por cinco sepulturas escavadas na rocha. Fontes orais revelam que outras (número incerto) terão existido no local, entretanto destruídas ou subterradas com as fundações das habitações que aí foram feitas. Nenhuma das sepulturas apresenta uma forma antropomórfica. As sepulturas são, na maioria, de configuração rectangular, embora se observe igualmente a forma sub-rectangular na sepultura 4 e a forma ovalada na sepultura 5. Este grupo de sepulturas insere-se, segundo alguns autores, numa primeira fase cronológica compreendida entre os sécs. VI e VII.

Podemos dizer que a necrópole se divide, actualmente, em dois grupos distintos. O primeiro constituído por três sepulturas e o segundo, localizado cerca de 90 m a Oeste, com mais duas sepulturas.

As sepulturas apresentam as seguintes características:

Sepultura 1

Sepultura de configuração rectangular, construída sobre um morro granítico. A parte inferior da sepultura possui um orifício de escoamento e um rebordo lateral. Com as seguintes dimensões: comprimento

máximo – 2,10 m; comprimento do leito – 1,78 m; largura máxima exterior – 0,91 m; largura máxima do leito – 0,61m; profundidade – varia entre 0,44 m junto à cabeceira e os 0,27 m junto aos pés; orientação (segundo eixo cabeça/pés) – 90º N.

Sepultura 2:

Encontra-se a cerca de 2 m a Oeste da sepultura 1. Apresenta uma configuração rectangular. Com as seguintes dimensões: comprimento máximo do leito – 1,72 m; largura – varia entre os 0,50 m junto à cabeceira e os 0,62 m ao meio; profundidade – varia entre os 0,47 m à cabeceira e os 0,40 m junto aos pés; orientação (segundo o eixo cabeça/pés) – 90º N.

Sepultura 3

Foi construída 0,90 m a Oeste da sepultura 2. De configuração rectangular, apresenta a especificidade de não ter sido acabada. Com as seguintes dimensões: comprimento máximo do leito – 1,67 m; largura – varia entre os 0,60 m junto da cabeceira e os 0,54 m dos pés; profundidade – varia entre os 0,25 m junto da cabeceira e os 0,14 m aos pés; orientação (segundo o eixo cabeça/pés) – 90º N.

Sepultura 4

Esta sepultura encontra-se directamente associada à sepultura 5, formando um segundo conjunto localizado 90 m a S.SO. das sepulturas anteriormente descritas. Trata-se de uma sepultura de configuração sub-rectangular. Com as seguintes dimensões: comprimento máximo do leito – 1,74 m; largura – varia entre os 0,44 m junto da cabeceira e os 0,56 m junto dos pés; profundidade – varia entre os 0,41 m à cabeceira e os 0,25 m junto aos pés; orientação (segundo o eixo cabeça/ pés) – 110º N.

Sepultura 5

Encontra-se 4 m a S.SO. da sepultura 4. Apresenta a particularidade de ser a única sepultura com uma configuração ovalada, forma esta devido em parte ao facto de os cantos serem arredondados. Apresenta um sulco lateral de escoamento. Com as seguintes dimensões: comprimento máximo do leito – 1,73 m; largura – apresenta 0,30 m à cabeceira, alargando gradualmente até atingir 0,53 m sensivelmente ao meio, reduzindo depois até aos 0,32 m junto aos pés; largura – apresenta 0,30 m à cabeceira, alargando gradualmente até atingir 0,53 m sensivelmente ao meio, reduzindo depois até aos 0,32 m junto aos pés; profundidade – varia, segundo o alinhamento do afloramento, 0,32 m na cabeceira e os 0,37 m ao meio; orientação (segundo eixo cabeça/pés) – 178º N.

Acessos: Quando se entra em Guedieiros (lado Norte), corta-se à direita por uma estrada de terra batida em direcção ao Seixal.

Bibliografia: FREITAS, 1916: 62; CORREIA, 1997: 61; COSTA, 1979: 189; MONTEIRO, 1991: 449.

Nome da Estação: **Necrópole medieval da igreja matriz de Sendim.**

Tipo de estação: Necrópole rupestre.

Período atribuível: Medieval

Localização: Lugar – Adro da Igreja da Igreja Matriz; Topónimo – ?.

Coordenadas geográficas: 41' 01' 22" Lat. N.; 01º 35' 25" E. Lx.; 710 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl. 139, Paredes da Beira (S. João da Pesqueira), 2ª edição, 1985.

Descrição: A actual igreja matriz de Sendim assenta sobre um antigo cemitério rupestre da Alta Idade Média. A necrópole foi edificada numa plataforma rochosa exposta a um amplo vale onde existem vestígios de um *vicus* romano – *Fontelo* (ficha nº 35). Foram identificadas 12 sepulturas escavadas na rocha, 9 destas com uma configuração antropomórfica, não sendo possível classificar as restantes dado que se encontram bastante deterioradas. Se tivermos em conta a opinião de alguns autores, que atribuem cronologias diferentes para as sepulturas antropomórficas e para as não-antropomórficas, podemos situar a edificação deste cemitério, ainda que de uma forma relativa, entre os séc. IX e XI, podendo mesmo ultrapassar esta cronologia.

A edificação destas necrópoles não obedece a uma norma fixa, podendo, por vezes, ser edificada junto a um edifício religioso, havendo também casos de sepulturas implantadas em locais isolados. É frequente existirem pequenos grupos de três ou quatro sepulturas, sendo também comum, em algumas zonas do país, as necrópoles com várias dezenas de exemplares. No entanto, existem também exemplos de locais com uma única sepultura. Neste caso específico, é possível que um outro edifício religioso, mais antigo e modesto estivesse primitivamente implantado neste local, tendo a necrópole crescido em torno deste. Com o decorrer dos tempos e com o abandono destas práticas funerárias, o cemitério foi esquecido.

Com a reconstrução ou construção de raiz no mesmo local de um novo templo, o velho cemitério rupestre foi parcialmente destruído ou coberto, tendo perdido a sua identidade e memória. A orientação destas sepulturas pode estar ligada a um antigo ritual de colocar as sepulturas orientadas para Nascente. A esta norma obedecem a maior parte destes sepulcros.

De seguida, passamos à descrição individual de cada uma das sepulturas:

Sepultura 1

A sepultura 1 encontra-se em frente à fachada principal da igreja. Esta apresenta-se completamente entulhada de terra. A parte inferior desta sepultura prolonga-se sob os degraus que dão acesso à entrada da igreja, encontrando-se ainda parcialmente coberta com uma tampa de sepultura. Alguns dados relativos a esta sepultura não puderam ser retirados pelas razões anteriormente descritas. Trata-se de uma sepultura com clara configuração antropomórfica apresentando cabeceira de arco de volta perfeita. A orientação do seu eixo principal (cabeça/pés) é de 80º Norte. O comprimento da cabeceira é de 0,23 m.

Sepultura 2

A sepultura 2, que ladeia a sepultura 1, encontra-se também entulhada com terra. Os pés, prolongam-se para debaixo dos degraus de acesso à igreja. Mais uma vez esta situação não permitiu extrair a totalidade dos dados que seriam desejáveis, nomeadamente no que diz respeito ao seu comprimento total. Trata-se também de uma sepultura de configuração antropomórfica, apresentando uma cabeceira de arco ultrapassado. A orientação do seu eixo principal (cabeça / pés) é de 90º Norte. A sua largura máxima é de 0,59 m; apresenta 0,49 m de largura ao nível dos ombros; o comprimento da cabeceira é de 0,28 m e a largura na zona da cabeceira é de 0,25 m.

Sepultura 3

Localiza-se no adro da igreja. Esta sepultura encontra-se bastante destruída; daí que não possamos precisar qual seria a sua configuração inicial. A orientação do seu eixo principal (cabeça/pés) é de 95º Norte. A largura máxima é de 0,52 m; o comprimento máximo conservado é de 1,60 m, inviabilizando-se as restantes medidas por se encontrar destruída.

Sepultura 4

Localiza-se no adro da igreja. Sepultura antropomórfica de cabeceira de arco ultrapassado, assimétrica, de contorno trapezoidal. Dista 1 m para nascente da sepultura nº 3. A orientação do seu eixo principal (cabeça/pés) é de 80º Norte. Apresenta um comprimento máximo de 1,82 m e uma largura máxima de 0,50 m; o comprimento da cabeceira é de 0,24 m e o do leito de 1,54 m.

Sepultura 5

Localiza-se no lado exterior do adro da igreja, junto ao muro Sul. Sepultura antropomórfica de cabeceira de arco perfeito, assimétrica, com a cabeceira ao mesmo plano do leito, de configuração trapezoidal. A orientação do seu eixo principal (cabeça/pés) é de 110º Norte. Apresenta 2,00 m de comprimento máximo e 0,50 m de largura; o comprimento da cabeceira é de 0,30 m por 0,28 m de largura e 0,30 m de profundidade. Aos ombros verifica-se uma largura de 0,50 m e ao pés de 0,41 m. O leito, com um comprimento total de 1,70 m, possui uma profundidade de 0,36 m. Apresenta um rebordo na parte inferior.

Sepultura 6

Faz parte de um conjunto de mais cinco sepulturas. Sepultura antropomórfica de configuração trapezoidal com cabeceira de arco perfeito, assimétrica. O leito apresenta um ligeiro desnível em relação à cabeceira. A orientação do eixo principal (cabeça/pés) é de 105º Norte. Tem 1,65 m de comprimento máximo e 0,52 de largura; o comprimento da cabeceira é de 0,19 m e de profundidade 0,30 m. A largura dos ombros é de 0,52 m e a dos pés é de 0,30 m.

Sepultura 7

Esta sepultura encontra-se num avançado estado de deterioração, tendo sido alvo da bruta acção humana. Actualmente, podemos referir que se encontrava no alinhamento de outras sepulturas, aproveitando o espaço disponível do afloramento. A única área que restou desta sepultura são os pés com 0,44 m de largura e 0,35 m de profundidade. A orientação do eixo principal (cabeça/pés) é de 70º Norte.

Sepultura 8

Apresenta-se em condições muito idênticas à sepultura 7. Foi ela também alvo de um acto irreflectido que quase a destruiu. Encontrava-se “encaixada” no meio de duas outras sepulturas rentabilizando ao máximo o espaço disponível. A área dos pés foi a única parte da sepultura que restou, tendo 0,34 m de largura por 0,14 m de profundidade. A orientação do eixo principal (cabeça/pés) é de 120º.

Sepultura 9

Ligeiramente destruída na área das pernas e pés. Trata-se de uma sepultura antropomórfica de configuração trapezoidal, apresentando a cabeceira com arco de volta perfeita, simétrica e o leito no mesmo plano da cabeceira. O eixo principal (cabeça/pés) encontra-se orientado a 90º Norte. Está alinhada com outras sepulturas. O comprimento máximo é de 1,88 m e 0,58 m de largura. A largura dos ombros é de 0,58 m e a profundidade é de 0,41m. O comprimento do leito é de 1,62 m, apresentando a profundidade máxima de 0,40 m. A cabeceira tem 0,23 m de comprimento, 0,28 m de largura e 0,35 m de profundidade máxima. Apresenta um rebordo de ambos os lados e nos pés. Está apenas 0,33 m a Norte da sepultura 10.

Sepultura 10

Esta sepultura apresenta-se num razoável estado de conservação. Trata-se de uma sepultura antropomórfica, de configuração trapezoidal e cabeceira de arco de volta perfeita, assimétrica. O leito está no mesmo plano da cabeceira. A orientação do eixo principal é de 100º Norte. O comprimento máximo é de 1,83 m e a largura máxima de 0,60 m. A largura nos ombros é de 0,60 m e a profundidade de 0,40 m. O comprimento total do leito é de 1,60 m com uma profundidade de 0,41m. A cabeceira apresenta um comprimento de 0,22 m, uma largura de 0,32 m e uma profundidade 0,40 m. Os pés apresentam uma forma rectangular, com cerca de 0,40 m de largura e uma profundidade de 0,30 m. Apresenta um rebordo lateral num dos lados.

Sepultura 11

A sepultura encontra-se parcialmente destruída, não sendo por isso possível apresentar medidas concretas desta. Na verdade apenas a parte inferior da sepultura escapou à destruição de que foi alvo. A largura dos pés é de 0,31 m de largura e a profundidade de 0,29 m. Apresenta vestígios de rebordo lateral. Possui em um dos lados um orifício de configuração circular, com 0,08 m de diâmetro e 0,06 m de profundidade.

Sepultura 12

Esta sepultura encontra-se do lado exterior do adro da igreja. Actualmente está alinhada com a parede de uma casa e está coberta com terra. Trata-se de uma sepultura antropomórfica com a cabeceira de arco de volta perfeita. As poucas medidas que se conseguem tirar são relativas à cabeceira. Esta apresenta um comprimento de 0,23 m e uma largura de 0,28 m. O afloramento onde foi construída encontra-se parcialmente destruído.

Acessos: É feito pelo interior da aldeia, pela estrada que leva à igreja matriz.

Bibliografia: FREITAS, 1916: 62; CORREIA, 1997: 61; COSTA, 1979: 189; MONTEIRO, 1991: 449.

Nome da Estação: **Vale de Vila.**

Tipo de estação: Necrópole Medieval.

Período atribuível: Medieval.

Localização: Lugar – Sendim; Topónimo – Vale de Vila.

Coordenadas geográficas: 41º 03' 00" Lat. N.; 01º 36' 21" Long. E. Lx.; 710 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl. 139, Paredes da Beira, (S. João da Pesqueira), 2ª edição, 1985.

Descrição: Cemitério rupestre constituído por oito sepulturas escavadas num cabeço isolado no Vale de Vila, onde afloram inúmeros blocos graníticos. Trata-se de uma necrópole constituída por sepulturas não-antropomórficas de configuração rectangular ou sub-rectangular. Segundo alguns autores, estas sepulturas são mais antigas do que as sepulturas antropomórficas, correspondendo a uma 1ª fase, mais arcaizante, que remontará aos sécs. VI e VII.

Ainda que a maioria das sepulturas escavadas na rocha obedeçam a uma orientação Este-Oeste, isto é, com a cabeceira virada a poente – permitindo ao morto ficar voltado para oriente –, no caso concreto desta necrópole algumas sepulturas obedecem à orientação natural do penedo, de modo a rentabilizar ao máximo o espaço disponível. Esta necrópole tem duas áreas distintas de ocupação. Uma primeira onde se encontram agrupadas de forma homogénea seis sepulturas e uma segunda, um pouco mais a Este e a uma cota inferior, com mais duas sepulturas de configuração idêntica.

É provável que a construção destas sepulturas tenha acontecido em época anterior à organização paroquial, caso contrário a lógica era estarem implantadas junto de um edifício religioso como acontece com as sepulturas antropomórficas da igreja matriz de Sendim. Não deixa de ser interessante o facto de no mesmo espaço onde foi edificada a necrópole encontrarmos um lagar escavado na rocha,

A descrição das sepulturas é a seguinte:

Sepultura 1

Construída num afloramento isolado. Trata-se de uma sepultura de configuração sub-rectangular. Tem um comprimento máximo de 2,20 m e uma largura máxima de 0,57 m. O comprimento do leito é de 1,85 m e a profundidade máxima é de 0,35 m. A sepultura tem um rebordo na cabeceira. Na parte inferior direita apresenta um orifício. A sepultura encontra-se orientada a 193º Norte. Encontra-se localizada a 5 m a Sul da sepultura nº 2. Tem de comprimento máximo 2,18 m e de largura máxima 0,60 m; o comprimento do leito é de 1,70 m e a profundidade máxima é de 0,36 m. A sepultura possui um rebordo na parte superior da cabeceira. Junto aos pés apresenta um pequeno canal. A sepultura encontra-se orientada a 145º Norte.

(...)

Sepultura 5

Colocada paralelamente à sepultura 4, apresenta um comprimento máximo de 2,35 m por uma largura máxima de 0,85 m; o comprimento do leito é de 1,90 m e uma profundidade de 0,30 m. Encontra-se fracturada do lado direito. Tem um rebordo lateral do lado esquerdo e na cabeceira. A sepultura encontra-se orientada a 58º Norte.

Sepultura 6

A sepultura 6 encontra-se no mesmo bloco granítico das sepulturas 4 e 5. Cerca de 2 m a Oeste encontram-se as sepulturas 2 e 3. A sua configuração é sub-rectangular. Apresenta um comprimento máximo de 2,10 m e uma largura máxima de 0,87 m; o comprimento do leito é de 1,85 m, tendo uma profundidade média de 0,36 m. Tem um rebordo em torno de toda a sepultura, com 0,20 m de largura. Junto dos pés o rebordo é interrompido por uma ligeira depressão. A sepultura encontra-se orientada a 55º Norte.

Sepultura 7

Esta sepultura encontra-se associada à sepultura 8. Estão fora do contexto das anteriores, situadas a uma cota bastante mais baixa e já fora do grande afloramento que serviu de base à construção das restantes. Apresenta uma configuração sub-rectangular. Tem de comprimento máximo 2,35 m e de largura máxima

0,60 m; o comprimento do leito é de 1,83 m, tendo uma profundidade média de 0,28 m. Esta é uma das sepulturas mais perfeitas de toda a necrópole, com um rebordo em torno de toda a sepultura. Possui um orifício junto aos pés para escoamento de líquidos. A sepultura encontra-se orientada a 54º Norte.

Sepultura 8

Esta sepultura tem a particularidade de servir actualmente de tanque de rega, tendo para isso sofrido algumas adaptações. Assim, o proprietário do terreno onde se encontra a sepultura, colocou-lhe uma pequena parede em cimento na parte inferior, que se prolonga para ambos os lados.

Nome da Estação: **Sepultura da Quinta de S. Martinho.**

Tipo de estação: Sepultura escavada na rocha.

Período atribuível: Medieval.

Localização: Lugar – Sendim; Topónimo – Quinta de S. Martinho.

Coordenadas geográficas: 41º 02' 36" Lat. N.; 01º 35' 41" Long. E. Lx.; 730 m Alt.; C.M.P. 1:25.000; fl. 139; Paredes da Beira (S. João da Pesqueira); 2ª edição, 1985.

Descrição: Esta sepultura aparece isolada, escavada sobre o afloramento, num terreno agrícola, servindo actualmente de socalco. Apresenta uma configuração sub-rectangular, embora fragmentada ao nível dos pés. O seu comprimento total é de 1,45 m, tendo 0,57 m de largura na cabeça e 0,50 m aos pés. A profundidade é de 0,46 m.

TABUAÇO

Aos olhos mais atenciosos, não lhes terão escapado as gravuras feitas num afloramento granítico junto ao Parque Abel Botelho. E esses olhos que vêem mas que nada sabem sobre o que esta à vista, questionam-se provavelmente acerca dos motivos que alguém, geralmente a quem chamam “os antigos”, resolveu ali gravar. Pelo menos sabem que foram “os antigos” que ali gravaram aqueles símbolos aos quais os arqueólogos chamam de *alteriformes*, exactamente por terem a forma de alteres. Querirão talvez ainda saber qual a verdadeira função daquele afloramento completamente coberto por “cavinhas” e riscos que as unem umas às outras. A resposta, ainda que vaga, poderia ser encontrada num sacerdote que anseia a construção do seu templo, podendo assim agradar ao seu Deus e tratar a espiritualidade da sua comunidade.

As gravuras do Calvário (Parque Abel Botelho) devem ser entendidas como um santuário que alguém teve o cuidado de “erguer”, no último milénio antes do nascimento de Cristo (a.C.) com os mesmos propósitos do sacerdote atrás referido. O Homem para além de um ser físico é também um ser espiritual e as suas crenças podem manifestar-se de diversas maneiras, na construção de igrejas ou também, hoje um pouco fora de moda, na gravação de alguns motivos numa rocha.

À época romana pertence um conjunto de importantes vestígios identificado junto à capela de S. Vicente. Ainda em Tabuaço vamos encontrar três troços da rede viária antiga que serviu esta localidade, utilizadas durante anos a fio e que actualmente não têm merecido a devida atenção. Continua-se a desprezar o que foi, em tempos, importante mas que já não nos serve. Ora, a hipótese destas vias terem um substrato romano não está posta de parte e ainda que não sejam romanas, envolveram o trabalho e o esforço de muitas pessoas que as construíram com um propósito. Cabe a nós preservá-las para que, pelo menos, se mantenham testemunhos “vivos” do evoluir das ligações rodoviárias.

Nome da Estação: **Gravuras do Calvário**

Tipo de estação: Gravuras Rupestres.

Período atribuível: Idade do Ferro.

Localização: Lugar – Tabuaço; Topónimo – Parque Abel Botelho; Calvário.

Coordenadas geográficas: 41° 06' 58" Lat. N.; 01° 33' 54" Long. E. Lx.; 560 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl. 127, Tabuaço, 2 edição, 1987.

Descrição: Conjunto de dois afloramentos graníticos que ostentam motivos gravados da Idade do Ferro. Estes afloramentos, talvez unidos primitivamente, fariam parte, segundo fontes orais recolhidas, de um conjunto mais amplo de rochas gravadas. Os dois painéis, hoje preservados, encontravam-se parcialmente enterrados. O painel maior estende-se por uma área de 2 m x 2 m e possui várias dezenas de motivos gravados. A técnica usada para gravar estes motivos foi a gravação por martelagem e riscagem com instrumento metálico. Os motivos compreendem as “cavinhas” simples, cavinhas unidas por linhas, formando, por vezes, os conhecidos motivos denominados por “alteriformes”, e motivos rectangulares. A maior parte dos motivos deste painel encontram-se interligados. É natural que as cavinhas com linhas se relacionem com o culto da fecundidade, intimamente conectadas com a água, ou então, poderão estar relacionadas com o culto, bastante difundido nesta época, da ofilatria (culto das serpentes). Os dois painéis, hoje preservados, encontravam-se parcialmente enterrados. O painel maior estende-se por uma área de 2 m x 2 m e possui várias dezenas de motivos gravados. A técnica usada para gravar estes motivos foi a gravação por martelagem e riscagem com instrumento metálico.

Os motivos compreendem as “cavinhas” simples, cavinhas unidas por linhas, formando, por vezes, os conhecidos motivos denominados por “alteriformes”, e motivos rectangulares. A maior parte dos motivos deste painel encontram-se interligados. É natural que as cavinhas com linhas se relacionem com o culto da fecundidade, intimamente conectadas com a água, ou então, poderão estar relacionadas com o culto, bastante difundido nesta época, da ofilatria (culto das serpentes).

Foto - O outro painel apresenta motivos similares.

Estamos em presença de um santuário da Idade do Ferro (+500 a. C.), certamente relacionado com o culto da natureza. As florestas e os rios, as pedras e as árvores, faziam parte do seu universo religioso, idolatrando-as e fazendo dos espaços naturais os templos, onde exerciam os seus ritos.

Acessos: Pela estrada que liga à entrada da escola secundária. Bibliografia: Inédita.

Nome da Estação: **S. Vicente**

Tipo de estação: *Villa*.

Período atribuível: Romano

Localização: Lugar – Tabuaço; Topónimo – S. Vicente.

Coordenadas geográficas: 41° 06' 50" Lat. N.; 01° 34' 28" Long. E. Lx.; 490 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl. 128 S. João da Pesqueira, 2ª edição, 1986.

Descrição: Esta estação arqueológica, desenvolvendo-se para Este ao longo de uma encosta soalheira, estende-se por uma área com cerca de 1,5 ha, no sítio de S. Vicente, junto à vila de Tabuaço. Em finais do século passado, foram aí descobertos restos de telhas de rebordo, pedras aparelhadas e bastantes fragmentos cerâmicos. M. Gonçalves da Costa refere o achado de “tijolos, bocados de cimento, punhais, pregos e moedas de prata e cobre” [COSTA, 1979: 180].

Muitas pessoas ainda hoje fazem referência ao sítio como tendo sido o local onde inicialmente se fundou Tabuaço. Na verdade, pensamos estar na presença de mais uma *villae* romana. De facto, durante a prospeção de campo foi-nos dado a observar vários fragmentos de *tegulae* e *imbrices*. Nos cortes estratigráficos provocados por alguns socalcos semi-destruídos, pudemos verificar a existência de bastantes vestígios cerâmicas, entre os quais algumas *sigillatas*. Nos muros de alvenaria que servem de suporte aos socalcos, foram encontradas algumas pedras almofadadas. Junto às casas da quinta, a servir de base a uma estrutura de ferro, estava a base de uma coluna, em granito.

Acessos: Pela estrada nacional nº 323.

Bibliografia: COSTA, 1979: 180; ALARCÃO, 1988: 29.

Nome da Estação: **Troço de via (Tabuaço/Távora).**

Tipo de estação: Via.

Período atribuível: Romano/Medieval.

Localização: Lugar – Tabuaço; Topónimo – Fradinho.

Coordenadas geográficas: 41º 04' 50" Lat. N.; 01º 34' 31" Long. E. Lx.; 550 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl. 128, S. João Pesqueira, 1986.

Descrição: Até à época de construção da actual estrada de alcatrão, que liga Sendim a Tabuaço, o acesso deveria processar-se por uma antiga estrada da qual, estamos em crer, este troço faria parte. Não colocamos de parte a hipótese deste troço ter pertencido a uma antiga via romana que poderia eventualmente ter ligado Tabuaço a Sendim, área onde se encontram fortes vestígios da ocupação romana. Há que ter ainda em conta que foi detectado um pequeno troço de calçada na freguesia de Granjinha, que pode ter pertencido a esta via.

Este troço tem, de facto, um tratamento primoroso, dado o facto de estar implantada num sítio tão acidentado como é a encosta do Monte do Fradinho. Optou-se pela construção, em algumas partes, de plataformas artificiais feitas com blocos graníticos de modo a sustentar a via.

A calçada em si é magnífica, construída com lajes graníticas de médias e grandes dimensões, algumas apresentando já um forte desgaste provocado pela circulação de pessoas e veículos de tracção animal. As bermas estão cuidadosamente delimitadas por lajes colocadas paralelamente. O troço conservado tem mais de 2 km de comprimento, sendo a largura média de 4 m.

Acessos: Pode processar-se partindo de Távora, subindo por uma estrada de terra batida que segue até à saída da aldeia, do lado esquerdo, no sentido Távora-Tabuaço. Se preferir partir de Tabuaço, vai por uma estrada de terra batida que segue paralelamente à estrada de alcatrão para Chavães.

Bibliografia: Inédita.

Nome da Estação: **Troço de via (Tabuaço/Alto da Escrita).**

Tipo de estação: Via.

Período atribuível: Romano/Medieval.

Coordenadas geográficas: 41º 06' 32" Lat. N.; 01º 33' 11" Long. E. Lx.; 630 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl. 127, 2ª edição, 1987.

Descrição: É mais um troço de uma calçada antiga que ligava a Tabuaço, servindo as populações do lado SE do concelho. Esta foi sendo progressivamente abandonada após a construção da estrada de alcatrão que liga a Vale de Figueira. Conservando ainda um troço com uma extensão de 1,5 km, a calçada apresenta, no entanto, alguns troços bastante destruídos. Construída com lajes graníticas de dimensões medianas, sofreu algumas remodelações ao longo dos tempos. Actualmente corre o risco de ser invadida pela vegetação que prolifera nas suas imediações.

Acessos: Partindo junto à pedreira de Tabuaço. A via segue à direita desta.

Bibliografia: Inédita.

Nome da Estação: **Troço de via (Tabuaço/Chavães).**

Tipo de estação: Via.

Período atribuível: Romano/Medieval.

Localização: Lugar – Tabuaço; Topónimo – ?.

Coordenadas geográficas: 41º 06' 40" Lat. N.; 01º 34' 36" Long. E. Lx.; 630 m Alt.; C.M.P. 1:25.000, fl. 128, 2ª edição, 1986.

Descrição: Este troço desenvolve-se paralelamente à estrada de alcatrão que liga Tabuaço a Chavães, sendo possível avistá-la daí. Fica-nos a sensação de que esta via foi paulatinamente destruída com a construção da referida estrada de alcatrão. Hoje pouco mais resta que um pequeno troço com cerca de 500 m. Esta via é muito idêntica à que liga Tabuaço a Távora, dado que se desenvolve paralelamente a esta, uma cota um pouco acima, sofrendo os mesmos condicionalismos. A via foi construída com lajes graníticas de dimensões consideráveis, tendo sofrido remodelações ao longo dos anos com pedras mais pequenas. As bermas foram cuidadosamente delimitadas com lajes colocadas paralelamente uma às outras. Apresenta uma largura média de 4 m. Também aqui se optou em alguns sítios pela construção de patamares sustentadores da via. A calçada deve ter sido intensivamente utilizada durante muitos anos. O desgaste evidenciado nas pedras é um bom testemunho deste facto.

Acessos: Pela estrada municipal 515, que liga Tabuaço a Chavães.

Bibliografia: Inédita.